

Atoleiros

Revista Militar da Brigada Mecanizada

BRIGMEC
FORÇA MECANIZADA
30 ANOS 



ACREDITADO POR ENAC



Ano X - Nº20 - OUT2008

30 BRIGMEC ANOS

FORÇA MECANIZADA

ENTIDADE CERTIFICADA
apeer
ISO 15001





3

Editorial



4

Brigada Mecanizada
30 anos



10

D. Nun' Álvares Pereira,
Patrono da
Brigada Mecanizada



19

O Targeting na Brigada



23

A evolução da
Bateria de Artilharia Antiaérea
da Brigada Mecanizada



25

SITREP



41

A Simulação aplicada
ao Treino



44

CC LEOPARD 2 A6

46

Educação Física e Desporto



CORRESPONDÊNCIA

Cartas ao Director

Na sequência do contacto que fizemos com V. Ex.^a, temos agora a oportunidade de informar que o XXX Passelo todo-o-terreno – "O Raide a Santarém Monumental e Ném Tejo" realizado no passado dia 29 de Março pelo ROTA LEZÍRIA – Clube TT de Santarém, foi um sucesso. Este passeio constituiu mais um êxito, como puderam comprovar os cerca de 70 participantes, oriundos de várias zonas do país.

Muito respeitosamente, é intenção da Direcção expressar o seu agradecimento pela "atenção" prestada ao nosso Clube, que muito contribuiu para o êxito alcançado, esperando que, em futuros TT, possamos continuar a beneficiar de idêntico apoio, em proveito da região, e de todos os fãs desta modalidade. Desde já, em nome do Clube, sócios e simpatizantes do TT, os nossos agradecimentos.

O Presidente da Direcção,
Jorge Barros

Ex.^{ma} Senhor,

A Direcção da Associação Cultural Desportiva e Recreativa de Bicas vem por este meio agradecer a gentileza de atender o nosso pedido.

O 1º Passeio TT por "Terras de Alcolobre" foi um sucesso, também graças à bonita loja e às tendas que nos emprestaram e que fizeram as delícias de todos os participantes.

Estamos a pensar repetir o passeio no próximo ano e esperamos poder contar com o vosso apoio.

Tivemos todos os cuidados para vos devolver todo o material em condições.

Agradecemos a vossa colaboração,
Com os melhores cumprimentos,
Ana Isabel Marques Rodrigues
(Presidente da Direcção)

Ex.^{ma} Senhor,

Controlizada a visita programada à Brigada Mecanizada, em Santa Margarida, reforçam-se os agradecimentos pelas facilidades concedidas ao IDN ao ter-lhe sido proporcionado um contacto directo com esse Ramo das Forças Armadas e com a sua actividade operacional. A impressão causada junto dos Jovens Auditores foi a melhor, dada o excelente acolhimento que nos foi proporcionado e o alto nível das apresentações efectuadas, que permitiram verificar a forma eficaz como são empregues os recursos humanos e materiais postos ao dispor do Exército Português.

Com os melhores cumprimentos e elevada consideração,
O Director,
António José Tejo
Professor Doutor

Vimos por este meio expressar o V. Ex.^a, os nossos agradecimentos pela ajuda e colaboração dada à Escola do 1º CEB Nº 2 de Abrantes, no âmbito das festas de final de ano lectivo.

Com os melhores cumprimentos, gratos pela colaboração prestada,

A coordenadora dos Estabelecimentos,
Maria Fernanda Poupino Alfolade

A Escola Prática de Engenharia vem, por este meio, agradecer a disponibilidade dessa Brigada no apoio prestado nas comemorações do Dia da Arma de Engenharia e da Escola Prática, que contribuiu de forma extremamente positiva para a valorização deste evento de elevado cariz militar e de confraternização.

Com os melhores cumprimentos,
O Comandante,

Jorge Filipe Marques Moniz Corte-Real Andrade
Coronel Engenharia

O Comando da ESE manifesta o seu reconhecimento pela disponibilidade, profissionalismo e empenhamento de todo o pessoal envolvido na visita que os alunos do 36º CFS realizaram à Brigada Mecanizada, a qual foi extraordinariamente profícua e que muito contribuiu para o enriquecimento e valorização da sua cultura militar.

Acresce referir o sentimento manifestado pelos alunos, futuros Sargentos do nosso Exército pela forma agradável como foram recebidos, tendo sido enaltecida toda a organização e programa da visita.

O Comandante,
José Joaquim Freire Martins Lavado
Coronel Infantaria

Ex.^{ma} Sr. Comandante

Venho por este meio agradecer toda a disponibilidade manifestada, na cedência das tendas, para que se pudesse realizar o Acampamento de Escuteiros. Caso seja necessário alguma colaboração, a Câmara Municipal de Almeirim está à vossa disposição.

Com os melhores cumprimentos,
O Vice-Presidente,
Pedro Ribeiro

Visite as páginas da BrigMec em www.exercito.pt



FICHA TÉCNICA

Atoleiros
BRIGADA MECANIZADA

DIRECTOR:
Comandante da BrigMec
Maj.-General António Nogueira Agostinho

REDACÇÃO:
G9/BrigMec

PROPRIEDADE:
Cmd BrigMec - 2250-350 Constância

Capa:
G9/BrigMec

Design e Execução Gráfica:
TPM - Tipografia Papolaria Marques, Lda.
Rua Direita, 23 - 2140-665 Correioeira

Tiragem: 500 exemplares
Deposito Legal nº 135479/99
Preço: €5,00





Editorial

Este número da Revista Atoleiros marca o culminar de mais um período de intensa actividade operacional da Brigada Mecanizada, no ano em que se comemora o 30.º aniversário da sua criação como Brigada Mista Independente neste Campo Militar de Santa Margarida. Coincide ainda a edição deste número da Revista com a recepção dos primeiros 8 CC Leopard 2 A6, cuja introdução ao serviço do Exército constituirá, sem dúvida, um dos maiores desafios para o Grupo de Carros de Combate, para a Brigada Mecanizada e para o Exército, face a novas exigências no domínio da formação, das infra-estruturas a edificar e à sustentação a garantir para que este novo sistema de armas de elevada sofisticação tecnológica possa efectivamente contribuir para elevar o Exército ao nível dos seus parceiros da Aliança Atlântica e da União Europeia.

Estou certo que com o apoio dos Comandos Funcionais do Exército e com o profissionalismo dos quadros da Brigada, esse desafio será plenamente vencido nos anos que se seguem.

Também neste mês de Outubro, o *Esforço* da Brigada, estabelecido para o corrente ano, o levantamento, preparação e certificação do Agrupamento Mecanizado que integra a NRF-12 foi plenamente conseguido, pese embora as conhecidas dificuldades no plano dos efectivos. Em paralelo, a Companhia de Engenharia que constituirá a UNIFIL 5 se encontra na fase final do seu aprontamento, visando a sua projecção para o TO do Líbano no próximo mês de Novembro.

Estas realizações devem-se indubitavelmente ao extraordinário empenho, dedicação e profissionalismo dos militares da Brigada Mecanizada directa ou indirectamente responsáveis por estas missões de elevada responsabilidade.

Neste período, em que se verifica a habitual rotação de efectivos, presto a justa homenagem aos que agora terminam as suas funções e exorto todos os que agora aqui iniciam a sua prestação de serviço, sobretudo os jovens quadros, Oficiais e Sargentos, em início de carreira, a aproveitarem em pleno as extraordinárias oportunidades de realização profissional que a Brigada Mecanizada lhes oferece neste início da sua 4.ª década, como forma de garantir a continuidade do seu perfil de "escola" de armas combinadas, ao serviço do Exército, das Forças Armadas e de Portugal.

O Comandante da Brigada Mecanizada
António Noé Pereira Agostinho
Major-General



Brigada Mecanizada

30 anos



Da 3ª Divisão à BrigMec

Após o 25ABR74 e o consequente termo da guerra em África, a opção Europeia e o desejo manifesto de manutenção da nossa posição no seio da OTAN e, por outro lado, a necessidade de reorganizar, reinstruir e reequipar o Exército em termos convencionais, conduziram à criação de uma Grande Unidade (GU) destinada a preencher a lacuna deixada pela 3ª Divisão, a qual desde o seu início teve a sua existência comprometida enquanto Unidade de Manobra, dada a sua desadequação por via da sua estrutura de características regimentais, face à OTAN que experimentava já, em frequentes exercícios, o dispositivo de Brigada.

Foi assim que, em 19FEV76, foi nomeado para 1º Comandante da 1ª Brigada Mista Independente (1ª BMI), o Brigadeiro Henrique do Nascimento Garcia, tendo sido formalizada a sua criação pelo Decreto-Lei 91/78, de 11MAI78 do, ainda, Conselho da Revolução, no qual o seu artº 1º, para além de criar a 1ª BMI, a declara herdeira das tradições e do património histórico da 3ª Divisão, também conhecida por Divisão D. Nun' Álvares.

Como consequência do processo de mecanização da Brigada, tomou a designação de Brigada Mecanizada Independente (BMI), a partir de 12 de Outubro de 1993. No âmbito do recente processo de transformação do Exército Português, esta passou a designar-se, desde 26 de janeiro de 2006, por Brigada Mecanizada.

A Brigada que tem como Missões acometidas a defesa militar do território nacional, a

satisfação de compromissos internacionais e actuar nas demais situações para as quais é nomeada.

Em simultâneo com as actividades desenvolvidas no âmbito da sua missão, executa actividades de apoio à formação de quadros e tropas de outras unidades do Exército e tem um imperioso papel de auxílio no cumprimento das necessidades fundamentais relacionadas com o bem-estar e vida das populações.

Comemorações do 30º Aniversário da BrigMec

Com a Directiva Nº2 - 08/BrigMec, o Ex.º Comandante da BrigMec, MGen António Noé Pereira Agostinho, determinou que fossem planeadas, organizadas e executadas activida-



des alusivas à celebração do 30º Aniversário da BrigMec, as quais deveriam decorrer ao longo de todo o ano de 2008, tendo como **Intenção** "...obter projecção regional e nacional com as actividades desenvolvidas no âmbito das comemorações dos 30 anos da BrigMec, através das mais diversas actividades, nas quais, o nome e o papel da BrigMec na sociedade militar e civil sejam salientados.

As celebrações dos 30 anos da BrigMec devem pautar-se pela sobriedade, dignidade e iniciativa (não só das Unidades e Órgãos, mas também dos militares individualmente considerados), devendo ser aproveitadas todas as oportunidades correntes para benefício da imagem da Brigada. ..."

Em Anexo a esta directiva surge um Resumo de Actividades Planeadas, que na sua grande maioria tem sido executadas ao longo de todo o ano. Pode-se dizer, com assinalável sucesso, dada a resposta empenhada e voluntária de todos os homens e mulheres que tem a honra de aqui servir o Exército, as Forças Armadas e Portugal.

Destas actividades realçam-se, as consideradas como os pontos altos destas comemorações e que desenvolveremos mais à frente neste artigo, o Exercício "ROSA BRAVA/EFICÁCIA 08" e a Cerimónia Comemorativa do Dia da BrigMec. Para além destas, muitas outras merecem o devido realce, razão pela qual são devidamente apresentadas nas páginas desta Revista destinadas ao SITREP e Educação Física e Desporto. São elas:

	ACTIVIDADE	DATA
Eventos desportivos Internos	II Torneio de Golfe Atoleiros	16MAR
	Prova de Orientação	26 e 27MAR
	III Concurso Nacional Combinado do QGav	27 e 28JUN
	Provas da Avenida	4 edições
Eventos desportivos Externos	IV Grande Prémio de Atletismo do EPM	29JAN
	3 Léguas do Nabão (Tomar)	02MAR
	Meia Maratona de Lisboa	16MAR
	100 Km BTT (Portalegre)	03MAI
	3 Léguas da BrigRR	25SET
	Meia Maratona de Portugal	28SET
	Concurso de Inteiro de Fotografia	22FEV a 29ABR
	Exposição de Modelismo Militar	05 a 09MAI
	Jornadas de Segurança Rodoviária	07 a 08MAI
Participação em Festas de Concelhos Vizinhos	Festa de Nossa Senhora da Boa Viagem, na Vila de Constância	21 a 24MAR
	Festa da Ascensão, na Vila de Chamusca	30ABR a 01MAI
	Festas do Concelho de Vila Nova da Barquinha	12 a 15JUN
	Festas da Cidade e de São João, no Entrancamento	19 a 24JUN
	Ciclo de Conferências "Força Mecanizada"	02 a 06JUN
	Festa de S. Mateus em Viseu	05 a 11SET
	Concerto da OLE na Vila de Constância	11SET





Como corolário destas comemorações, pretende-se que até ao final do ano seja lançado um Livro Foto Reportagem 30 Anos da BrigMec.

Exercício "ROSA BRAVA/EFICÁCIA 08"

Este decorreu na BrigMec e mais uma vez, de forma integrada e conjunta, sendo o único que conta com a participação da totalidade das unidades mecanizadas, constituindo-se como uma oportunidade ímpar para aplicar conceitos doutrinais e procedimentos de emprego de armas combinadas, de forma transversal e abrangendo as várias funções de combate, designadamente ao nível de Estado-Maior, da manobra e dos apoios de fogos, combate e serviços. Destinando-se a desenvolver, a capacidade de planeamento, comando e controlo da BrigMec e das respectivas subunidades, na condução de operações, do tipo Defesa de Área, teve especial incidência nos procedimentos de planeamento e coordenação de apoio de fogos e treino da sustentação logística (através da activação da Ordem de Batalha do Batalhão de Apoio de Serviços (BAPSV)). Num quadro de uma intervenção "Out of Area" de uma Força Multinacional/OTAN, de modo a implementar uma resolução internacional.

Além de se proceder a uma *Combat Readiness Evaluation* (CREVAL) ao Agrupamento

Mecanizado/NRF-12, da responsabilidade da Inspeção-Geral do Exército, foram estabelecidos os seguintes objectivos específicos:

- Exercitar os Grupos de Artilharia de Campanha do Sistema de Forças do Exército no planeamento, controlo e condução de operações terrestres (GAC BrigMec e GAC BrigInt);
- Exercitar os procedimentos de coordenação de apoio de fogos, incluindo as actividades de *targeting*, envolvendo diferentes meios de execução de fogos, nomeadamente Artilharia, Morteiros, Aeronaves e meios de detecção (radares de localização de armas e alvos móveis) em estreita ligação/coordenação com a célula de informações e operações da Brigada;
- Executar operações de combate, com realização de fogos reais;
- Exercitar o sistema de alerta e defesa anti-aérea nos diversos escalões;
- Exercitar procedimentos administrativo-logísticos no apoio a uma manobra ofensiva, utilizando a doutrina OTAN;
- Treinar os procedimentos inerentes à defesa Nuclear, Biológica e Química (NBQ);
- Exercitar o planeamento e as medidas de apoio de fogos nos diversos escalões;
- Treinar o planeamento e execução de movimentos, diurnos e nocturnos;
- Treinar medidas de segurança das Transmissões contra acções de Guerra Electrónica,

no escalão Batalhão/Grupo e Companhia Independente;

- Integrar os diversos meios de pesquisa de informações disponíveis nos diversos escalões de comando;
- Treinar a análise e interpretação de notícias e o ciclo de produção de informações;
- Treinar os procedimentos de Comando e Estado-Maior e da acção de comando no escalão Brigada, Batalhão/Grupo e Companhia/Esquadrão Independente;
- Treinar o sistema de relatórios aos diferentes níveis de comando;
- Treinar a utilização da língua inglesa, nomeadamente na elaboração de toda a documentação, relatórios, comunicações e condução das reuniões, num ambiente multinacional;
- Treinar a utilização do Sistema de Comando e Controlo do Exército (SCCE);
- Continuar a motivar os quadros através de acções de divulgação de conhecimentos e de execução de exercícios que envolvam os meios em ambiente próprio da actividade operacional, num quadro credível de emprego de forças no actual ambiente geoestratégico;
- Testar a convocação e a integração do pessoal em Ordem de Batalha, nomeadamente os elementos que integram o BAPSV;
- Efectuar o treino tático envolvendo os





deslocamentos, os reconhecimentos, a escolha, a ocupação, a organização e a segurança de posições;

- Treinar técnicas de tiro, incluindo diferentes sistemas de armas;

- Praticar a constituição e o funcionamento de um Agrupamento de Grupos de Artilharia de Campanha (AgrGAC) e de Elementos de Apoio de Fogos (EAF) ao nível Brigada e Batalhão;

- Testar e treinar a utilização do Sistema Automático de Comando e Controlo (SACC), através da utilização do *Advanced Field Artillery Tactical Data System* (AFATDS);

- Reforçar a coesão e o espírito da camaradagem entre os militares das unidades de apoio de fogos participantes;

- Praticar a integração de unidades de apoio de fogos das unidades de manobra, nomeadamente dos Pelotões de Morteiros Pesados do Batalhão de Infantaria Mecanizado (BIMec), Batalhão de Infantaria e de Unidades de Fuzileiros da Armada Portuguesa;

- Treinar os procedimentos/ligação com a Força Aérea Portuguesa especialmente na realização de missões de apoio aéreo quer de combate quer de transporte de forças;

- Praticar observação aérea (incluindo regulação) dos fogos.

O Exercício desenvolveu-se em duas fases distintas: *Computer Assist Exercise/Command*

Post Exercise (CAX/CPX) e *Live Exercise* (LIVEX).

A primeira, de 25FEV a 07MAR e contou com o apoio do Centro de Simulação do Exército. Os Postos de Comando da BrigMec e das suas Unidades mantiveram a sua localização em Santa Margarida, tendo sido activadas células de resposta de Escalão Companhia, em Lisboa no Centro supracitado que materializavam as diferentes subunidades no terreno. Nesta fase é de realçar a participação de Célula de Resposta de Unidade do Exército de Espanha (BRIMZ XI), que participou no âmbito da cooperação bilateral dos Estados-Maiors Peninsulares.

A segunda fase, de 14 a 24ABR, integrou o Exercício EFICÁCIA 08, de nível Exército, passando a designar-se por Exercício "ROSA BRANCA/EFICÁCIA 08".

Tendo contado com a participação de todas as unidades da Brigada Mecanizada, contou ainda com a das seguintes forças da Força Operacional Permanente do Exército:

- Elementos de Apoio de Fogos e Equipa de Coordenação Aérea;

- Grupo de Artilharia de Campanha da Brigada de Intervenção;

- Companhia de Pontes;

- Pelotão de Defesa NBQ;

- Pelotão de Aquisição de Objectivos;

- Pelotão de Morteiros do Regimento de Guarnição N°1 (Zona Militar dos Açores);

- Pelotão de Morteiros do Regimento de Guarnição N°3 (Zona Militar da Madeira);

Além destas forças também participaram outras Unidades do Exército, da Marinha e da Força Aérea Portuguesa:

- Do Exército:

- Uma Companhia de Atiradores do Regimento de Infantaria N° 14 e uma Companhia de Comandos como Forças Opositoras e de Cenário;

- Elementos do Comando Operacional e Equipas da Brigada de Reacção Rápida para Controlo e Arbitragem.

- Da Marinha:

- Um Pelotão de Morteiros Pesados do Corpo de Fuzileiros.

- Da Força Aérea:

- Base Aérea N°5 (Monte Real);

- Esquadra F-16;

- Base Aérea N° 11 (Beja);

- Esquadra AlphaJet;

- Esquadra Helicópteros Alouette III;

- Uma Equipa de Controlo Aéreo Tático do Comando Operacional da Força Aérea.

Contou ainda com a participação de militares de países amigos, nomeadamente dois Tenentes do Exército da Eslovénia e dois Oficiais Superiores do Exército Búlgaro. Traduzindo-se num empenhamento de um total aproximado de 2.000 militares, 350 viaturas (tácticas e de combate), 20 saídas de aeronaves

e envolvendo um conjunto diversificado de armamento ligeiro, médio e pesado.

Tendo decorrido debaixo de condições atmosféricas deveras adversas, o exercício proporcionou a todos os participantes a realização de todo o conjunto de procedimentos relativos ao planeamento e à execução de operações em ambiente de guerra convencional, recorrendo ao uso da aplicação SICCE, à realização de Vídeo Conferências entre os postos de Comando instalados no Campo e ao uso integrado de todos os sistemas de armas desde os orgânicos das unidades aos de apoio de fogos e aéreos que participaram no exercício.

Este ano, pela primeira vez, contou-se com a participação de alunos de Comunicação Social da Escola Superior de Tecnologias de Abrantes (ESTA), que no âmbito da sua formação, como futuros profissionais de comunicação participaram numa conferência de imprensa, desempenhando a função de jornalistas e que decorreu em 20ABR08. Foram recebidos na povoação de Chaminé e tratados como se estivessem a chegar um verdadeiro local de conflito armado, receberam um briefing sobre a forma como deveriam actuar a partir daquele momento, foram equipados com colete balístico e capacete e transportados e escoltados até ao local onde decorreu a conferência imprensa. Esta foi uma actividade muito importante e que se pretende repetir uma vez que para além de, constituir uma iniciativa única para alunos e militares, por proporcionar o contacto com uma situação específica e que contribui para a sua preparação em contexto real, permitiu igualmente a aproximação entre estas duas instituições.

Em 23ABR realizou-se o Distinguished Visitors Day, que contou com a presença de S. Ex.^a o Ministro da Defesa Nacional, Professor Doutor Nuno Severiano Teixeira, para além de diversas entidades Cívicas e Militares, Nacionais

e de Outras Nacionalidades. Este evento teve como principal actividade a realização de uma demonstração táctica com fogos reais, explicada em pormenor, pelo TCor Inf Lino Gonçalves Comandante do AgrMec NRF 12 e pelo TCor Art Figueiredo Rocha Comandante do GAC/BrigMec.

A demonstração táctica envolveu, alguns dos meios que participaram no Exercício ROSA BRAVA/EFICÁCIA 08, sendo o culminar não só do exercício propriamente dito como de um ciclo de instrução colectiva e treino operacional.

Refira-se que durante a fase de manobra desta demonstração, além da participação de meios do Exército e da Marinha (Fuzileiros) participou também a Força Aérea Portuguesa com a execução de duas missões de apoio aéreo próximo (com F 16 e AlphaJet) e uma evacuação médica com recurso a uma paragem de helicópteros.

Comemorações do Dia da BrigMec

Comemorou-se, em 06ABR08, o dia da BrigMec, data esta que marca a Batalha de Atoleiros, onde se destacou a acção de D. Nun' Álvares Pereira, patrono da Brigada Mecanizada (BrigMec). Por questões de calendário decorreu no dia 04ABR08.

Esta Cerimónia militar, presidida por S. Ex.^a o Gen Chefe do Estado-Maior do Exército, General José Luís Pinto Ramalho, decorreu na Pista de Aviação da BrigMec, onde estiveram formadas, uma Força Apeada com o máximo de efectivos disponíveis nas UU/OO/BrigMec e uma Força Montada constituída à custa do AgrMec/NRF 12.

Do guião da Cerimónia e após a chegada de S. Ex.^a o Gen CEME à Pista de Aviação, onde lhe foi prestada continência pelas Forças em Parada, é de destacar a Alocução do Ex.^{ma} MGen Cmdt da BrigMec, a Leitura da Mensa-

gem de S. Ex.^a o General CEME, a imposição de condecorações a militares que prestam ou prestaram serviço na Brigada, a entrega do Troféu de Mérito Desportivo, referente ao ano de 2007 e ganho pelo 1º BIMec e por último o desfile das Forças Apeada e Montada.

Com a sua Mensagem, S. Ex.^a o Gen CEME transmitiu aos militares e civis da BrigMec as seguintes ideias:

"É com orgulho e satisfação que o Comandante do Exército assinala as cerimónias comemorativas do dia festivo da Brigada Mecanizada, fiel depositária de um vasto acervo histórico, patrimonial e operacional, manifestando publicamente o seu apreço pelas relevantes serviços prestados ao Exército, na prossecução dos superiores interesses nacionais.

A Brigada Mecanizada é um elo fundamental da Força Operacional Permanente, cuja mais-valia se traduz não só na sua especificidade mecanizada mas também como centro de excelência da manobra, como campo de instrução e treino de Unidades e Quadras do Exército, como Escola de saber e conhecimento operacional, como Grande Unidade onde se praticam os mais nobres valores e virtudes militares.

Uma palavra de consideração e estímulo a todos os militares e civis que, nela prestando serviço, com enorme espírito de sacrifício, elevada competência e grande determinação, têm inequivocamente contribuído para a afirmação da Brigada e do Exército, quer no plano interno, quer no plano externo.

É igualmente justo realçar o extraordinário desempenho das Unidades da Brigada Mecanizada no cumprimento dos compromissos internacionais assumidos pela Nação, designadamente nos teatros de operações do Líbano e dos Balcãs, sob a égide da ONU e da OTAN; tal desempenho tem sido objecto de reiterados e merecidos elogios por parte das mais altas entidades internacionais e do Estado, num inestimável contributo do Exército





para a paz e segurança mundiais, em apoio da política externa nacional.

Significa isto que estamos no caminho certo, que o grau de exigência na preparação, treino e aprontamento das nossas forças é adequado à sua certificação, nacional e multinacional, conferindo-lhes os instrumentos indispensáveis à sua actuação em todo o espectro da conflitualidade actual, em consonância com o ambiente estratégico contemporâneo.

Congratulamo-nos, quer com os elevados níveis de preparação da Unidade de Engenharia que integra um Battlegroup da União Europeia, actualmente em período de "stand-by", quer de igual modo, com o aprontamento do Agrupamento Mecanizado para a NRF-12, que constitui uma prioridade do Comando do Exército e ao qual serão conferidos os recursos humanos e materiais indispensáveis ao cumprimento da sua missão, no âmbito da OTAN.

O produto final do Exército é a sua capacidade operacional, que se traduz numa Força moderna, com elevada prontidão, adequada sustentação, projectável, capaz de actuar de forma conjunta e combinada, de acordo com a evolução do ambiente envolvente; o ano de 2008 tem de ser um ano de acção, de concretização, de obtenção de resultados práticos e de consecução de objectivos.

A capacidade mecanizada da Brigada, projecto estruturante do Exército, continuará a ser reforçada e modernizada com a aquisição dos carros de combate LEOPARD 2, consubstanciando um importante salto tecnológico e qualitativo na operacionalidade desta Grande Unidade e do Exército, conferindo-lhes maior adequabilidade operacional no quadro da Aliança e aproximando-nos dos Exércitos de referência.

Pretende-se que 2008 seja, também, um ano de esforço colectivo na área da obtenção de recursos humanos, por forma a atingir-se o objectivo estrutural preconizado, indispensável à manutenção da eficácia do Ramo.

Continuaremos, pois, a exercer um esforço de permanente melhoria e adequação das infra-estruturas e instalações existentes na Brigada Mecanizada e no Exército, constituindo um incentivo adicional de atracção e manutenção dos seus efectivos, do seu moral e bem-estar.

Neste quadro, revela-se de primordial impor-

tância a ligação efectiva da Instituição Militar à sociedade, através da proximidade geográfica e afectiva com a população, não perdendo de vista a promoção dos valores e da imagem pública do Exército; neste domínio as Unidades do Exército estão na primeira linha desta ligação.

Militares e funcionários civis da Brigada Mecanizada

Os actuais constrangimentos obrigam à análise continua dos factores de evolução da conjuntura, exigindo o investimento permanente em elevados padrões de formação e qualificação, catalizadores de uma postura pró-activa, de criatividade e abertura à inovação, elementos indispensáveis à consolidação de um Exército ágil e flexível, presente de forma activa e credível, nas construções e paradigmas da modernidade.

Ciente do capital de experiência acumulado, da confiança de que somos credores e do seu importante papel no quadro mais geral do Exército, o Chefe do Estado-Maior afirma a sua confiança na Brigada Mecanizada face aos riscos e desafios do futuro, com a certeza de que as superiores e inextinguíveis qualidades de todos quantos nela servem, são o garante de que a missão será cumprida com sucesso, na procura permanente da excelência, prestigiando o Exército, honrando e servindo Portugal.

Por sua vez o Ex.^{ma} MGen António Agostinho, Cmdt da BrigMec, proferiu a seguinte alocução:

"...Como é de todos conhecido, a história desta Brigada, herdeira das tradições da 3.^a Divisão criada há 55 anos, está indissociavelmente ligada à figura do seu Patrono, D. Nuno Álvares Pereira e à Batalha, que no próximo Domingo, 6 de Abril, faz 624 anos que, nos campos de Atoleiros se travou contra o invasor pretendente ao trono de Portugal.

De lá viemos na passada Quarta-Feira, em estafeta participada pelas onze subunidades da Brigada, e de Infantes das Brigadas de Reacção Rápida, em tributo ao esforço e ao sacrifício daqueles que, morrendo, permitiram que Portugal sobrevivesse como Nação até hoje.

Também esta Brigada tem contribuído com o seu esforço, por vezes com a morte de alguns dos seus, para que a Nação se perpetue e ocupe lugar de destaque entre as suas pares na comunidade internacional.

Até aqui chegamos, 3 décadas de compe-



tência, de eficácia, de inovação, de descoberta, enfim, de verdadeira escola de armas combinadas se passaram. Em paralelo, duas transformações: A primeira, ocorrida a 17 de Março de 1994, na sequência da sua total mecanização, a 7.^a Brigada Mista Independente do Brigadeiro Nascimento Garcia em 11 de Maio de 1978, transformo-a em Brigada Mecanizada Independente e outra, muito recente, por despacho de Sua Excelência o General CEME de 23 de Agosto de 2005, com a perda de algumas das suas capacidades autónomas, dá-lhe a sua actual designação; simplesmente Brigada Mecanizada.

A criação desta Brigada, marcou na altura a verdadeira transição do Exército configurado para a Contra-Guerrilha, em prática durante os anteriores treze anos da Guerra Colonial, para as operações ditas clássicas de acordo com a doutrina da OTAN. A introdução das Viaturas Blindadas de Transporte de Pessoal da família M 113, foram o elemento fundamental para essa transição e para o desenvolvimento da "escola de armas combinadas" que ocorreu neste Campo Militar de Santa Margarida, pela mão de gerações de quadros das diferentes armas do Exército. Os Exercícios da série Display Determination na Norte de Itália no final da década de 70 e durante os anos 80 foram os pontos altos dessa preparação para uma nova realidade, num quadro geopolítico caracterizado pela Guerra-fria.

No entanto, desde então, e ao que diz respeito ao seus equipamentos principais, não se registaram alterações significativas. As Viaturas



Blindados da família M113 são ainda as mesmas, o Grupo de Artilharia de Campanha 15,5 Autopropulsado só o ano passado viu chegar os últimos 6 obuses para a sua 3ª Bateria e os Camões de Combate M60, sucessores dos M48 do início, estão a atingir o fim da sua vida útil.

Porém, esse défice de modernidade não impediu que a Brigada desempenhasse um papel primordial no esforço colectivo do Exército, das Forças Armadas e da Nação, na defesa dos Interesses Nacionais, fora do território nacional, nas ditas Missões de Paz, desde 1997 na Bósnia-Herzegovina até hoje, com participações de várias das suas unidades no Kosovo, em Timor-Leste e mais recentemente no Líbano.

Tem sido igualmente a Brigada uma verdadeira escola de formação de quadros do Exército, rentabilizando as suas condições infraestruturais únicas, ao serviço das Escolas de Formação das Armas e Serviços e da Academia Militar, acção esta que queremos aprofundar, dinamizar e desenvolver cada vez mais.

O ano que acabou de passar não foi excepção. Apesar de algumas dificuldades resultantes do recente processo de transformação, com reflexo sobretudo nos efectivos, a Brigada manteve uma Unidade de Escalão Batalhão no Kosovo, como Reserva Tática da KFOR; Preparou, projectou e sustentou uma Companhia de Engenharia no TO do Líbano, a UNIFIL 2, com militares do Regimento de Engenharia 1 e oprimou e mantém, na situação de "StandBy", uma Companhia de Engenharia de um BattleGroup da União Europeia. Para além deste empenhamento internacional, realizou 1 Exercício de nível Brigada, 3 de nível Agrupamento e participou com células de resposta em 3 Exercícios Multinacionais em Espanha.

Em paralelo com esta intensa actividade operacional a Brigada organizou e realizou 11 cerimónias militares e participou nas do Dia de Portugal e das Forças Armadas em Setúbal com um significativo número de viaturas blindadas e ainda no Dia do Exército em Leiria.

No plano das missões de interesse Público, foram empenhados 312 efectivos e 90 viaturas, de Junho a Outubro, no quadro da prevenção de incêndios.

Já no âmbito do apoio à formação e preparação de quadros e tropas do Exército, apoiaram-se 13 exercícios de outras forças neste Campo Militar o que significou uma utilização do mesmo de 176 dias. Para tal, foi exercido um esforço significativo no domínio da manutenção e recuperação de infra-estruturas, através de um rigoroso investi-

mento dos recursos financeiros postos à disposição e outros gerados pela própria Brigada. Fazemo-lo porque entendemos que este Campo Militar tem todas as potencialidades para satisfazer as necessidades futuras do Exército.

Uma das áreas em que neste último ano, dedicámos particular atenção, foi a do desenvolvimento dos nossos recursos humanos, sobretudo das praças. Fizemo-lo na sequência do Programa de Educação e Formação do Exército, através da realização de um protocolo com o Centro de Novas Oportunidades de Santarém, com o qual temos vindo a trabalhar desde Setembro, para conseguir conferir certificações dos 9.º e 12.º anos de escolaridade em regime de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências.

Os resultados deste esforço falam por si: Até ao momento, foram formados 60 militares com o 9.º ano, mantendo-se em formação mais 90 e outros 40 inscritos.

No 12.º ano existem 24 militares em formação e outros 260 inscritos. Porque necessitamos de efectivos cada vez mais habilitados e porque queremos dar às nossas praças melhores condições para competirem no mercado de trabalho, aquando da sua saída das fileiras, iremos continuar este esforço sem desfalecer.

No início desta sua terceira década, a Brigada Mecanizada vai ser palco da introdução de um dos mais modernos equipamentos, igualmente ao serviço dos principais Exércitos aliados da OTAN e da União Europeia. Trata-se do Carro de Combate Leopard II A6, cuja tecnologia incorporada constituirá um dos principais desafios para a Brigada e para o Exército. Encontram-se já na Holanda os primeiros quadros em formação e no próximo mês de Maio, outros se seguirão, por forma a permitir que as primeiras 8 unidades cheguem a este Campo Militar e comecem a ser operados com eficiência e de acordo com as suas elevadas exigências técnicas.

Com o lançamento esperado a breve trecho do programa de "upgrade" para um número significativo de viaturas blindadas da família M113, ficará a brigada em condições, ao nível de capacidades para desempenhar o seu papel como Força Mecanizada Moderna da Força Operacional do Exército, que se pretende cada vez mais forte, mais capaz e como tal, mais eficaz.

Mas a introdução de novos equipamentos por si só não basta. Será necessário guardá-los com efectivos bem preparados e em quantidade que garantam a capacidade para os manter em níveis de operacionalidade exigentes, dando coerência ao volume do investimento efectuado.

Acreditamos, em permanência, contar com apoio dos Comandos Funcionais nesse sentido, quer ao nível da manutenção dos efectivos, quer ao nível da sustentação logística, que passará a ser cada vez mais exigente e implicará novos modelos de gestão.

A 4.ª Década da Brigada perspectiva-se assim, rica em desafios, tal como as anteriores. Entretanto, o pragmatismo que nos caracteriza



leva-nos a focarmo-nos no presente. E esse não está muito longe.

Temos actualmente em mãos e até ao final deste ano, uma das missões mais exigentes de sempre: a preparação de um Agrupamento Mecanizado que constituirá a participação nacional na Nato Response Force 12, como o seu período de "Stand By" durante o primeiro semestre do próximo ano.

Para o conseguirmos, a Brigada empenhou-se decisivamente, no plano dos efectivos, mas ainda teremos um árduo e longo caminho a percorrer, desejavelmente acompanhados pelos que nos apoiam. Já nas próximas semanas decorrerá o Exercício Rosa Brava 08, no qual queremos ver esta força certificada a nível Nacional, para que possa prosseguir o seu treino de nível internacional. Para se cumprir mais este objectivo, também a Brigada depende do apoio dos diferentes Comandos da Estrutura Superior do Exército.

Estou ciente que com essa colaboração, a Brigada honrará os seus compromissos, como tantas vezes, ao longo destes 30 anos, nunca deixou de fazer.

Por fim, pretendo estender o calor destas celebrações aos militares da Brigada que actualmente cumprem missões ao serviço do país, no Chade e no Iraque e ainda àqueles que cumprem missões de Formação junto do Exército Holandês.

Hustres Convidados, Meu General Chefe, Os Homens e Mulheres presentes nesta parada militar, a sua Brigada Mecanizada, orgulham-se dos pergaminhos desta Grande Unidade. Curvam-se perante aqueles que os antecederam e trilharam laboriosamente o caminho que os aqui conduziu.

Queremos nós iniciar o trilho de mais uma década de missões, de responsabilidades e de "escola de armas combinadas" que nos orgulhamos de ser. Que a sorte nos favoreça nessa ambição. Sabemos que a sorte exige muito esforço. Todos na Brigada Mecanizada estamos prontos para o exercer.

Para além da Cerimónia militar, as referidas comemorações incluíram ainda a "inauguração oficial" das instalações da Messe de Oficiais do Núcleo 1 que foram alvo de obras de recuperação, onde decorreu um almoço convivio.

Ainda no âmbito do aniversário da Brig-Mec, teve lugar em 02ABR, a já tradicional Estafeta Nun'Alvares Pereira, ligando o lugar de Atoleiros (Fronteira) ao Campo Militar de Santa Margarida, numa distância de 90Km.



Toma esta espada, cavaleiro. Exerce com ela o vigor da justiça e derruba o poder da injustiça. Defende com ela a Igreja de Deus e os seus fiéis. Dispersa os inimigos do nome cristão. Protege as viúvas e os órfãos. O que estiver abatido, levanta-o. O que tiveres levantado, conserva-o. O que estiver conforme com a ordem, fortalece-o. É assim que, ufano e glorioso somente com o triunfo da virtude, chegarás ao reino celeste, onde reinarás eternamente com o Salvador do Mundo.

Aos treze anos de idade, na presença do rei D. Fernando e de toda a corte, D. Nun'Álvares Pereira recebeu a solene investidura de cavaleiro, pelas mãos da rainha D. Leonor, corria o ano de 1373.

D. Nun'Álvares Pereira

PATRONO DA BRIGADA MECANIZADA

A região da comarca de entre Tejo e Guadiana (onde se encontra Santa Margarida) foi palco de uma das mais espetaculares e bem sucedidas campanhas militares da História de Portugal. O dia festivo da Brigada Mecanizada (BrigMec) invoca a batalha dos Atoleiros, ocorrida a menos de cem quilómetros do Campo Militar de Santa Margarida. Nas armas da BrigMec encontra-se a Cruz de Avis, de D. João I, o monarca e amigo que D. Nuno lealmente serviu em todas as circunstâncias. D. Nuno, o Condestável, foi um homem extraordinário no seu tempo. A ele ainda hoje devemos muito, como portugueses e, em particular, como militares. Para compreender melhor a medida do homem extraordinário que foi, urge compreender o tempo em que viveu e o mundo que o rodeava.

A EUROPA

O Séc. XIV traduz-se na Europa por uma crise profunda. A sucessivos anos de colheitas deficitárias junta-se o abrandamento da produção mineira, com a consequente compensação imposta pelos senhores através de um excesso de fiscalidade¹. Outra consequência imediata são os períodos de fome generalizada: na Europa do Norte entre 1315 e 1317; na Europa do Sul entre 1346 e 1347. Por outro lado, a peste negra, entre 1346 e 1350, reduziu a população europeia em cerca de um terço. Em Portugal o surto foi mais intenso em 1348². Esta epidemia não só foi um drama sanitário como assumiu dois efeitos importantíssimos. Um, no campo do místico-religioso e, portanto, moral, entendido como castigo divino e um outro, muito mais terreno, mas de repercussões prolongadas no tempo: desbaratou a mão de obra agrícola de modo considerável acabando por infligir um rude golpe na produção das décadas seguintes.

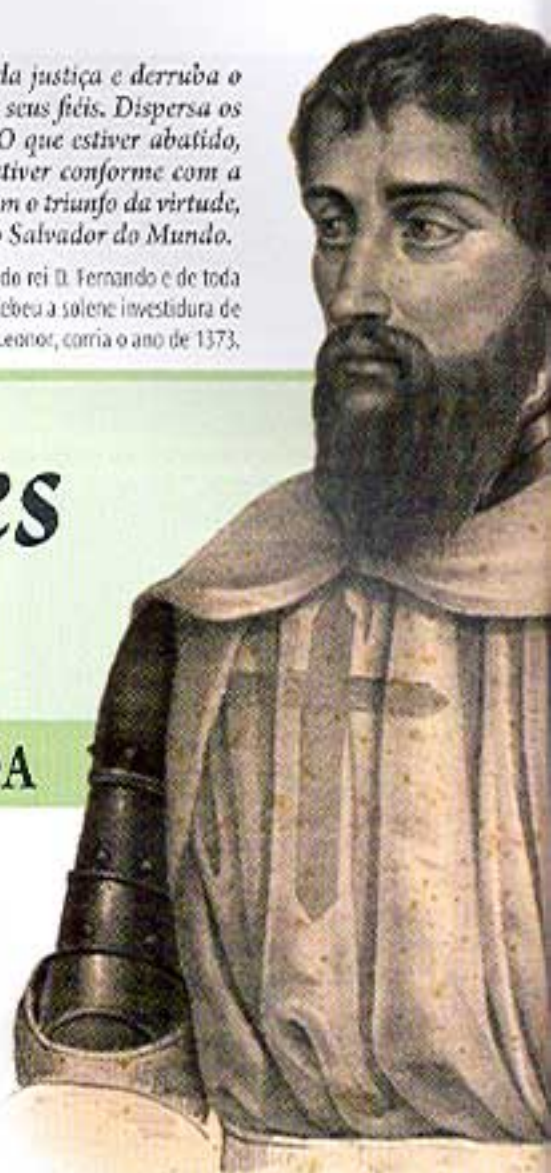
Em 1337 os poderosos reinos de Inglaterra e França envolvem-se no conflito que ficou conhecido como a Guerra dos Cem Anos (1337-1453).

O Séc. XIV europeu viu também ocorrerem frequentes revoltas localizadas, sobretudo protagonizadas pelo povo. As revoltas dos trabalhadores ingleses liderados por Watt Tyler, em França os "Jacques", na Flandres os "Unhas Azuis", em Florença os "Ciompi" não ocorreram em simultâneo, não se trataram de movimentos sociais combinados, nem os propósitos eram exactamente iguais³. Nem sequer se pode falar de uma consciência popular ou nacional. Dado que não há ligação entre as diferentes revoltas, somos orientados a concluir que estas eclodiram porque o ambiente e a situação social e económica assim o determinaram. É este dado, por sua vez, prova que o Séc. XIV foi profundamente diferente para pior, a uma grande escala, do que os séculos que o antecederam e dos que o sucederam. Isto também ajuda a explicar, como veremos adiante, por que razão o povo seguiu com facilidade o Mestre de Avis.

O Contexto Ibérico

O Séc. XIV peninsular é, em certa medida, um reflexo do que se passou no resto da Europa. As monarquias portuguesa e castelhana ti-

veram em comum, por diversas ocasiões, lutas internas entre a nobreza e elementos da própria família real, normalmente por questões sucessórias. Isto originou, a espaços, um fluxo de exilados, quer de um lado, quer do outro que, fruto da proximidade geográfica, se iam cruzando. Do lado castelhano, por exemplo, a subida ao trono, em 1350, do filho legítimo de Alonso XI, D. Pedro I, provocou uma luta com um conjunto de herdeiros ilegítimos, fomentando a guerra civil⁴. Em Portugal, o conhecido desfecho da relação amorosa entre o infante D. Pedro e D. Inês de Castro (em 7 de Janeiro de 1355) acentuou uma clivagem já existente entre elementos da alta nobreza. Por outro lado, a corte portuguesa pululava de linhagens castelhanas exiladas, ao mesmo tempo que inúmeros nobres portugueses foram acolhidos em Castela. Neste intrincado de ressentimentos havia uma figura no reino que conseguia agregar em sua volta um conjunto de descontentes e ressentidos. Era D. João de Castro, filho mais velho de Pedro e Inês. Casado com Maria Telles, a irmã da rainha, foi vítima de uma intriga que o levou a assassinar a própria mulher vindo a refugiar-se depois





em Castela³, onde foi aprisionado. Deste modo, um dos principais pretendentes ao trono, no tempo do rei D. Fernando, foi colocado "fora de campo".

Como já vimos, do ponto de vista social, a segunda metade do século XIV é caracterizada pela drástica redução dos rendimentos senhoriais. Isto veio a acentuar as dificuldades dos filhos segundos e bastardos, afastados do acesso ao património familiar por regras de sucessão bem definidas⁴.

Foi neste quadro que o rei D. Fernando [1367-1383], cujo reinado foi grandemente dominado pela família Teles (inclusive a rainha, D. Leonor Teles, provinha desta família), promoveu o casamento da sua filha D. Beatriz com o monarca de Castela, D. Juan I em 1383. D. Fernando morreu nesse mesmo ano sem deixar nenhum herdeiro directo masculino.

Dado que o infante D. João de Castro se encontrava aprisionado em Castela, as famílias relegadas para segundo plano na corte durante o reinado de D. Fernando apressaram-se a organizar-se em torno de um outro bastardo régio, filho de D. Pedro e de uma outra dama, D. Teresa Lourenço. Era D. João, Mestre da Ordem Militar de Avis, que viria a ser o rei D. João I.

Em poucas semanas ficaram bem definidos as duas facções principais em oposição: o partido de D. Beatriz, que defendia que o trono de Portugal pertencia, por direito, ao monarca de Castela, seu marido, e o partido de D. João Mestre de Avis. A defender a causa de D. Beatriz ficava também a regente do reino, a rainha viúva, D. Leonor Teles, com a sua conhecida relação amorosa com o Conde João Fernandes Andeiro, ideólogo do partido que apoiava Juan I de Castela e D. Beatriz.

Em torno de D. Beatriz encontrava-se boa parte da alta nobreza e dos filhos primogénitos e herdeiros, senhores de vastas possessões. Em torno de D. João, mestre de Avis, filhos bastardos e secundogénitos, boa parte deles com carreiras militares nas Ordens de Avis, de Cristo, Santiago e do Hospital. Era uma elite militar. Prova-o a forma como foi conduzida

a campanha de 1383-1390 e como se avançou para Ceuta em 1415. O próprio D. João era precisamente o Mestre de uma das Ordens.

A crise de 1383-1385 teve também uma dimensão popular muito importante explicável pelas circunstâncias sociais e económicas anteriormente descritas.

DOM NUNO

É na conjuntura descrita que nasce, em 24 de Junho de 1360, em Cernache do Bonjardim (hoje concelho da Sertão), D. Nun' Álvares Pereira⁵. Era filho de D. Álvaro Gonçalves Pereira, Prior do Hospital e de Iria Gonçalves do Carvalho. Com um ano de idade foi legitimado por um acto do rei D. Pedro. Recebeu a mais apuradora educação em casa de seu pai⁶. Como era hábito nos fidalgos adolescentes da época, entrou para o serviço do rei, instruindo-se nas coisas das armas, lendo e ouvindo contar histórias dos Cavaleiros da Távola Redonda e daquele que se tornaria uma espécie de seu ídolo, Galaaz⁷. Casou com Leonor de Alvim, em 1376, jovem "Dona Viúva" de Vasco Gonçalves Barrosa, poderosa fidalga de Pedraza⁸, em Vila Nova da Rainha, freguesia do concelho de Azambuja. Quando o rei Fernando de Portugal morreu em 1383, sem herdeiros a não ser a princesa Beatriz casada com o rei João I de Castela, D. Nuno foi um dos primeiros nobres a apoiar a pretensão à coroa de João, o Mestre de Avis.

Destacou-se em 1383 e 84 em diversos recontros contra forças castelhanas, nomeadamente no Alentejo, onde se salienta a batalha dos Atoleiros em 6 de Abril de 1384. Exactamente um ano depois de Atoleiros, a 6 de Abril de 1385, D. João é reconhecido, pelas cortes reunidas em Coimbra, como Rei de Portugal. Nessas mesmas cortes D. Nuno é nomeado Condestável. Esta posição de força portuguesa desencadeou uma resposta à altura em Castela. Juan I de Castela invadiu Portugal pela segunda vez em dois anos, com vista a proteger os interesses de sua mulher, Beatriz. D. Nun' Álvares Pereira tomou o controlo da situação no terreno e iniciou uma série de cercos a cidades leais a Castela, localizadas principalmente no Norte do país.

A 14 de Agosto de 1385, D. Nun' Álvares Pereira mostrou toda a amplitude do seu génio militar, ao vencer a batalha de Aljubarrota, à frente de um exército de 6000 portugueses e aliados ingleses, contra perto de 30 000 tropas castelhanas e francesas⁹. A batalha viria a ser decisiva para o fim da instabilidade política de 1383-1385 e consolidação da independência portuguesa. Finda a ameaça castelhana, Nun' Álvares Pereira permaneceu como condestável do reino e tornou-se Conde de Arraiolos e Barcelos. Entre 1385 e 1390, ano da morte de João de Castela, dedicou-se a realizar incursões junto à fronteira de Castela, com o objectivo de manter a pressão e dissuadir o país vizinho

de novos ataques.

Do seu casamento com Leonor de Alvim, o Condestável teve apenas uma filha, Beatriz Pereira de Alvim, que se tornou mulher de Afonso, o primeiro Duque de Bragança, sendo assim um dos antepassados da actual casa real portuguesa. Lembrado como um dos melhores generais portugueses abraça, nos últimos anos, a vida religiosa carmelita.

ATOLEIROS E ALJUBARROTA

Estes dois recontros, a par com o de Trancoso (29 de Maio de 1385), foram as três grandes batalhas entre 1383 e 1385 dignas desse nome. Houve inúmeros confrontos durante todo o tempo, mas os efectivos presentes raramente ultrapassaram as escassas centenas. Vamos abordar Atoleiros e Aljubarrota dado que se destacam para o presente trabalho por duas razões:

— A primeira razão é a de que foram as batalhas decisivas do período. Atoleiros foi essencial como catalisador moral, positivo para os partidários do Mestre de Avis e negativo para Juan I. Demonstrou claramente que Castela não era invencível em campo aberto, representando o maior revés sofrido pelos castelhanos até então e um reforço extremamente consistente da causa de D. João de Avis. Aljubarrota confirmou definitivamente a independência de Portugal e colocou tacitamente D. João I na posição de monarca português, tal como tinha sido proclamado nas cortes de Coimbra em 6 de Abril anterior.

— A segunda razão é que na génese das duas vitórias esteve D. Nun' Álvares Pereira. Ambas se devem à bravura dos portugueses, mas, acima de tudo, à liderança e visão de D. Nuno. Ambas são exemplos de excelência militar e exímio emprego tático.

Atoleiros

Em 8 de Fevereiro de 1384, o rei de Castela colocou forças em Lisboa na zona do Lumiar, dando assim início a um cerco que viria a ficar completado em Março, com a chegada de uma frota castelhana ao Tejo.

O Mestre de Avis, ocupado com a defesa de Lisboa, foi informado de que Juan I tinha solicitado reforços para o cerco, que se dirigiam de Castela pelo eixo mais directo — o Alto Alentejo. Em Março de 1384 nomeou D. Nuno fronteiro da comarca de Entre Tejo e Guadiana. Esta decisão teve alguma oposição inicial de João das Regras, dado que este alegava que os irmãos de D. Nuno vinham na hoste castelhana. D. João manteve a sua intenção e autorizou D. Nuno a escolher, em Lisboa, 200 cavaleiros, dos quais 40 da primeira nobreza. Deu-lhe também autorização para juntar à sua hoste cerca de 1.000 homens a pé. Nuno Álvares Pereira partiu então para o Alentejo, sendo acompanhado por D. João até Coim, onde se despediram.

No mesmo dia as gentes de Setúbal negaram-lhe a entrada e a força acabou por bivarcar em Palmela. Naquela altura D. Nuno, recém nomeado, acalentava dúvidas acerca das convicções daqueles que o acompanhavam. Ao mesmo tempo tinha verdadeira consciência do pouco grau de treino da força. Na noite de Palmela terá aproveitado a detecção à distância das fogueiras de um acampamento de almocreves para levantar a suspeita de que se poderia tratar de cerca de 300 lanças castelhanas. D. Nuno e os seus prepararam o combate, mas a manhã veio a esclarecer o engano. D. Nuno tinha acabado de os submeter à primeira prova. Nenhum desertara¹². Foi também por esta altura inicial da campanha que optou por formar um "estado-maior", constituído por representantes das gentes de cada um dos concelhos que tinha na hoste¹³.

De Setúbal dirigiu-se por Montemor até Évora, onde tentou recrutamento, mas só conseguiu 30 lanças adicionais. Com 230 lanças avançou para Estremoz, onde teve conhecimento que os castelhanos já estavam no Crato. Convenceu as gentes dos arredores de Estremoz e dos concelhos de Elvas e Beja. Juntou estas forças no Rossio de São Braz em Estremoz¹⁴, onde passou revista à tropa, composta por cerca de 300 cavaleiros, 1.100 homens a pé e 100 besteiros. Desde logo mostrou intenção de ir ao encontro dos castelhanos para lhes "dar peleja", mas os seus companheiros deram uma resposta negativa, invocando duas razões: os castelhanos eram muitos e vinham comandados por grandes senhores – a luta era desigual. Além disso vinha na hoste inimiga D. Pedro Álvares Pereira, prior do Crato e ainda um outro irmão de D. Nuno¹⁵. Desconfiavam que D. Nuno os podia arrastar para uma cilada. Esta última razão tê-lo-á exasperado a ponto de jurar ser o primeiro a entrar em combate. Naquele momento sabia que tinha de jogar o tudo ou nada. Intimou aqueles que o quisessem seguir a atravessar uma pequena ribeira que existia no local. A maioria fê-lo instintivamente e os que hesitaram acabaram também por a atravessar, seguindo os primeiros.

No dia seguinte, 6 de Abril de 1384, D. Nuno mandou tocar as trompetas pelas 6 horas da madrugada, ouviu missa e depois partiu com a sua gente em direcção a Fronteira, que estava então a ser cercada pelos castelhanos vindos do Crato.

Ao encontro de Nuno Álvares Pereira veio um escudeiro castelhano, de nome Rui Gonçalves, trazendo-lhe grandes propostas de honras e mercês, desde que se passasse para o partido de Castela. Referiu também que seria inútil, com tão pouca gente, combater contra tantos. D. Nuno tudo recusou, dizendo-lhe, contudo, "que fosse tão depressa quanto pudesse ler com os seus companheiros, pois os portugueses estariam, mais depressa do que julgavam, próximos de Fronteira, prontos para

o combate". Ao ouvirem a mensagem de D. Nuno Álvares Pereira, os castelhanos deixaram os preparativos do cerco a Fronteira e deslocaram-se na direcção do exército português, pela estrada que ia para Estremoz.

Nas imediações do local que é hoje a Herdade dos Atoleiros, a 2,5 Km a sul de Fronteira, D. Nuno fez alto ao deslocamento e escolheu o local apropriado para colocar a sua força. Optou por um terreno ligeiramente inclinado e que tinha em toda a extensão, na zona mais baixa, uma ribeira, chamada das Águas Belas, que, na carta militar, figura como ribeira do Carvalho. Tratou-se de um local extremamente bem escolhido, pois embora fosse aparentemente convidativo para um ataque, tinha diante de si uma ribeira, que não se vê a não ser de perto, e que era suficientemente larga e profunda para constituir um fosso. Por outro lado, ao colocar os seus homens num local ligeiramente mais elevado, proporcionava um ângulo de tiro muito vantajoso para os besteiros.

Em primeiro lugar, mandou apelar toda a cavalaria, mal armada, e que seria incapaz de resistir ao choque dos esquadrões castelhanos. Seguidamente, organizou com eles a vanguarda a duas linhas, mandando cravar compridas lanças de madeira tosca no solo, seguras obliquamente. Colocou alguns cavaleiros montados na retaguarda. Posicionou os besteiros em duas alas e também por detrás da vanguarda, uma vez que estavam mais elevados, de modo que podiam fazer tiro por sobre as cabeças das duas linhas da frente. Finalmente, fez distribuir uniformemente os cerca de 1.100 homens a pé pela vanguarda, alas e retaguarda, sem contudo deixar de misturar no meio deles alguns cavaleiros da sua confiança, para os sustentar, ou mesmo matar, caso dessem mostras de querer retirar. Há, por parte de alguns autores, principalmente as fontes mais antigas, a tendência para afirmar que D. Nuno teria formado um quadrado perfeito (tal como foi ideia corrente quanto a Aljubarrota). Estamos em crer que esta hipótese seria desadequada tanto num caso como no outro, como veremos adiante, dado que os flancos de ambas as posições se encontravam bem protegidos por intermédio de linhas de água, o que permitia à retaguarda uma reacção em tempo oportuno, em caso de envolvimento.

Antes do encontro, D. Nuno Álvares

A Batalha dos Atoleiros

6 de Abril de 1384



1. Posições iniciais - 12h00



2. Primeiro ataque ao centro



3. Segundo ataque ao centro



4. Os dois assaltos às alas

Pereira, montado numa mula, referiu aos seus homens que tivessem presentes quatro coisas: em primeiro lugar, que se encomendassem a Deus e à Virgem Maria; em segundo lugar, que era ali que se servia o seu senhor, D. João Mestre de Avis, e se alcançaria a honra dada por Deus; em terceiro lugar, que ali

A Batalha de Aljubarrota

14 de Agosto de 1385



1. Posição inicial da cavalaria francesa - vanguarda (17h00)



2. O assalto da vanguarda é desbaratado



3. Assalto frontal da "Batalha Real"



4. Tentativa de envolvimento do Mestre de Alcântara

vinham para defender as suas famílias, as suas casas e as suas terras, de modo a libertarem-se da sujeição que el-rei de Castela lhes queria impor; e, finalmente, que se dispusessem a lutar não uma hora mas sim um dia ou mais.

Quando os castelhanos se aproximaram, Nun'

Álvares Pereira desmontou, beijou o solo e posicionou-se na vanguarda, colocando um bacinete sem viseira, e tomando nas mãos uma comprida lança. Tinha assim cumprido a promessa de ser o primeiro a iniciar o combate.

O exército castelhano era composto por cerca de 1000 cavaleiros e 4000 peões. Ao avistarem a diminuta hoste portuguesa, os castelhanos abandonaram a hipótese de combater a pé e optaram por decidir a batalha numa carga de cavalaria pesada. O terreno estava alagadiço, mas a desproporção era tal que mesmo uma infantaria bem agarrada ao solo não poderia resistir a 1000 lanças.

Por volta das 12 horas, os castelhanos iniciaram o seu ataque, carregando com as compridas lanças em riste e gritando "Por Castela e por Santiago!". A aproximação do inimigo, os besteiros portugueses iniciaram a descarga de virotões dos besteiros em toda a frente. Há fontes que relatam que a curta distância começaram os castelhanos igualmente a ser atingidos por pedras atiradas pela peonagem. O terreno junto à linha de água, fazendo jus à designação de "atoleiros", bastante argilosa, contribuiu decisivamente para atrasar e desorganizar a carga castelhana, provocando, inclusive, a queda de inúmeros cavaleiros. Depois começou a passar-se o que normalmente acontece uma vez dada a ordem de carregar. Os cavaleiros da retaguarda já não têm hipótese de parar pois são pressionados pelos que vêm atrás e acabam por se precipitar sobre homens e cavalos caídos e atolados à sua frente. Ainda assim muitos cavaleiros castelhanos chegaram ao contacto com as lanças cravadas no solo da vanguarda portuguesa.

O primeiro assalto foi muito mal sucedido e provocou enorme confusão e fúria na hoste castelhana. Foi efectuado um segundo assalto, comandado pelo Mestre de Alcântara, Pêro Gonçalves de Sevilha. O resultado foi semelhante à primeira investida, com a agravante de que o solo à frente da posição portuguesa estava já pejado de cadáveres de homens e cavalos e de moribundos. Neste segundo ataque morreu o Mestre de Alcântara.

Foram efectuados ainda um terceiro e quarto ataques, desta vez contra as alas. Crê-se que, nestes assaltos, não tenha participado apenas o que restava da cavalaria castelhana, mas sim que tenham sido essencialmente combates de infantaria. No entanto,

uma vez mais, o terreno difícil para homens a pé provocou as mesmas dificuldades ao atacante. A natureza do solo implicava que os movimentos fossem efectuados com muita lentidão, o que converteu os peões castelhanos em alvos fáceis para os besteiros portugueses.

Calcula-se que a batalha tenha durado cerca de uma hora. Os castelhanos acabaram por retirar, tendo então sido perseguidos por diversos cavaleiros portugueses, montados já nos seus cavalos. Esta perseguição, na qual participou também Nun'Álvares Pereira, durou até ao cair da noite, e desenvolveu-se por uma área de aproximadamente uma légua a partir do campo de batalha, sobretudo nas direcções de Monforte e do Crato.

Este combate não originou também grande número de mortes, que advieram sobretudo no choque inicial entre as duas vanguardas. Do lado castelhano terão morrido cerca de 600 cavaleiros e homens a pé. Entre os portugueses há autores que referem não ter havido baixa nenhuma, algo pouco provável. No entanto, terá sido um número muito reduzido, sobretudo se comparado com o dos adversários.

No dia seguinte à batalha, D. Nuno Álvares Pereira dirigiu-se a Assumar, descalço e a pé, em agradecimento pelo resultado do combate e para fazer oração a Santa Maria desta vila.

Aljubarrota

D. Juan I de Castela viria-se forçado a abandonar o cerco a Lisboa, em Outubro de 1384, devido a um surto de peste que começou a grassar nas fileiras dos sitiados. No ano seguinte, a hoste deste monarca concentrara-se em Ciudad Rodrigo e, após descartar a possibilidade de optar por um outro tipo de guerra (devastações fronteiriças, nomeadamente), entrara em Portugal por Almeida, na segunda semana de Julho de 1385¹³. Tomou o itinerário das beiras em direcção a Lisboa (Pinhel, Trancoso, Celorico, Fornos, Mangualde, Mortágua, Mealhada, Coimbra e Soure). O exército português, comandado pelo rei D. João I, após ter assegurado que os castelhanos não cercariam Elvas, passou para a margem norte do Tejo, vindo a estabelecer-se em Abrantes no final de Julho. D. Nuno tardara um pouco mais no Alentejo, em recrutamento, e vinha a juntar-se-lhe em Abrantes, a 3 de Agosto.

Desde Junho desse ano que a frota castelhana voltara a ocupar o estuário do Tejo e D. Juan I avançava sobre a capital, para lhe levar novo cerco, acreditando que, desta vez, seria muito difícil a resistência portuguesa. Em Abrantes reuniu-se um conselho de guerra em que a maioria influenciara D. João a praticar "acções de guerra guerreada", flagelando as linhas de comunicações e retaguarda castelhanas. D. Nun'Álvares Pereira era da opinião contrária. Estava convicto de que era fundamental travar uma batalha decisiva. Uma vitória nestes termos confirmaria, em ambos os lados da

fronteira, D. João I como rei de Portugal. Pelo contrário, mover uma guerra de "guerrilha" daria azo a que D. João e a sua causa fossem considerados como meros rebeldes, num reino que já pertencia à coroa de Castela. Perante a hesitação do rei, D. Nuno partiu de Abrantes com a sua parte da hoste em direcção a Tomar, obrigando D. João a rever a sua opinião.

Na ideia de D. Nuno era importante travar essa batalha num local em que os castelhanos já estivessem bem internados em território de Portugal, mas suficientemente distantes de Lisboa, para que uma derrota permitisse algum tempo de reorganização. Em 8 de Agosto todo o exército português estava em Tomar. D. Nuno terá, nesta altura, enviado um mensageiro ao rei de Castela, desafiando-o para a batalha. Este regressou no dia 10 com notícias alarmantes: a hoste castelhana era constituída por mais de 7000 lanças e 2000 ginetes, além de um número incontável de besteiros e homens a pé. Conso, D. Juan trazia a hna flor da nobreza castelhana e muitos senhores portugueses que a ele se aliaram. D. Nuno optou por esconder os verdadeiros valores à hoste, fazendo transmitir que os castelhanos eram poucos e mal equipados. A hoste portuguesa contaria com 5000 a 10 000 combatentes, dependendo dos autores. É certo que a hoste castelhana a sobrepassava bastante em número, pelo menos uns 20 000. A 11 de Agosto os portugueses avançaram para Ourém e a 12 os castelhanos para Leiria. Informado dos movimentos do inimigo, D. Nuno avançou para Porto de Mós, onde estacionou nessa noite de Sábado, dia 12^o.

O ponto exacto da batalha foi tudo menos fortuito. Ambos, D. João e D. Nuno, terão ponderado as vantagens daquele local, bem próximo da couto e mosteiro de Alcobaça, onde o abade, com bastante rapidez, poderia conseguir recrutar mais homens para a hoste e, ao mesmo tempo, fornecer mantimentos. Além disso, D. Nuno, acompanhado por 100 cavaleiros, aproveitou o domingo para um reconhecimento detalhado a todo o terreno que ia de Porto de Mós às imediações de Leiria. O facto de levar uma tão grande força para um reconhecimento deve-se provavelmente a dois aspectos: primeiro, à necessidade de segurança, dada a proximidade do inimigo e, segundo, tudo leva a crer que D. Nuno terá gizado o plano de operações para o dia seguinte na companhia dos seus lugar-tenentes. Ele quis que eles vissem o terreno.

Ainda antes do alvorecer do dia 14 de Agosto de 1385 (nesse dia o raiar da aurora deu-se às 3h37 e foi dia claro às 4h48¹⁴), a hoste portuguesa levantou o arraial de Porto de Mós e percorreu os 7 a 8 km que a separavam do planalto de S. Jorge, onde se veio a colocar, voltada a norte, num cabeço que hoje é sobranceiro à povoação da Batalha (que na altura era somente um lugarejo chamado

Jardoeira). A enorme colina castelhana, que se calcula ter mais de 15 km, vinda de Leiria, atingiu a baixa da Jardoeira a meio da manhã. A vanguarda pôde observar a hoste portuguesa no topo de um cabeço, bem protegido nos flancos por duas linhas de água profundas. A opção foi envolver por oeste, passando pela povoação da Calvaria, num longo movimento que demoraria toda a tarde, acabando a vanguarda castelhana por se conseguir posicionar no Chão da Feira, exactamente 5 km à retaguarda da posição inicial portuguesa, entre as 16 e as 17 horas.

D. Nuno foi acompanhando o movimento torneante castelhana e fez mover o seu dispositivo cerca de 2 km mais para sul, invertendo-o. Encontrava-se, agora, ainda no planalto de S. Jorge, entre as duas linhas de água (embora menos acentuadas, pois estava mais próximo das nascentes¹⁵), mas tinha tido tempo de organizar o terreno. Mandara colocar abatases e abrir fossos e covas de lobo a sul desta nova posição, numa frente que não era superior a 300 metros. Uma das questões que se coloca, após observação do campo de batalha e das escavações arqueológicas que revelaram até agora pelo menos 830 covas de lobo e fossos, um deles com 182 m de comprimento e uma profundidade dos 40 aos 70 cm, é de quanto tempo dispuseram os portugueses para os escavar. Estima-se que três horas, empenhando cerca de metade do efectivo, tornariam possível a acção, mas não é de descartar a possibilidade de D. Nuno ter começado a organização do terreno mais cedo. Na verdade há vários factores que levam a crer que ele já sabia, desde o início, que o combate se iria travar de sul para norte e não de norte para sul. Aliás, uma das razões pelas quais os castelhanos deram batalha foi o facto de estarem convencidos de que, envolvendo a hoste portuguesa, se encontrariam numa posição de vantagem. É crível que D. Nuno tivesse imaginado a manobra dessa forma.

Pelas 17h00, a vanguarda castelhana, constituída essencialmente por um a dois milhares de cavaleiros franceses, carregou sobre a posição portuguesa. A enorme frente montada era muito mais larga do que a frente portuguesa, mas, à medida que a carga progredia, os cavaleiros, condicionados pelos abatases, pelas linhas de água e pela natural procura de estabelecer o contacto com um inimigo em frente mais estreita, foram afunilando. A semelhança dos Atoleiros, as armas de projecção (os besteiros portugueses reforçados por cerca de 300 arqueiros mercenários ingleses) fizeram tiro sobre a massa de cavalaria que se precipitava contra eles. Em simultâneo, cavalos e cavaleiros abatidos obrigavam os seguintes a desviar-se e a cair com mais facilidade nas covas de lobo e fossos (que não é sequer crível que se encontrassem camuflados com vegetação). Para aquela massa confusa de

homens e cavalos era impossível recuar. Muitos pereceram por esmagamento pelos próprios camaradas que os seguiam, como comprovam inúmeras ossadas extraídas do local¹⁶. Os poucos cavaleiros franceses que sobreviveram foram capturados e enviados para a zona da carriagem portuguesa, onde ficaram à guarda de alguns besteiros.

Talvez cerca de uma hora mais tarde entra em posição a "batalha real castelhana"¹⁷. Mais uma vez a frente castelhana sobrepassa enormemente a estreita frente portuguesa. O avanço inicia-se montado, mas mais uma vez os abatases e a própria configuração do terreno dificultam a progressão. As alas ficam fora de combate, por terem de esperar que o centro "encaixe" no corredor de 300 metros de largura que conduz à frente portuguesa. Aqui as dificuldades continuam, com os fossos e covas de lobo pejados de cadáveres e moribundos. Os arqueiros ingleses e os besteiros portugueses dispararam chuvas contínuas de setas e virotões. Os cavaleiros têm de apejar. Mesmo assim chegam ao contacto e tem início um feroz corpo a corpo, com inúmeras baixas em ambos os lados. Segundo Fernão Lopes, nesta fase, a frente portuguesa acabaria por ceder, mas as alas, mais liberas, dobraram-se naturalmente para o interior, criando uma bolsa e continuaram a disparar projecteis. D. João I viu necessidade de reforçar a frente com elementos da retaguarda. Mandou matar os prisioneiros franceses, provavelmente para desempenhar o pessoal que lhes fazia guarda e, ao mesmo tempo, para evitar que estes profissionais da guerra pudessem aproveitar o empenhamento da frente para eles próprios tentarem algo sobre os peões e criados que permaneciam nos trens.

Os castelhanos acabariam por ceder e começar uma retirada desorganizada e tomada de pânico. Resta referir a tentativa de flanqueamento por leste e ataque à retaguarda portuguesa por parte do Mestre de Alcântara e algumas centenas de ginetes. O ataque começou por ser rechaçado por alguns besteiros e pessoal que se encontrava com os trens, dado que os castelhanos se encontravam a tentar atravessar o ribeiro do Carqueijal (e os silvados que o ladeavam). D. Nuno e alguns dos seus montaram nos poucos cavalos que se encontravam disponíveis e acorreram à retaguarda, mas já o Mestre de Alcântara retirava pelo mesmo caminho.

A perseguição, desferida de imediato pela hoste portuguesa, foi terrível, completada ainda pela acção dos populares. No entanto D. Nuno acabou por limitá-la, mandando regressar a S. Jorge, dado que tinha consciência que o exército castelhana era muito numeroso e podia reagrupar para voltar a combater. Na realidade, isto não aconteceu. Só na madrugada seguinte, com o levantar do dia, é que D. João I teve verdadeira consciência da retumbante

vitória. O exército português e os populares do couto de Alcobaca tinham morto cerca de 6000 castelhanos e franceses. As baixas do lado português não terão ultrapassado as 1000.

Na sequência do êxito de Aljubarrota, D. João I ocupa Santarém, Leiria, Óbidos, Alenquer, Torres Vedras, Sintra, Crato, Monforte, Vila Viçosa, Marvão e outros lugares. Ainda no mesmo ano D. Nuno entra em Castela, para, mais uma vez, sair vitorioso no encontro de Valverde, numa acção propositada para manter a pressão militar. O monarca castelhano, com um exército desfeito e dois grandes reveses na memória, nunca mais teve condições de discutir a sucessão de D. Fernando.

A PERSONALIDADE

A visão "tradicional" que nos foi sendo trazida de D. Nuno é, normalmente, uma visão romântica, tendo para isso contribuído muitos autores ao longo dos tempos (veja-se, como caso extremo literário, Fernando Pessoa⁴²) e a abordagem efectuada durante o período do Estado Novo dos feitos históricos dos portugueses. Esta visão, a nosso ver,

peca por diminuir facetas que nos parecem essenciais na definição de um modelo, ao mesmo tempo que enaltece outras que, na mentalidade da Idade Média, poderiam estar ajustadas, mas constituem uma distorção da realidade. Vemos, portanto, uma necessidade de desmistificar determinados aspectos que não correspondem à realidade mais provável, substituindo-os por aqueles que parecem ser mais ajustados⁴³. Podemos, sem correr o risco de nos desviarmos demasiado, encarar D. Nuno Álvares Pereira como um homem sensato, empreendedor, motivado, leal, carismático, despojado e devoto.

A sua sensatez encontra-se evidenciada em toda a sua vida. Só tomou posições extremas quando foi necessário, sendo habitualmente ponderado. Encontra-se intimamente ligada à maturidade. Os feitos de que foi protagonista em 1383-85 passaram-se todos entre os 23 e os 25 anos de idade, o que, para a esperança de vida da época, era a "meia idade", mas nem por isso deixa de ser uma "juventude", fisiologicamente falando.

O empreendedorismo de D. Nuno pode

traduzir-se por três traços indiscutíveis: iniciativa, pragmatismo e técnica. Quanto ao primeiro, a iniciativa, basta recordar que em todos os combates descritos, incluindo as escaramuças, mesmo dentro das limitações que uma campanha defensiva lhe impunha, foi D. Nuno quem escolheu o terreno. Quanto ao pragmatismo, poucas referências se encontram a que D. Nuno tenha efectuado uma acção por capricho pessoal ou sem que tenha tido em mente uma consequência futura. Tudo aponta para que o Condestável canalizasse permanentemente o seu esforço e a sua acção na busca da obtenção de resultados o que, para a época e dada a sua condição social, era notável. Quanto ao aspecto técnico, área que a nós, militares, é bastante cara, vale a pena desenvolver mais um pouco. D. Nuno era um militar profissional e um verdadeiro comandante, transpondo os conceitos da época para os dias de hoje. Ao longo de todas as suas acções militares podemos ver como aplicava os princípios da guerra. Só dava combate quando não havia outra via. Em Maio de 1384 tomou Monforte, escondendo as suas forças e colocando, de madrugada, cinco ou

As Individualidades

D. Fernando de Portugal (1345-1383) reinou entre 1367 e 1383. Filho de D. Pedro e de D. Constança Manuel foi cognominado de "O Formoso". Herdou de seu pai um reino numa situação estável e pacífica mas envolveu-se em três guerras contra Castela aproveitando momentos instáveis naquele reino. Chegou a ser senhor de Tui, Zamora e Ciudad Rodrigo. Destaca-se-lhe o mérito de ter iniciado a aliança entre Portugal e a Inglaterra, em 1372. Portugal comprometia-se a apoiar este reino contra Henrique II de Castela e contra a França no âmbito da Guerra dos Cem Anos. A Lei das Sesmarias, datada de 1375, foi uma tentativa de solucionar a crise através da regulação da produção cerealífera. Casou com D. Leonor Teles num matrimónio que se veio a revelar problemático para o reino. Com uma personalidade hesitante, o seu reinado acabou por ser dominado pela escolhas polémicas e pela família dos Teles. A sua morte deixou o reino numa situação política instável e deu origem à crise de 1383-85.

D. Leonor Teles, fidalga transmontana, fora casada em primeiras núpcias com João Lourenço da Cunha, senhor de Pombeiro. Visitava com frequência a corte, onde residia a rainha. Foi numa dessas visitas que D. Fernando reparou nela. Conseguiu amá-la e casar com ela em segredo em 1372. O povo não apoiou este acto e manifestou sempre uma grande inimizade pela rainha. Consciente do poder de D. João de Castro (casado com a sua irmã, Maria), conspirou para que este a viesse a assassinar, provocando como consequência o seu afastamento de Portugal. Após a morte de D. Fernando permaneceu como regente tendo com anfitrião o conde galego João Fernandes Andeiro. Defendeu a pretensão da sua filha Beatriz ao trono e pediu ao genro, Juan I de Castela, que invadisse Portugal para defender essa causa. Fruto das suas conspirações foi enclausurada pelo próprio Juan I no mosteiro de Tordesilhas onde veio a falecer.

D. Juan I, foi um monarca desafortunado, vítima de circunstâncias, e também do seu temperamento hesitante que o incapacitou sempre como bom líder militar. A sua vida foi plena de sobressaltos. Viúvo, casou em segundas núpcias com a herdeira do trono de Portugal, D. Beatriz, o que seria uma boa jogada política. Quando o seu sogro morreu, no entanto, viu a sucessão da sua mulher contestada por larga maioria dos portugueses que a rejeitaram como rainha. Em 1384 D. Juan invadiu Portugal e perdeu tantos homens na peste que grassou no seu acampamento durante o cerco a Lisboa que acabou por levantar o assédio sem nada lucrar. Esta invasão e cerco contribuíram também para aumentar a animosidade entre as populações portuguesas que, muitas vezes indecisas, acabaram por se inclinar para o partido do Mestre de Avis. Invadiu Portugal de novo em 1385, tendo sido derrotado na batalha de Aljubarrota. Morreu em 1390.

D. João I de Portugal, o de "Boa Memória" (n. 1357) foi rei de Portugal até à sua morte (1385-1433). Fundou a segunda dinastia. Foi educado na sua juventude pelo Mestre da Ordem de Cristo. Foi armado cavaleiro por D. Pedro I e nomeado Mestre da Ordem de Avis. Era meio-irmão de D. Fernando e detinha alguma influência sobre ele, o que levou a que D. Leonor Teles conseguisse que fosse preso durante um período. Após a morte de D. Fernando e colocado o problema da sucessão, decidiu chefiar um movimento de conspiração que conduziria ao assassinio do conde Andeiro, em 1383. Foi nessa altura proclamado "Regeedor e Defensor do Reino". Em conjunto com D. Nuno Álvares Pereira conduziu uma campanha vitoriosa que o confirmou como rei em 1385 e deitou por terra as aspirações de Castela ao trono. Casou com D. Filipa de Lancaster, filha do duque de Lancaster e neta do rei Eduardo III de Inglaterra. Firmou o Tratado de Windsor com este reino. Do seu casamento nasceram oito filhos numa descendência que ficou conhecida como "Inclita Geração". No seu reinado consolidaram-se as relações políticas e económicas com Inglaterra. Teve início a época dos descobrimentos com a tomada de Ceuta em 1415, descobertas as ilhas de Porto Santo (1418), da Madeira (1419) e as primeiras dos Açores (1427). Muito culto, redigiu um tratado sobre montaria e mandou traduzir obras importantes.

seis vacas vivas no fosso do castelo. Quando os habitantes abriram as portas para recolherem aquela dádiva, avançou e tomou a vila²⁴.

Comandava pelo exemplo e sabia que a honestidade era o valor que a tropa mais seguia. Nos Atoleiros, depois da exortação às tropas, apeou e colocou-se na vanguarda com um pique. Cumpria assim a palavra dada aos seus homens em Estremoz, no dia anterior, em que afirmara querer ser o primeiro a entrar em combate.

O emprego táctico que fez dos recursos disponíveis é, igualmente, exemplar. Basta analisar as formações nos Atoleiros e em Aljubarrota. D. Nuno sabia que a vitória é uma combinação de factores e procurou dominá-los a todos na máxima medida possível. Sabia que tinha de escolher o terreno e de o preparar, mas também que tinha de galvanizar os combatentes, enquadrá-los e transformar, ainda que momentaneamente, uma massa mal treinada, numa mole de combate eficaz.

A formação que utilizou nos Atoleiros foi de uma visão prática impressionante. O grosso da sua hoste era constituído por peões com nula experiência de combate. Com os 300 cavaleiros apeados e os 100 besteiros – os seus “profissionais” – formou o esqueleto da formação e utilizou os 1100 peões para completar a vanguarda, alas e retaguarda. Conseguiu desta forma um corpo uniforme, significando que estava decidido a não ter de manobrar para derrotar o inimigo. Não há registo de ter criado uma reserva forte de homens montados (embora tenha disposto alguns). O facto de ter diluído os homens de armas, única componente da sua hoste que lhe podia assegurar alguma manobra no combate, mostra que não esperava ter de os mover. Era mais importante segurar a formação no local onde estava e resistir aos embates. Foi esta a tarefa principal dos cavaleiros apeados: manter a coesão do dispositivo. Este parece ser um bom indicador de que D. Nuno escorara a acção no terreno que escolhera como factor determinante no desfecho do combate.

Em Aljubarrota D. Nuno demonstrou, uma vez mais, o seu conhecimento e o seu profissionalismo no modo como reconheceu e escolheu o terreno, como o preparou e como induziu o inimigo a envolvê-lo, levando-o a crer que, dessa forma, passaria para uma posição de vantagem. Quando nas vésperas da batalha soube os números do exército castelhano (com cavaleiros franceses incluídos), lançou o rumor de que estes se encontravam desmotivados e cansados. O factor determinante de uma derrota é a perda da vontade de combater. D. Nuno não podia apresentar-se a combate partindo em desvantagem neste campo. Depois de 2 anos de sucessos com poucos revezes, D. Nuno sabia que um boato destes ganharia bastante credibilidade na sua hoste.

Mesmo em situações adversas D. Nuno

manteve a acção de comando e soube como agir. Em Évora, em Maio de 1384, somente um mês depois da vitória dos Atoleiros, confrontado com uma enorme disparidade entre as suas escassas e mal alimentadas tropas e um exército de milhares do marechal de Castela, Garcia Gonçalves de Ferreira, dispersou os poucos homens que tinha pelos vinhedos e montes da região. Houve flagelação e perseguição por parte da gigantesca hoste castelhana, mas não houve batalha.

Quanto à motivação de D. Nuno, outra característica que nos parece fundamental realçar na sua personalidade, podemos distinguir duas vertentes: uma motivação de fundo, de carácter permanente e uma motivação circunstancial.

Como motivação de fundo, que o acompanhou toda a vida, há o ideal. Provavelmente o que mais o movia seriam aspectos como ser fiel a sólidos princípios, a sua comprovada devoção cristã e a camaradagem e amizade. Neste particular, D. Nuno era um verdadeiro Militar, dedicado e abnegado. Era esta a sua motivação e tê-la-á abraçado ainda na sua adolescência, dado que estava assente nos ideais da Cavalaria e na Távola Redonda. Tinha como referência o cavaleiro Galaaz.

Como motivação circunstancial no período em causa, a crise de 1383-1385. D. Nuno nada tinha a perder em apostar no único partido capaz de, pela guerra, operar uma mudança radical na composição da alta nobreza²⁵ em oposição a uma subtraneira nobreza cortesã, liderada pelos Teles. Em torno de D. João, Mestre de Avis estavam reunidos os filhos bastardos e secundogénitos, boa parte deles com carreiras militares nas Ordens militares de Avis, de Cristo, Santiago e do Hospital. Era uma elite militar. D. Nuno era um elemento dessa elite, filho bastardo de Álvaro Pereira, Prior da Ordem do Hospital.

A lealdade é outra das características principais de D. Nuno. Esta lealdade à causa que abraçara e ao seu rei e seu amigo D. João, era de tal ordem que combateu contra dois irmãos (tendo vindo ambos a perecer em Aljubarrota). Em Dezembro de 1385, em Almada, o conde D. Álvaro Pires encontrou-se com o Mestre d'Avis e tentou demovê-lo de tentar obter a coroa. D. Nuno interrompeu a conversa e respondeu que D. João levaria o seu leito adiante, não contra o rei de Castela, mas contra qualquer rei do mundo²⁶. Este traço do seu carácter, a par da sua obstinação em não trair a sua lealdade, é também ressaltado pelos que o conheciam. Em 5 de Abril de 1384, na mesma véspera dos Atoleiros, o seu irmão D. Pedro Álvares afirmou aos senhores castelhanos que com ele se encontravam reunidos no Crato que, se D. Nuno tinha reunido um exército para os combater, o faria até à morte²⁷.

D. Nuno era também um homem carismático. O seu poder de persuasão parece ter

evoluído, naturalmente, com a idade e com o registo dos seus feitos. Nota-se particularmente uma diferença entre o pré e o pós Atoleiros. Sempre teve grande poder de persuasão nas palavras, francas, frontais e sinceras. Acreditava no que dizia. Tinha um discurso honesto, linear e fácil de seguir. Em Março de 1384, Almada estava em dúvida sobre que partido tomar. D. Nuno convenceu os habitantes a entregarem a vila a D. João e este foi recebê-la. O próprio modo como convenceu em Estremoz os homens hesitantes da Comarca de Entre o Tejo e o Guadiana a seguirem-no para os Atoleiros é marca do seu poder de influência. Quando anos mais tarde o rei lhe retirou as terras e rendas (que ele entretanto distribuira pelos seus seguidores), foi para Estremoz, convocou os seus, explicou-lhes a situação, fê-los devolver as terras, disse-lhes que tinha perdido a honra na frente deles, que ia sair de Portugal mas que continuava pronto para servir o rei onde quer que se encontrasse. Dito isto, muitos se ofereceram para ir com ele²⁸.

O despojamento de bens materiais é igualmente marcante. Está associado à sua devoção e abnegação. Não se trata somente de uma opção no final da vida, mas de algo que o acompanhou a vida inteira. A prová-lo estão as inúmeras vezes que foi aliado com rendas e bens para passar para o bando castelhano, tendo recusado sempre. Antes dos Atoleiros D. Nuno foi advertido pelo seu irmão de que, se estivesse do lado do rei de Castela, este lhe daria muito mais riquezas. Era verdade e D. Nuno sabia-o, mas recusou. Em Maio de 1384, em Évora, com muito poucos homens e mal alimentado, o marechal de Castela disse-lhe que, devido à enorme desproporção de forças naquele momento, “o jogo estava mal reparado” e que D. Nuno passasse para a causa de Juan I que seria cumulado de bênçãos. D. Nuno recusou.

Quando recolheu ao Convento do Carmo, em Lisboa, aos sessenta anos, pediu que lhe fossem retirados todos os títulos e que só fosse chamado de D. Nuno. Teve de haver uma intervenção do próprio infante D. Duarte para que este aceitasse conservar o título de Condestável.

Mais do que uma faceta da personalidade, a devoção é um dos pilares da vida de D. Nuno. Toda a sua vida se encontra repleta de ocorrências e actos que o mostram. No dia seguinte aos Atoleiros foi a pé, descalço, de Monforte até à Igreja de Santa Maria de Assumar. Encontrou o templo cheio de lixo e excrementos dos animais, dado que os castelhanos tinham utilizado a área como estábulo numa das noites anteriores. Mandou limpar a igreja toda e foi o primeiro a iniciar a limpeza²⁹.

Mandou erguer muitas igrejas: Santa Maria da Vitória, Santa Maria do Carmo em Lisboa, Santa Maria de Vila Viçosa, Santa Maria de Monsaraz, Santa Maria de Portel, Santa Maria

de Sousel, Santa das Martes de Estremoz e Santo Agostinho de Vila Viçosa.

Era especialmente devoto de Nossa Senhora e da sua figura de Mãe. As igrejas que mandou erigir eram quase todas em honra de Nossa Senhora. Dos quatro pontos da sua exortação, antes de Atoleiros, o primeiro era a de que todos encomendassem a sua alma "a Deus e à Virgem Maria, sua Mãe". Jejuava três vezes por semana, à quarta, à sexta e ao sábado. Diz-se que, depois da morte de D. Fernando, deixou de dormir com a sua mulher porque acreditava que agradava a Deus. Talvez por isso tenha tido somente uma filha (D. Beatriz), numa época em que era comum os homens da sua condição terem vários filhos, inclusive de várias mulheres.

Decidiu terminar a vida no Carmelo do convento do Carmo em Lisboa, onde permaneceu entre os sessenta e dois anos e os setenta, idade com que morreu, em 1440.

CONCLUSÕES

Numa situação tão complexa como uma crise e como a guerra, não é ajustado falar de um protagonista, dado que houve inúmeros intervenientes, todos com a sua importância, no momento e local próprios. No entanto, é unânime que D. Nuno tem um lugar especial. Coube a D. Nuno estar no momento e no local exactos nas alturas determinantes do destino de Portugal e a ele se deve o mérito de aí ter tomado as decisões certas. Só pôde ser assim devido à personalidade e forte carácter deste português. O destino de Portugal não teria sido o mesmo sem Atoleiros e sem Aljubarrota.

Estamos em crer que D. Nuno era mesmo daquela espécie de homens como há poucos, em que as suas convicções e princípios se sobrepunham claramente aos aliciamentos materiais e ao bem-estar pessoal. Esta personalidade terá suscitado alguma desconfiança numa fase inicial mas contribuiu para que se fosse tornando, ainda em vida, numa lenda. Era culto e "sempre mui avisado nos actos de cavalaria". Leu muitos clássicos da antiguidade, como Políbio, Júlio César, Végécio e outros autores mais recentes, como Afonso Sábio, nas suas Partidas¹¹. Tinha uma faceta mística muito forte, que o levava a aspirar a ser como o herói Galaaz da Távola Redonda, mas um raciocínio muito objectivo, capaz de colocar em prática as suas leituras e os ensinamentos que certamente registou dos cavaleiros da Ordem do Hospital que combatiam na Guerra dos Cem Anos e no Oriente e que passavam por casa de seu pai. Sabe-se também que teve contacto com o conde de Cambridge, de onde poderá ter obtido conhecimento pormenorizado das tácticas utilizadas na Grã-Bretanha e Europa Ocidental.

Sem existir ainda uma verdadeira consciência de "nação", tal como hoje a entendemos, D. Nuno acreditou na existência de um colectivo intimamente ligado à terra e bateu-se por isso.

Os seus feitos, na crise de 1383-85, ocorreram quando tinha 23 a 25 anos de idade, sendo inegável a sua enorme maturidade. Mas D. Nuno não foi só um protagonista deste período. Foi condestável até à sua morte. Participou em 1415 na campanha de Ceuta e, mais tarde, quando já se encontrava recolhido no convento do Carmo, com mais de 60 anos de idade, chegou-lhe aos ouvidos o rumor que o rei de Tunes ia atacar a praça africana para a retomar. De imediato mandou preparar as suas armas, mas acabou por não ser necessário pois o rei mouro desistira da sua empresa. Faleceu em 1431. Por ter sido essa a sua vontade, foi sepultado sem quaisquer honras, no Carmo, numa campa rasa, sem caixão.

O túmulo de D. Nuno Álvares Pereira foi destruído no



Nobreza



População Concelhia
(Besteiros do Condo)



População Concelhia
(Aquantados)



Ordens Militares



Mercenários

A Península Ibérica Militar

Os séculos XIV e XV foram marcados pelo surgimento de novas soluções tácticas que, por um lado, não eram superiores à cavalaria pesada, mas por outro apresentavam uma alternativa consistente desde que bem utilizadas. Na verdade, no contexto da Guerra dos Cem Anos, durante todo o Séc XIV e nos primeiros anos de quatrocentos, os exércitos ingleses denotaram quase sempre superioridade táctica sobre a poderosa cavalaria pesada de França.

As aproximações tácticas dos reinos de Portugal e Castela na campanha de 1383-1385 encontram paralelo nas correntes inglesa e francesa da contemporânea Guerra dos Cem Anos. Há várias razões que concorrem para isso, destacando-se o recurso frequente a mercenários ingleses por parte do reino de Portugal¹² e franceses por parte do reino vizinho, e o facto de Castela conseguir mobilizar cavaleiros em números muito superiores ao que era possível por Portugal.

A organização militar da Península Ibérica em geral e a de Portugal em particular diferia da do resto da Europa Ocidental. Se por um lado os equipamentos e as técnicas eram semelhantes, o sistema de recrutamento era diferente. Para isto talvez tenha contribuído uma situação particular provocada pelos séculos de Reconquista, em que muito do território era eremado e em que a solução dos reinos passava pelas Ordens Militares e pela atribuição de grande grau de autonomia aos concelhos. Não se pode dizer que em Portugal tenha havido um verdadeiro sistema feudal.

O recrutamento na Península do Séc. XIV baseava-se em dois contributos principais: a nobreza e a população concelhia. A estes juntavam-se profissionais da guerra: as Ordens Religiosas Militares e os mercenários estrangeiros.

A nobreza contribuía para as hostes régias com cavaleiros e escudeiros. Os nobres recebiam um soldo estipulado da coroa e estavam obrigados a contribuir militarmente com determinado efectivo entre cavaleiros, escudeiros e pagens. Ao conjunto de homens bem equipados e encavalgados chamava-se "lanças"¹³.

Castela contava com uma guarda pessoal do rei constituída por um grande número de cavaleiros e besteiros a cavalo. A estes juntavam-se as Ordens de Santiago, Calatrava e Alcântara e uma unidade especial de ginetes da Andaluzia. Como tropa montada há ainda a considerar unidades de cavaleiros pesados franceses³². França também trouxe a Castela uma arma inovadora, a artilharia de trons e bombardas, que à época tinha valor mais pelo factor moral no inimigo do que pela eficácia tática. Finalmente funcionava no reino vizinho um sistema de recrutamento entre a população concelhia semelhante ao utilizado em Portugal. Entre estes peões havia besteiros e homens de armas.

Em Portugal os concelhos forneciam dois tipos de forças: os aquatillados, homens que eram periodicamente avaliados de povoação em povoação por um courel, que em função da sua fortuna tinham de possuir determinado equipamento militar e por vezes até cavalos e os besteiros do conto, uma milícia nacional organizada em unidades de recrutamento e chefiadas por um anadel. Cada concelho tinha de contribuir com um número determinado de besteiros em função do seu número de habitantes. Normalmente variava de 1 a 30 atiradores mas Lisboa tinha de dar 300.

Quanto às Ordens Militares ou Monásticas, em Portugal havia quatro. Eram a Ordem de Cristo, descendente da Ordem dos Templários, extinta no tempo de D. Dinis, a Ordem do Hospital, a Ordem de Santiago (de fortíssima influência castelhana dado que era controlada precisamente a partir de Santiago de Compostela) e a Ordem e Avis. Finalmente os monarcas viam nos mercenários e por vezes até em delinquentes e criminosos³³, uma fonte de recrutamento. Os primeiros exigiam um pagamento em troca de um serviço especializado (os mercenários ingleses presentes em Aljubarrota eram maioritariamente arqueiros, veteranos da Guerra dos Cem Anos). Aos segundos eram prometida uma redução de pena ou até amnistia em troca da participação numa campanha.

32 Com destaque para o conde de Cambridge e a sua força de veteranos que terá combatido ao serviço do rei D. Fernando e depois de D. João I. A presença destes mercenários trouxe consigo as inovações técnicas.

33 MONTEIRO, João Gouveia, *Aljubarrota*, 1385, A do Reino Real, Lisboa, Tribuna da História, 2003, p. 63.

34 Que em Aljubarrota se estima contarem com 1000 a 2000 cavaleiros.

35 Os "Barrabades".



Continuos



Trem de Artilharia



Cavaleiros Franceses



Ordens Militares



Peonagem

terramoto de 1755. O seu epitáfio referia o seguinte:

"Aqui jaz o famoso Nuno, o Condestável, fundador da Casa de Bragança, excelente comandante, frade abençoado, que durante a sua vida desejou tão ardentemente o Reino dos Céus que após a sua morte mereceu a eterna companhia dos santos. Os seus títulos eram muitos, mas renunciou a todos eles. Era um grande príncipe, mas tornou-se num humilde monge. Fundou, construiu e consagrou esta igreja onde repousa o seu corpo".

TCor Lemos Pires / Cap Afonso
2º BMEC



1 MONTEIRO, João Gouveia, *Aljubarrota*, 1385, A do Reino Real, Lisboa, Tribuna da História, 2003, pp. 30-31.

2 RODRIGUES, António dos Reis, *NuñAlvares, Condestável e Santa Lisboa*, Direcção do Serviço Histórico-Militar, 1985, p. 15.

3 DUARTE, Luís Miguel, *Guerra pela Independência*, coord. Prof. Doutor Manuel Mendonça, QuêNovo, Lisboa, 2006.

4 Conflicto conhecido como a "Guerra dos Trindadeiros".

5 Grave que a inventura da cruzada terá sido a própria causa, D. Lemos Pires.

6 MONTEIRO, 11.

7 Há fontes que referem o local de nascimento como sendo o convento da Pórt da Bica, no Dão, priorado da Ordem do Hospital. Torna-se que esta versão é pouco provável dado que D. Nuno não era filho legítimo de Álvaro Pereira, tendo sido legitimado no primeiro ano de vida.

8 RODRIGUES, 19.

9 Crónica de D. Nuno Álvares Pereira, 9.

10 Nas Terras de Bado, Italo-Monetas, RODRIGUES, 31.

11 Os efectivos variam consideravelmente ao longo do tempo. É certo que a desorganização era enorme, com prejuízo de Portugal.

12 FERREIRA LOPES, 1ª Parte da Crónica de D. João I, o de São Memória, pp. 277 e 280.

13 MARTINS, A. de Oliveira, A vida de Nuno Álvares Pereira, Lisboa, 1982, pp. 156 e 157.

14 Bijo e Largo Dragões de Olivença.

15 D. João Álvares Pereira. Os irmãos viam quatro tendas para D. Fernando e para D. João. Ambos, irmãos Gonçalves, tinham inicialmente conhecido D. Nuno, acabando por virar-se contra o Mestre.

16 MONTEIRO, 87.

17 MONTEIRO, p. 82.

18 OLIVEIRA, Frederico Alcide de, *Aljubarrota*, Direcção do Serviço Histórico-Militar, Lisboa, 1988.

19 A oeste, o ribeiro de Vale de Nogueira, que corre para a Serra da Amieira, a leste, o de Carquejal ou de Vale da Bica (um afluente da ribeira de Chouros, que corre em direcção ao Tejo). MONTEIRO, p. 87.

20 Há um grande número de invulgarismos conhecidos com o nome de "vulgarismos" e não de "erros" ou "falhas" por serem os próprios termos de guerra. Não é de estranhar que, quando o indivíduo se encontra sob o fogo da batalha, a linguagem seja mais livre e menos cuidada.

21 O corpo pode não ser, mas...

22 Nuno Álvares é figura sempre presente

nas crónicas, nos poemas e nos ópicos. Confronta-se com a "memória nacional" e mantém-se sempre presente no imaginário dos portugueses. Esta evocação, passada, presente e futura de Portugal encontra-se bem patente na Homenagem de Fernando Pessoa, quando este escreve: "Springa consagrada / O Portugal em si, / E logo a luz da sua espada / Faria a entrada severa".

23 Aspectos como a devoção e a influência divina, a tenacidade e integridade, valores penitentes a caracterização de personalidade bem mais terrenas mas eficientes. É certo que D. Nuno era extremamente devoto e que este facto representou um papel importante na sua vida. Mas não é infeliz que os seus sucessos militares se tenham baseado nesta devoção. Paradoxos mas plausíveis que D. Nuno tivesse bem consciência do que tinha que fazer e de como o fazer.

24 Crónica de D. Nuno Álvares Pereira, p. 64.

25 MONTEIRO, 15.

26 Crónica de D. Nuno Álvares Pereira, 48-49.

27 Idem, 56.

28 Idem, 101.

29 Idem, 58.

30 Idem.

31 BESSA, Carlos Gomes, *Confirmação no Séc. XV*, Direcção do Serviço Histórico-Militar, 23 de Maio de 1985, no ciclo comemorativo da Batalha de Aljubarrota.

Bibliografia e apoios

BESSA, Carlos Gomes, *Confirmação no Séc. XV*, Direcção do Serviço Histórico-Militar, 23 de Maio de 1985, no ciclo comemorativo da Batalha de Aljubarrota.

BRANCO E RODRIGUES, Paulo Cristina, *A Batalha de Aljubarrota*, Direcção do Serviço Histórico-Militar, 1988.

CRÓNICA DE D. NUNO ÁLVARES PEREIRA, actualização, introdução e notas de Teresa Jacinto, Fronteira do Cast, Porto, 2007.

DUARTE, Luís Miguel, *Guerra pela Independência*, coord. Prof. Doutor Manuel Mendonça, QuêNovo, Lisboa, 2006.

FERREIRA LOPES, 1ª Parte da Crónica de D. João I, o de São Memória.

MARTINS, A. de Oliveira, A vida de Nuno Álvares Pereira, Lisboa, 1982.

MONTEIRO, João Gouveia, *Aljubarrota*, 1385, A do Reino Real, Lisboa, Tribuna da História, 2003.

OLIVEIRA, Frederico Alcide de, *Aljubarrota*, Direcção do Serviço Histórico-Militar, Lisboa, 1988.

RODRIGUES, António dos Reis, *NuñAlvares, Condestável e Santa Lisboa*, Direcção do Serviço Histórico-Militar, 1985.

TAVARES, Jorge Camões, *Aljubarrota*, 1385, A do Reino Real, Lisboa, 1982.

Figuras dos combatentes: Osprey Publishing, Oxford, ilustrações de vários publicistas.

Cartografia: PC Map, 1988.

O

Targeting

na Brigada



Introdução

O Targeting é uma ferramenta cada vez mais utilizada no planeamento e no decurso das Operações Militares que decorrem actualmente. Com o aparecimento de conceitos relativamente novos, e aos quais se dá cada vez mais ênfase, tais como "Danos Colaterais, Economia de Forças, Direito Internacional dos Conflitos Armados" as Forças Militares desenvolvem métodos e conceitos que procuram a adaptação e minimização das restrições impostas por esses conceitos para que se continue a "cumprir os objectivos Militares". É aqui que aparece o conceito de Targeting.

Não se pense no entanto que o Targeting é um novo ramo ou uma nova ferramenta dentro do saber Militar, já há várias décadas que o Targeting é utilizado, no decorrer das operações militares, como atesta a afirmação do General Hap Arnold em 1945: "*Targeting is the intersection of intelligence and operations*", ou seja, o Targeting é a intersecção entre os estudos feitos pelas Operações e os estudos feitos pelas Informações.

Conceito de Targeting

A tradução à letra de Targeting, damos-lhe qualquer coisa tal como *alvejar, alvejando*, tradução livre que não dá a mínima ideia do que é realmente o Targeting.

Utilizando as definições doutrinais temos então que o Targeting é: "O processo de selecção de alvos e determinação da acção a que devem ser submetidos, de acordo com as necessidades operacionais e recorrendo às capacidades disponíveis" segundo o *Regulamento de Companhia - OPERAÇÕES* e segundo a doutrina de referência (OTAN), reflectida no AJP-3-9 temos que Targeting é: "Processo que determina os efeitos necessários para alcançar os objectivos do Comandante, identificando as acções necessárias para atingir os efeitos desejados face aos meios disponíveis, seleccionando e priorizando alvos específicos, sincronizando os fogos com outras capacidades militares, no sentido de avaliar os efeitos acumulados."

O Targeting ao nível conceptual aparece-nos dividido em *Joint Targeting* e *Land Targeting*.

No *Joint Targeting* temos que: "O TARGETING ocorre a todos os níveis num comando conjunto,

pelas forças que tenham capacidade de atacar alvos, por meios letais ou não-letais" (FM 6-20-10), em que ao nível de qualquer força conjunta são constituídas as células necessárias à condução e coordenação do processo de Targeting, com uma participação mais alargada e com vista à maximização de todos os efeitos pretendidos. É neste nível que são constituídos os JCB (Joint Targeting Coordination Board), onde estão presentes representantes de todas as componentes da força constituída, com capacidade de produzir efeitos no adversário, sejam estes letais ou não letais, tais como, CIMIC (Civil and Military Cooperation), INFO OPS (Information Operations), PSYOPS (Psychologic Operations), HUMINT (Human Intelligence), Aviação do Exército, Artilharia de Campanha, AAA (Artilharia Anti-aérea), Morteiros, SFO (Special Forces Operations), etc.

A materialização do conceito de JOINT TARGETING aparece explícita na Intenção do Comandante, feita pelo General David McKiernan, CCEC da OIF (Operation Iraqi Freedom): "I want Simultaneous, Multidirectional, Continuous Effects, Combined Arms Maneuver, Operational Fires, Information Operations - Synchronize Conventional, Special Operational Forces (Sof) & Other Government Agencies".

O Land Targeting ocorre ao nível da componente terrestre, pelas forças terrestres que tenham capacidade de atacar alvos, por meios letais e não-letais. É aqui que se insere o Processo de Targeting desenvolvido ao nível de Brigada.

Targeting na Brigada

A BrigMec dispõe organicamente do 6AC (Grupo de Artilharia de Campanha), dos Pelotões de Morteiros dos BIMEC (Batalhão de Infantaria Mecanizado) e do GCC (Grupo de Carros de Combate) e da CTm (Companhia de Transmissões), como meios de produzir efeitos no adversário. Admitindo, no entanto sempre

110.200	ESTADO-MAIOR TÉCNICO					
110.210	CÉLULA DE COORDENAÇÃO DE FOGOS E EFEITOS					
	69	Chefe	TCor	Artilharia		
	70	Adjunto	Maj	QQ Arma / Svc	1	
	71	Condutor / Operador Rádio	Sold	AF 18 TP	1	1
110.211	ELEMENTO DE FOGOS E EFEITOS					
	72	Oficial de Apoio de Fogos	Maj	Artilharia	1	
	73	Sargento Apoio Fogos	TSar	Artilharia		1
	74	Condutor VBPC	Sold	AF 18-TP		1
110.212	ELEMENTO DE TARGETING E CONTRA-FOGOS					
	75	Chefe	Cap	QQ Arma	1	
	76	Contra-Fogos	Subalt	AF 03-AC	1	
	77	Sargento de Apoio de Fogos	TSar	Artilharia		1
	78	Condutor / Operador Rádio	Cabo	AF 18-TP		1

Fig. 1

a possibilidade da BrigMec poder ser reforçada com qualquer das capacidades referidas (CIMIC, INFO OPS, PSYOPS, HUMINT, SFO) para o cumprimento de qualquer Operação.

Com a aprovação dos novos QOP (Quadro Orgânico de Pessoal) em 2006 foi criada ao nível do EM (Estado-Maior) Técnico da BrigMec uma Célula de Coordenação de Fogos e Eleitos (Fig. 1) a qual contempla o Elemento de Targeting e Contra-Fogos, onde se encontra um Capitão que será o principal responsável pela condução do processo de Targeting na Brigada.

No entanto a responsabilidade do Targeting ao nível da Brigada é do Cmdt. 2º Cmdt, CEM, S2, S3, CAF (Coordenador de Apoio de Fogos), OI Targeting, LEGAD, S2 e S3 do GAC em A/D (Apoio Directo) quando necessários, assumindo maior destaque e maiores responsabilidades no desenvolvimento do processo de Targeting o CAF, o S2, S3 da BrigMec, Oficial de Targeting e o LEGAD (Legal Adviser). Serão estas entidades que irão desenvolver todo o Ciclo de Targeting em consonância com o IPB (Intelligence Preparation of Battlefield) e PTDM (Processo de Tomada de Decisão Militar).

Ciclo de Targeting

O ciclo de Targeting na Brigada tem como finalidade, o assegurar da Eficácia dos meios de apoio de fogos e a Eficácia no ataque aos objectivos, adequando os meios à natureza dos objectivos. Desenvolvendo-se nas seguintes 4 fases:

– **DECIDIR:** Nesta fase são tomadas decisões relativamente aos objectivos que devem ser adquiridos e atacados, onde, quando e quem os pode localizar, como devem ser atacados e quais requerem a avaliação de danos;

– **DETECTAR:** Corresponde à execução do plano de pesquisa, sendo coordenada pelo Oficial de Informações. O objectivo desta fase é a detecção dos Objectivos Remuneradores e o encaminhamento dessa informação para o EAF (Elemento de Apoio de Fogos) do escalão correspondente;

– **ATACAR:** Corresponde à concretização do ataque aos objectivos accionando o planeamento previsto. A decisão de ataque deverá estar de acordo com a sincronização pretendida entre os sistemas de apoio de fogos e os outros sistemas operativos do Campo de Batalha.

A execução do ataque pode implicar decisões táticas e técnicas, designadamente:

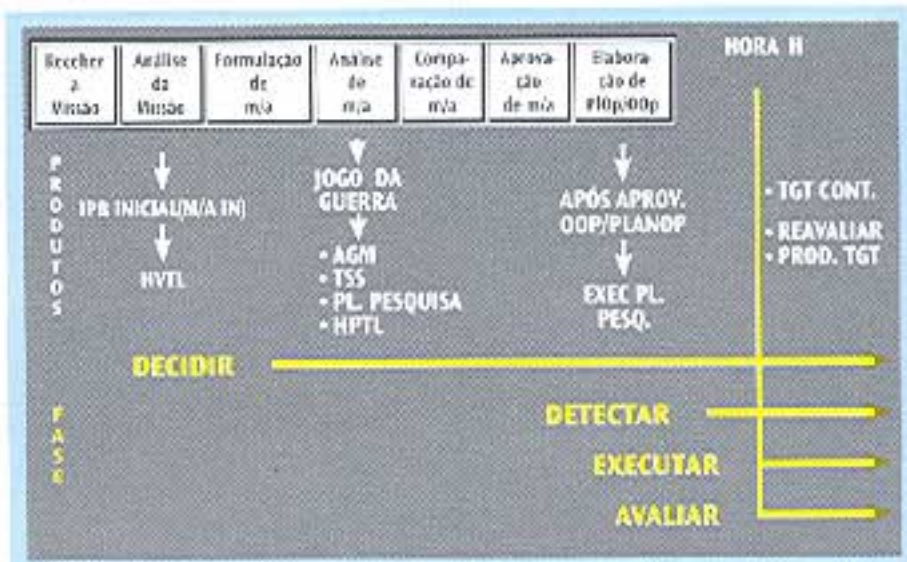
- Decisões Táticas:
 - Qual o Momento do ataque;
 - Quais os Efeitos desejados;
 - Qual o Sistema a utilizar.
- Decisões Técnicas:
 - Definir concretamente qual a Unidade que faz o ataque;
 - Definir qual o Número e tipo de Munições se terão que utilizar para produzir os efeitos pretendidos.

– **AVALIAR:** Nesta fase do TARGETING deverá ser verificado o grau de sucesso do ataque realizado, compreendendo:

- Análise dos efeitos causados, verificando se satisfazem o pretendido;
- Análise do efeito das munições (essencial em caso de repetição);
- Eventual proposta de repetição do ataque.

O Targeting como ferramenta que apoia a tomada de decisão do Comandante é um ciclo contínuo e decorre em simultâneo com outras ferramentas de apoio à decisão do Comandante, tais como o IPB e o PTDM, decorrendo os três ciclos em concorrência e aproveitando os produtos de um processo para desenvolver os produtos de outro processo.

Assim e muito resumidamente temos que:



O processo de Targeting inicia-se na fase da Análise da Missão através do Oficial de Targeting juntamente com o S2, no seu estudo do terreno, condições meteorológicas e análise do inimigo, dá-se aqui início à fase do DECIDIR, que, se prolongará durante o decorrer de toda a operação (o Targeting é um ciclo contínuo, que poderá sofrer alterações durante o decorrer de determinada operação), ao serem produzidos os produtos do Targeting, estes irão ser analisados no Jogo da Guerra, para cada M/A (Modalidade de Acção) levantada pelo EM. Após a aprovação de determinada M/A e após a elaboração dos Planos e OOP, nomeadamente do ICP (Plano de pesquisa) dá-se início, à fase do DETECTAR, que é imediatamente antes da Hora H, onde se dará início à fase do ATACAR consoante o planeamento feito, após o ataque ir-se-á realizar a fase do AVALIAR se os efeitos pretendidos e objectivos foram atingidos.

Mais pormenorizadamente o Ciclo do Targeting divide-se em 9 passos, que passarei a descrever, e em que do passo 1 ao passo 6 corresponde à fase da decisão, o passo 7 corresponde à fase da pesquisa, o passo 8 à do ataque e o passo 9 à da avaliação:

Passo 1 – Identificação das áreas chave.



Nº	DESIGNAÇÃO	Nº	DESIGNAÇÃO
1	C2	8	NBQ
2	Apoio de Fogos	9	Classe III (Comb)
3	Manobra	10	Classe V (Mun)
4	Defesa Aérea	11	Classe IX (Sobress)
5	Engenharia	12	Transporte
6	ISTAR	13	Linhas Comunicação
7	Guerra Electrónica		

Fig. 3 – Categorias de Objectivos

HPTL	Sistema de Apoio de Fogos	Precisão Localização / Validade Temporal
Lança-mísseis SS-21	LFM	200 m / 10 min
BATNec em posição	GAC 155mm	100 m / 2 h
Btr 152mm	LFM	200 m / 15 min
Btr LFM	GAC 155mm	100 m / 10 min
GCC Reserva	Anacão do Exército	1 Km / 1 h
PC Divisão	GAC 155mm	50 m / 30 min

Fig. 4 – Exemplo de uma TSS

Sabemos que o IPB, como processo que é, proporciona ao Comandante e respectivo EM as bases para a tomada de decisão, ou por outras palavras, permitem que se decida de forma sustentada **ONDE** e **QUANDO** se irão empenhar os recursos, que são limitados, para atingir os resultados pretendidos.

O IPB funciona assim como um **ponto de partida** para o processo de TARGETING.

Neste passo a equipa de Targeting irá identificar as NAI (Named Areas of Interest) e as TAI (Target Areas of Interest) do IPB. Em que as NAI e as TAI irão ser a base para o emprego dos meios de reconhecimento e vigilância e serão reflectidas no ICP.

Passo 2 – Identificação dos Objectivos Chave.

No levantamento do IN potencial, que decorre durante a elaboração do Transparente Doutrinário e do Transparente de Situação o G2 preocupa-se com o levantamento dos HVT (High Value Targets) para cada MIA, ou seja os meios que o CMDT INIMIGO necessita para cumprir a sua missão, são de ALTO VALOR para o INIMIGO, são um produto do IPB e da análise da Doutrina do inimigo ou da sua Ordem de Batalha.

A perda de alguns desses HVT irá provocar uma degradação das capacidades do IN, comprometendo a sua missão.

Orientam-se os esforços para estes HVT, de forma a atingir o "CENTRO DE GRAVIDADE" do IN.

Posteriormente são ordenados por categorias de forma a poderem ser introduzidos no sistema AFATDS (Advanced Field Artillery Tactical Data System) e a catalogá-los. (Fig.3)

Durante a Fase da Análise das mva (**JOGO DA GUERRA**), no PTDM, o G3 em coordenação com o CAF, vai identificar os HVT cujo ataque é necessário e fundamental para o sucesso da manobra das NT transformando-os em HPT (High Pay-Off Target), que não é mais do que um HVT cuja aquisição e ataque com sucesso irá contribuir para o sucesso da missão da nossa força, posteriormente esses HPT são priorizados e concentrados numa lista – HPTL (High Pay-Off Target List), relativamente à importância que têm para a concretização da missão das Nossas Forças.

Com base na HPTL são definidas as melhores áreas para actuar sobre os HPT – TAI (Target Area of Interest) – determinam-se DP (Decision Points) associados a cada TAI, que corresponde ao **momento mais tardio** que o Cmdt poderá tomar a decisão de atacar uma força/meio IN na TAI respectiva, com determinado meio, decisão que está intimamente ligada à detecção e identificação do objectivo na NAI previamente estabelecida, sendo que toda esta informação é graficada no TRANSPARENTE DE APOIO À DECISÃO. Na definição destas áreas a Equipa de TARGETING deve ter extrema atenção aos **Danos Colaterais** e às **ROE** (Rules of Engagement).

A morte de inocentes ou destruição de instalações puramente civis é muito explorada pelos media, podendo este factor beliscar a **CREDIBILIDADE** e **IMPARCIALIDADE** da Força; cada vez mais as considerações legais – na pessoa do LEGAD – assumem particular importância neste campo.

Passo 3 – Estabelecer TSS (Critérios de Selecção de Alvos).

Eleitos os objectivos prioritários, este passo consiste em determinar qual a precisão com

que os objectivos deverão ser localizados de forma a permitir o seu ataque pelo meio mais adequado; É uma tarefa que cabe ao CAF, fornecendo-a ao G2; Os TSS são baseados na actividade do inimigo e nos sistemas de Apoio de Fogos disponíveis das nossas forças, sendo apresentados sob a forma de matriz. (Fig.4)

Os TSS são critérios que se aplicam aos futuros objectivos para decidir: Qual o TLE (Target Location Error) necessário (Baseado no sistema escolhido para produzir o efeito); Tamanho mínimo do Objectivo (Quantidade); Tempo Máximo entre Aquisição e Ataque TOT (Target Decay Time).

Passo 4 – Contributos Para o Collection Plan.

Este passo é essencial para o emprego e activação dos meios de vigilância, as áreas sobre as quais os meios de vigilância vão ser orientados, já estão definidas no IPB (NAI, TAI e os DP, DL), os meios de vigilância vão incidir sobre os HPT, os TLE e tempos de aquisição já foram definidos (TSS). Toda esta informação será integrada no ICP.

Passo 5 – Desenvolver a AGM (Attack Guidance Matrix).

Conhecido o grau de vulnerabilidade dos objectivos a atingir, quais os efeitos a obter com o ataque, vai-se determinar qual o meio mais eficiente para esse empenhamento. A Equipa de TARGETING recomenda quais os objectivos a bater, quais os meios a utilizar face aos efeitos pretendidos. É assim delineada uma **orientação para o ataque** aos objectivos remuneradores, apresentada sob a forma de matriz (AGM). (Fig.5)

Esta matriz no escalão Brigada e escalão Batalhão assume a forma de MEAF (Matriz de Execução de Apoio de Fogos). (Fig.6)

Passo 6 – Estabelecer critérios de BDA (Battle Damage Assessment).

O BDA é a avaliação da eficácia do ataque aos Objectivos, acção que deve ser considerada logo na fase de planeamento.

Devido ser estabelecidos critérios de BDA % de danos no OBJ para se considerar que o efeito pretendido foi atingido;

Devem ser atribuídos meios de vigilância para a sua execução.

Passo 7 – Executar o ICP (Information Collection Plan).

Corresponde à **execução do Plano de Pesquisa**, sendo o primeiro passo activo no

Categoria	Descrição Obj	Quando	Como	Efeitos	Restrições
1 - C2	46, 6, 7	I	Art 155 / GE	N	Coordenar GE
2 - Ap Fogos	13, 16, 17	A	LFM	N	Não utilizar LFM > 5 min
3 - Manobra	24, 28	A	CAS	D	Coordenar SEAD
4 - Defesa Aérea	58	P	Art 155	S	Programa SEAD
5 - Engenharia	88	P	Art 155	N	Programa Contramobidade
6 - ISTAR	48	P	Art 155	S	Precisão de 300 m
7 - GE	113, 115	P	GE	N	Relatório de Danos
8 - NBQ	(...)	I	(...)	D	(...)
9 - Comb Lub	(...)	A	(...)	D	(...)
10 - Mun	(...)	A	(...)	D	(...)
11 - Manut	(...)	P	(...)	N	(...)
12 - Transp	(...)	P	(...)	N	(...)
13 - ICom	(...)	P	(...)	N	(...)

Fig. 5 – Exemplo de uma AGM

ANEXO C (MATRIZ DE EXECUÇÃO DO APOIO DE FOGOS) à OOp nº 1 da BMI (PO)**Conceito do Comandante para o Apoio de Fogos**

Apoiar a passagem do Rio SORRAIA através da execução de fogos de mascaramento. Executar fogos de massa através de Grupos de Objectivos sobre Un In em posições preparadas. Atribuir prioridade de fogos aos Agr A, Agr B e Agr C, por esta ordem, por forma a melhor apoiar a manobra da Brig. Executar fogos com munição CPHD sobre armas In que interbrem na passagem do RIO SORRAIA e no assalto aos Objectivos 2 e 3. Executar Séries de Objectivos para conseguir desorganizar as reservas In e suprimir os seus meios de Apoio de Fogos bem como planejar barragens de fogos, na consolidação e reorganização dos Objectivos 2 e 3. Planejar um campo de minas FASCAM para impedir o avanço da reserva. Planejar fogos sobre os itinerários de retirada do In.

	Passagem do Rio SORRAIA	Assalto aos OBJ 2 e 3	Combate nos OBJ 2 e 3	Consolidação e Reorganização OBJ 2 e 3
Comando da Brigada	COLT CAS (4 saídas)	Série GATO		Série Águia
Agr ALFA	PF2000(P)(Fumos) ObjPri CPHD PF1000(P)(A) P1A(P) PF	PF4000(P) PF4500(P)	PF5500(A) P2A(A)	PF8000(A)(FASCAM)
Agr BRAVO	PF2000(A)(Fumos) P1A(A) a/o PF	ObjPri CPHD PF3000(P)(A) PF4500(A)	PF5000(P) PF5500(P) PF	PF6000(A) PF9000 BarrAC(P)(A) PF7000(A)
Agr CHARLIE		PF4000(A)	PF5000(A) P2A(P) a/o PF	PF6000(P) PF9500 BarrAC(P)(A) PF7000(P) PF8000(P)(FASCAM)
MCAF	LSA 1	LSA 2	LSA 3	LSA 4
Informação Crítica				
Organização p/ Combate / Meios disponíveis: GAC 1 (155 APY/BMI) GAC 630 (155 AP): R/F do GAC 1	Objectivos Remuneradores (HPT): Btr 122 mm PC BatMec CAMec 2º esc GCC		Munições disponíveis: Dia D e seguintes: 780 HE 155 72 FASCAM 155 40min Fumos AC 30min Fumos Mort	Orientação para o Ataque: Destruir: PCs e AAA Neutralizar: Elem Rec Suprimir: Un CC Atradores Mec
Apoio Aéreo: CAS Atribuídas para Planeamento: - saídas para o Cmdt da Brig - 2 saídas ao Agr ALFA - 2 saídas ao Agr BRAVO FASCAM Atribuído à Brig: 1 campo 400x400, média densidade	Instruções de Coordenação: AC 1. Atribuição de Objectivos para Planeamento: Cmdt Brig.....12 Agr ALFA.....10 Agr BRAVO.....11 Agr CHARLIE.....10 2. Data Hora limite para aprovação dos Obj: 072100Jul04			

Fig. 6 – Exemplo de MEAT

processo de TARGETING, o Cmdt utiliza todos os meios que tem à sua disposição para detectar e identificar os Objectivos nas NAI já determinadas.

Este passo corresponde à EXECUÇÃO DO PLANO DE PESQUISA, sendo coordenado pelo G2, estando contudo integrada no processo de TARGETING.

No fundo, é dar cumprimento ao anteriormente planeado no **Transparente de Apoio à Decisão**.

A informação obtida pode dar origem a alterações do ICP (processo dinâmico e contínuo), sendo utilizada para actualizar a HPTL e a AGM. A BrigMec possui para a execução do ICP, o PAO (Pelotão de Aquisição de Objectivos) orgânico do GAC, os radares de Vigilância do Campo de Batalha dos BIMEC e o ERec, podendo ser reforçada com SOF ou outros meios ISTAR.

Passo 8 – Produzir Efeitos.

Corresponde à concretização do ataque planeado, com meios letais ou não letais.

A BrigMec possui organicamente para produzir efeitos letais o seu GAC e os Pelotões de Morteiros Pesados dos Batalhões. Para a

produção de efeitos não letais possui unicamente o Pel GE da CTM.

Passo 9 – Executar o BDA.

É o passo final do ciclo é aqui que se vai avaliar se o efeito pretendido sobre o OBJ foi atingido, se os efeitos pretendidos não foram conseguidos, deve-se rever toda a informação sobre o OBJ para determinar quais as medidas a tomar.

O G3 fará a Avaliação dos Efeitos das Munições (MEA), ou seja, vai verificar se o armamento foi apropriado, se funcionou correctamente e se foi empregue correctamente.

O G2 fará o BATTLE DAMAGE ASSESSMENT (BDA), onde fará a Avaliação de danos físicos, a Avaliação de danos funcionais e a Avaliação dos Sistemas de Alvos ou seja, se o alvo foi atingido, qual a extensão dos danos e se os objectivos foram atingidos.

Toda esta análise poderá levar a uma proposta de Reataque ao Objectivo.

Estes são os passos tomados no decorrer do processo de Targeting na Brigada.

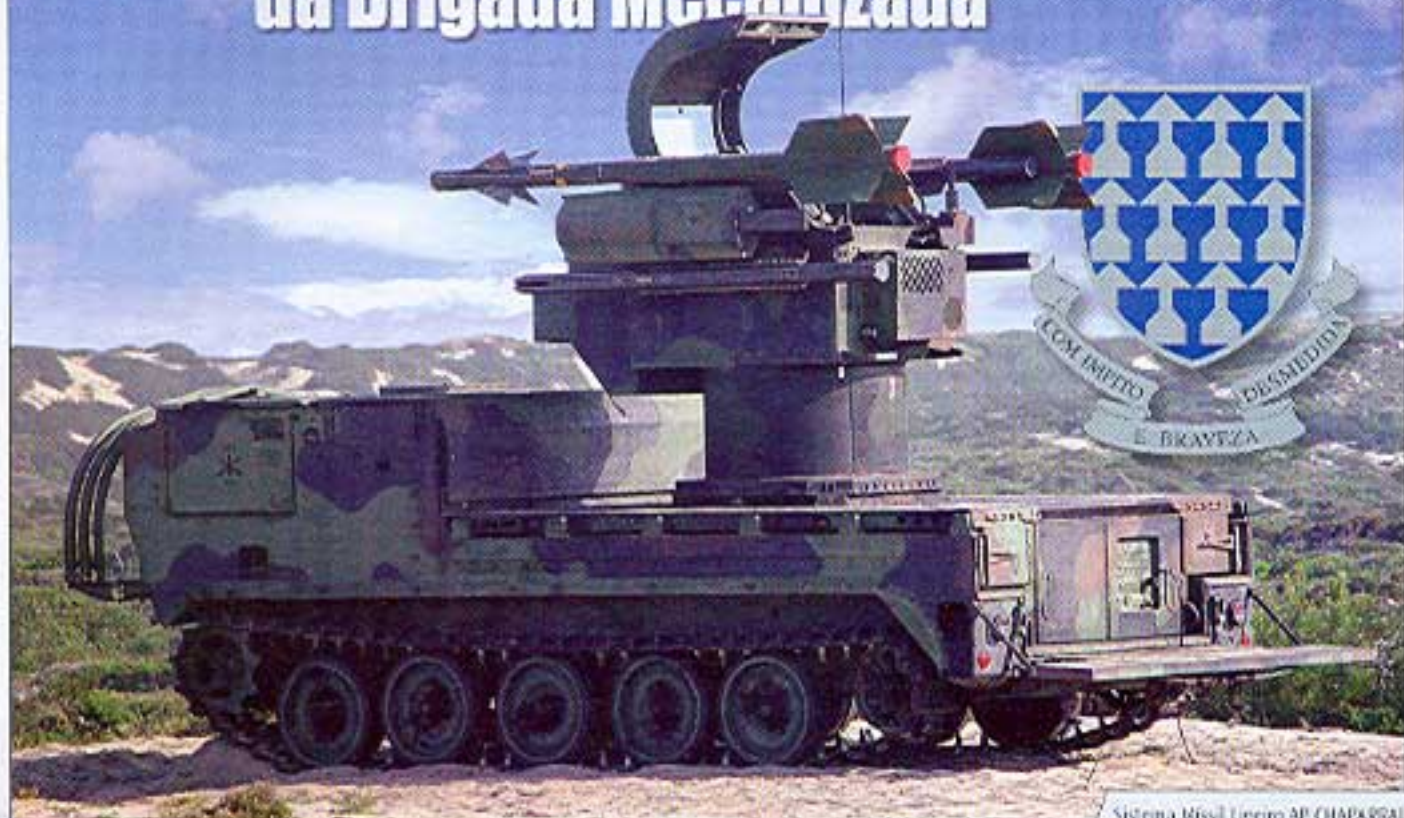
Conclusões

Conclui-se que o Processo de Targeting na Brigada é uma ferramenta que permite elaborar produtos muito úteis no apoio à decisão do Comandante; é um processo contínuo e cíclico que faz parte do processo de tomada de decisão, desde a recepção da missão até à elaboração dos planos/OOp; parte integrante do PTOM e do IPB; aproveita produtos do 2º para ajudar o 1º, potenciando os meios disponíveis e economizando esforços através da correcta definição dos alvos que são realmente importantes bater, bem como da prioritização dos mesmos. Conclui-se ainda que no caso específico da BrigMec, a fase da Detecção do TARGETING centra-se nos seus meios de aquisição (PAO, OAVs, radares dos Bat), a sua capacidade de produzir efeitos está limitada aos seus meios (GAC, CAS, PelMort), a sua capacidade de produzir efeitos não letais está resumida ao Pel GE da CTM.

Cap Art Sandro Geraldo
Of Pess / GAC



A Evolução da Bateria de Artilharia Antiaérea da Brigada Mecanizada



Sistema Missil Ligeiro AP CHAPARRAL

No ano em que a Brigada Mecanizada (BrigMec) comemora os seus 30 anos de existência, a Bateria de Artilharia Antiaérea (BtrAAA) comemora o seu 17º aniversário. A "mais nova" subunidade da BrigMec foi criada em 01OUT91, no já extinto Centro de Instrução de Artilharia Antiaérea de Cascais (CIAAC), a fim de dotar a então 1ª Brigada Mista Independente (1ªBMI) de uma unidade capaz de lhe conferir protecção antiaérea contra ataques aéreos de aeronaves hostis voando a baixa e muito baixa altitude. Estabeleceu-se no Campo Militar de Santa Margarida (CMSM), herdando as instalações do Destacamento de Comandos, em 30OUT91.

Ao longo da sua existência, a BtrAAA viu a sua missão e a sua estrutura orgânica serem alteradas várias vezes, ao mesmo ritmo que

se foi tornando mais difícil a manutenção em operação dos sistemas de armas e de aviso e alerta que a equipavam e continuavam a equipar.

Se no que diz respeito à missão, as alterações desde a sua criação até aos dias de hoje não foram muito substanciais, já no que diz respeito aos sucessivos Quadros Orgânicos (Q.O.) que foram sendo aprovados para a BtrAAA, as mudanças foram importantes, do ponto de vista doutrinário e sempre no sentido da redução, com a honrosa excepção do Q.O. de 1996.

Assim, o Q.O. original dispunha de 4 subunidades de escalão Pelotão: um Pelotão RADAR, equipado com o RADAR AN/MPQ-49B FAAR, dois Pelotões equipados com o sistema canhão AP VULCAN, um Pelotão equipado

com o sistema missil ligeiro AP M48A2E1 CHAPARRAL e um Pelotão equipado com o sistema missil portátil STINGER, a 3 secções. Esta orgânica permitia à BtrAAA proteger as unidades de manobra da 1ªBMI e manter a capacidade de proteger os restantes órgãos, pois dispunha de 6 subunidades de sistemas de armas antiaéreas.

O facto de dispor de 3 sistemas de armas distintos, como o sistema missil ligeiro AP, o sistema missil portátil e o sistema canhão AP, permitia também tirar partido de um dos princípios fundamentais de qualquer sistema de defesa aérea: o princípio da combinação de armas. As grandes limitações prendiam-se com o facto de estar equipada com um sistema de aviso e alerta já bastante antiquado para a época e com o peso logístico que representa a manutenção de qualquer sistema de armas autopropulsionado e tecnologicamente evoluído.

Em 1996 o Q.O. da BtrAAA sofre a sua primeira alteração, perdendo o Pelotão de sistema canhão AP, mas ganhando um Pelotão equipado com o sistema missil portátil STINGER, a 3 secções.

A BtrAAA mantinha a combinação de armas, aumentava o número de subunidades de





sistemas de armas para 7, mantendo o mesmo número e tipo de sistema de aviso e alerta.

A recepção dos sistemas missil ligeiro AP M48A3 CHAPARRAL, que representam uma evolução ao original M48A2E1, trouxe consigo novas alterações à estrutura orgânica da BtrAAA. Assim, em 2000 é aprovado um novo Q.O.

Pela primeira vez, as valências de transmissões, manutenção, reabastecimentos e sanitária, são agrupadas, formando o Pelotão de Comando e Serviços. A BtrAAA perde um dos pelotões de sistema missil portátil, mas ganha 2 pelotões de sistema missil ligeiro AP. Aumenta o peso logístico da Bateria, perde-se duas subunidades de sistema de armas (que passam a 5), e mantém-se o sistema de aviso e alerta. Em termos de capacidade de protecção antiaérea da Brigada Mecanizada Independente, continuava a ser possível mantê-la, se bem que com alguma imaginação...

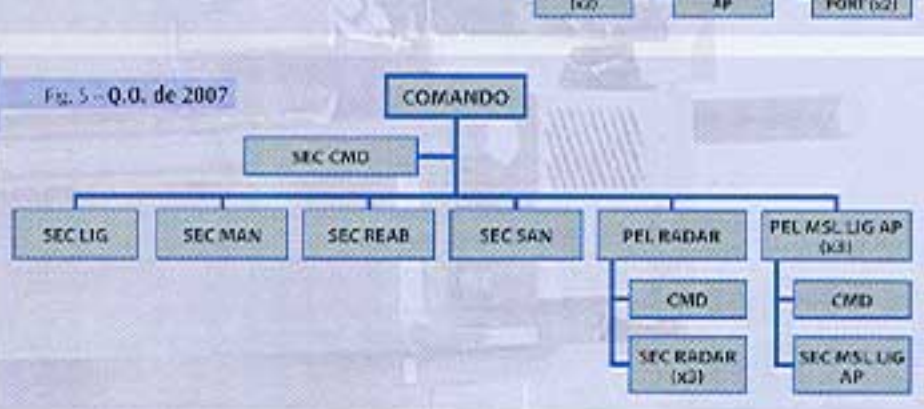
Em 2006, novo Quadro Orgânico. O potencial da BtrAAA mantém-se, assim como a necessidade de alguma imaginação para o usar... A grandes alterações prendem-se com as valências em termos de apoio de serviços. O Pelotão de Comando e Serviços desaparece, desaparecendo também a Secção de Transmissões.

Esta alteração provoca a perda de pessoal especializado de transmissões de que, até então, a BtrAAA dispunha, provocando um lapso de tempo em que o material de transmissões não teve o devido acompanhamento técnico, sendo necessário formar sargentos com o Curso de Transmissões das Armas, a fim de colmatar o problema.

Finalmente, em 29NOV07, é aprovado o actual Q.O. da BtrAAA da "nova" Brigada Mecanizada (BrigMec).

De 5 subunidades de sistemas de armas, a BtrAAA/BrigMec passa a dispor de apenas 3. E a imaginação deixa de ser possível de utilizar...

O facto de perder o Pelotão sistema missil portátil STINGER faz com que a BtrAAA perca qualquer possibilidade de proteger a BrigMec como um todo. No entanto, o facto do actual Q.O. deixar de se referir ao sistema missil ligeiro AP indicando especificamente, como do anterior, o sistema CHAPARRAL, pode levar à



Radar XN/MPQ-49B FAAR

adopção de um sistema de armas que, mesmo que do tipo AP, tenha outras capacidades. Na realidade, as características técnicas do sistema CHAPARRAL não o tornam vocacionado para a protecção de unidades de manobra, dado o tempo necessário para "entrar em posição" a fim de executar empenhamentos. A velocidade

com que as aeronaves modernas, quer sejam aeronaves de asa fixa, quer sejam helicópteros, abordam e atacam os seus alvos, não é compatível com as capacidades do sistema.

Em termos de sistemas de aviso e alerta, a alteração de 2 para 3 secções RADAR pode trazer maior capacidade de detecção. Isto se for considerada a substituição do actual sistema RADAR FAAR por um sistema que permita um maior alcance, a transmissão automática de dados e a gestão integrada dos sistemas de armas.

Faça a este panorama de constante emagrecimento do Q.O. da BtrAAA e da impossibilidade de cumprir, por si só, a sua missão fundamental, não se afigura fácil a tarefa dos futuros Comandantes da BtrAAA/BrigMec e dos seus militares. Mas que não se pense que alguma vez irão desmotivar ou, de alguma forma, deixar de colocar todo o seu empenho e saber em todas as tarefas que à BtrAAA couberem, em prol da BrigMec.

Aqui, no Quartel da Artilharia, existe uma unidade que continuará sempre a servir a BrigMec com *"Impeto e Bravura Desmedida"*.

Maj Art Paulo Rosendo
Cndt da BtrAAA / BrigMec

SITREP

G9/BrigMec



DIA DO QUARTEL DA CAVALARIA (QCav)

Com a extinção do RC4 em 2006 e por despacho MGen Cmdt CMSM/BMI, foi atribuída como data festiva comum ao GCC e ao ERec o dia 13MAR, como acontecia aliás com o RC4. Assim, mais uma vez este ano se comemorou este dia Festivo do QCav.

A cerimónia militar foi presidida pelo Ex.^{ma} Director Honorário da Arma de Cavalaria, MGen Luís Miguel de Negreiros Moraes de Medeiros e contou com a presença de antigos comandantes do RC4, do GCC e do ERec e outros convidados.

Após a cerimónia militar, os convidados visitaram uma exposição no Museu do Quartel alusiva à Guerra Peninsular e o MGen Moraes de Medeiros assinou o Livro de Honra do QCav.

As comemorações terminaram com um lanche convívio na Messe de Oficiais do Núcleo nº3.



TORNEIO DE GOLFE DA BrigMec – II TROFÉU ATOLEIROS

No âmbito das Comemorações do 30º Aniversário da BrigMec, integrado no Programa D. Afonso Henriques e com o apoio técnico do Clube de Golfe do Exército, realizou-se no dia 16MAR08 no Golden Eagle em Rio Maior, o Torneio de Golfe da BrigMec – II Troféu Atoleiros.

O Torneio contou com a participação de 79 jogadores e foi disputado na modalidade "Stableford", com as saídas em "shotgun" às 09h. Desta vez e ao contrário do anterior, contámos com excelentes condições atmosféricas para a prática da modalidade, tendo sido um garante para que o torneio decorresse francamente bem, quer em termos competitivos, quer pelo salutar convívio e amizade que caracterizou o ambiente de todo o torneio.

Paralelamente ao jogo, teve lugar na "Academia de Golfe" do Golden Eagle, uma "Clínica de Golfe", onde alguns Oficiais da BrigMec e suas famílias, puderam, com o apoio de um professor, aprender algumas noções técnicas da modalidade e experimentar o prazer de dar as primeiras "tacadas".

No início da tarde, o Torneio culminou num agradável almoço-convívio, onde foram entregues os prémios do jogo e sorteadas variadíssimas ofertas dos patrocinadores:



voucher's, material para o jogo, etc.

No site do Clube de Golfe do Exército (www.clubegolfexercito.no.sapo.pt), poder-se-á obter toda a informação, nomeadamente o Draw, Classificação, Patrocinadores, Fotografias, etc.

Face a mais um êxito obtido, a BrigMec irá organizar em 2009 o III Troféu Atoleiros, no âmbito das Comemorações do seu 31º Aniversário.



DIA DO 1º BIMEC

Em 18MAR08 teve lugar a cerimónia comemorativa do 31º aniversário da criação do 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado que data de 15MAR77, dia em que foi publicada a 1ª Ordem de Serviço do então "Batalhão de Infantaria Mecanizado".

A cerimónia foi presidida pelo Ex.º Comandante da BrigMec, Major-General António Agostinho, e teve a seguinte sequência: leitura da 1ª Ordem de Serviço, Discurso do Comandante do 1º BIMEC, TCor Inf Lino Gonçalves, Discurso do Ex.º Comandante da BrigMec, Imposição de Condecorações a militares da unidade, leitura do Código de Honra do 1º BIMEC, tendo sido concluída com o desfile das Forças em Parada.

Nas Forças em Parada encontrava-se, para além dos militares do 1º BIMEC, o 1º Esquadrão do ECC/BrigMec, que é parte integrante do Agrupamento Mecanizado NRF-12.

As comemorações que contaram com a presença de antigos militares do Batalhão, culminaram com um "Porto de Honra", no Bar de Oficiais da Unidade.



PARTICIPAÇÃO NAS FESTAS DE NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM DO CONCELHO DE CONSTÂNCIA

Tal como nos anos anteriores, a BrigMec participou nas Festas do Concelho de Constância, entre 21 e 24MAR08.

Esta participação, constituiu-se como mais uma actividade decorrente das Comemorações dos 30 anos da BrigMec, pretendendo-se com a mesma fazer uma apresentação de capacidades e meios da Brigada através de uma pequena exposição de expositores e filmes da BrigMec, no interior de um Stand, gentilmente cedido pela Câmara Municipal de Constância.

Participaram nesta exposição, 8 militares, sendo 2 do GAC, 2 do 2º BIMEC, 2 da CEng e 2 da CTM.



EXERCÍCIO RELÂMPAGO 08

Tendo como objectivo, exercitar todas as Unidades de Artilharia Antiaérea (AAA) do Sistema de Forças do Exército, no planeamento, controlo e condução do apoio antiaéreo às operações terrestres, decorreu no período de 24 a 28MAR08, na região de Vieira de Leiria (Fonte dos Morangos), o Exercício "Relâmpago 08", da responsabilidade do Comando Operacional do Exército, e conduzido pelo Regimento de Artilharia Antiaérea Nº 1 - RAAA 1.

No âmbito deste Exercício realizou-se, em 27MAR, uma sessão de fogos reais, que contou com a participação de cerca de 230 militares e 50 viaturas e onde foram empregues todos os meios (os sistemas missil antiaéreos, STINGER e CHAPARRAL e o sistema canhão Bitubo 20mm) e unidades de AAA do Exército Português, respectivamente: Bateria AAA da Brigada de Intervenção (RAAA 1); Bateria de AAA das Forças de Apoio Geral (RAAA 1); Pelotão AAA da Brigada de Reacção Rápida (RAAA 1); Bateria AAA da Brigada Mecanizada; Bateria AAA do Regimento de Guarnição nº 2 (ZMA); Bateria AAA do Regimento de Guarnição nº 3 (ZMM).

O Exercício contou com a presença de S. Ex.º o General Chefe do Estado-Maior do Exército, General José Luís Pinto Ramalho, que no final destacou a eficácia da sessão de fogos reais e muito especialmente o profissionalismo e a eficiência do trabalho desenvolvido por todos os militares empenhados no Exercício "Relâmpago 08".





Exercício AAN – NRF12

No período entre 25 e 26MAR08 o AgrMec NRF12 realizou um Exercício do tipo FTX com o intuito de praticar a ocupação da sua Área de Atribuição de Missão.

Estiveram envolvidas 62 viaturas de lagartas, 34 viaturas de rodas e um total de 451 militares.

Durante o curto Exercício testaram-se os Planos de Movimentos e de Ocupação da Zona de Reunião. Após a respectiva ocupação, foram validados os Planos de Defesa, Segurança e Repouso e de Alerta. Embora não sejam Tarefas Essenciais ao Cumprimento da Missão, o treino conduzido é importante para que, numa situação real, o Potencial de Combate seja preservado antes das Operações propriamente ditas e que a Cadeia de Comando fique liberta para realmente planejar, não se esgotando na implementação de procedimentos padrão.

EXERCÍCIO ONÇA “081”/“082”



Decorreu, no período de 07 a 09ABR08, mais um exercício do Grupo de Artilharia de Campanha.

Foi planeado e executado tendo como objectivo incrementar o treino operacional, nas áreas Tática e Técnica, das Baterias de Bocas de Fogo, da Bateria de Comando e Serviço e do Posto de Comando com vista à preparação do Exercício ROSA BRAVA 08 / EFICÁCIA 08 bem como o apoio à Academia Militar na vertente da cadeia de Tiro dos Alunos do 4º Ano de Artilharia, aos quais foi facultada a possibilidade de incrementarem os seus conhecimentos e experiência na execução de Observação e Cálculo de elementos de tiro (PCT).

Desenvolveu-se em duas fases distintas. A primeira durante os dois primeiros dias, Tática, onde se realizaram treinos de procedimentos e manobra, realizando-se reconhecimento de posições e várias entradas e saídas de posição. A segunda no terceiro dia do Exercício, destinada à parte Técnica do Tiro de Artilharia onde se realizaram fogos reais.

A 1ª Bateria de Bocas de Fogo (BBF), em região de ALTO DO RAPAZ, executou várias missões de tiro com fogos reais executados de sul para norte e com observação no observatório da Torre do Porco. Em simultâneo com os estes Fogos Reais da responsabilidade do GAC da BrigMec, a 2ª BBF, em região de LAGOA GRANDE, executou fogos reais em apoio à cadeia de Tiro da Academia Militar. Foram cerca de 130 as munições gastas na realização dos fogos reais.

STEADFAST JOIST 08



Entre 04 e 16ABR08 decorreu no Joint Warfare Center, na Noruega o Exercício STEADFAST JOIST no âmbito da Componente CJTF da NATO. O exercício visou o treino dos Comandos das componentes Terrestre (LCC), Marítima (MCC) e Aérea (ACC) na intervenção por parte da NATO num País Africano (MADLA) que enfrenta problemas de carácter humanitário, de actividades terroristas e ameaça de invasão por parte de outros países vizinhos. Um cenário actual que permitiu a todos os comandos treinarem procedimentos em todo o espectro de operações.

A BrigMec, estando afiliada ao NRDC Spain, participou com uma célula, constituída pelo chefe de Estado-Maior (TCor Inf Azevedo), Oficial de Operações (Maj Inf Carvalho) Oficial de Informações (Cap Inf Afonso), Oficial de Pessoal/Logística (Cap Art Geraldês), NSE (Maj Art Agostinho) e um Oficial de Ligação no NRDC Valência (Cap Inf Dias).

A prestação da BrigMec foi altamente enaltecida por todos os Comandos NATO que participaram no Exercício, pela forma muito empenhada e particular como os Portugueses, devido à experiência acumulada nas diversas FND, resolveram todos os incidentes colocados à célula de resposta.



PARTICIPAÇÃO NAS FESTAS DA ASCENSÃO DO CONCELHO DA CHAMUSCA

A Brigada Mecanizada participou nas Festas do Concelho da Chamusca, que decorreram entre os dias 30 ABR e 04 MAI 08.

Esta participação, constituiu-se como mais uma actividade decorrente das Comemorações dos 30 anos da BrigMec e tal como na anterior actividade do género, que decorreu em Constância, pretendeu-se apresentar as capacidades e meios da Brigada através de uma pequena exposição de expositores e filmes da BrigMec, no interior de um Stand, gentilmente cedido pelo Câmara Municipal da Chamusca.

Participaram nesta exposição, 10 militares, sendo 2 da CCS/BrigMec, 2 do BApSoc, 2 da BAA, 2 do GCC e 2 do ERec.



JORNADAS DE SENSIBILIZAÇÃO PARA A SEGURANÇA RODOVIÁRIA NA BrigMec

Continua a ser socialmente aceite o perturbante relacionamento entre o nível de risco e o transporte. Cerca de 1,3 milhões de pessoas morrem anualmente em resultado da sinistralidade rodoviária. Em números absolutos após comparação entre distâncias percorridas e o número de mortos, a quase totalidade destes são vítimas de sinistralidade rodoviária, em oposição com os transportes ferroviários, aéreos ou marítimos. Tristemente mais de 1/3 destas mortes ocorre com jovens com menos de 25 anos.

A sinistralidade rodoviária está identificada pela Organização Mundial de Saúde como a 9ª origem de óbitos e a mesma organização antevê o cenário de 2020 em que as mortes nas estradas passarão a ocupar a 3ª posição.

Os militares que servem na BrigMec são em grande parte naturais de outros locais do país. Para se deslocarem para a Brigada utilizam na sua maioria as estradas portuguesas onde enfrentam o mesmo tipo de perigos dos restantes utentes dessas vias. Ao enfrentarem esses perigos inerentes ao risco da circulação rodoviária

alguns dos militares não conseguiram evitar os acidentes, tendo-se registado uma vítima mortal por cada um dos dois últimos anos, além de militares com lesões de diferentes níveis de gravidade.

Com o propósito de disponibilizar um conjunto de informações para alertar para mudanças que devem afectar todos realizaram-se as Jornadas de Sensibilização para Segurança Rodoviária que para garantir que eram bem compreendidas e aceites foram apresentadas por pessoas a quem lhes é reconhecida competência.

Durante estas Jornadas que decorreram no auditório do Grupo de Artilharia de Campanha nos dias 07 e 08 MAI 08 foram realizadas as seguintes apresentações pelos oradores que se referem:

Eng.º José Miguel Trigo - Director Geral da Prevenção Rodoviária Portuguesa: "Segurança Rodoviária";

TCor Inf Luís Calmeiro - Chefe G2/BrigMec: "Condução e substâncias psicotrópicas";

Maj SS Paulo Campos - Sub-director do



Centro de Saúde Santa Margarida / Tancos: "O serviço nacional de emergência médica";

Cap TEDI Alagoa João - Técnico de enfermagem de diagnóstico e terapêutica do Centro de Saúde Santa Margarida / Tancos: "Causas de acidentes no meio militar";

SAjd SS/Medicina Fernando Morgado - Fisioterapeuta do Centro de Saúde Santa Margarida / Tancos: "Lesões e reabilitação na sequência de acidentes rodoviários";



COMEMORAÇÃO DO DIA DA CEng

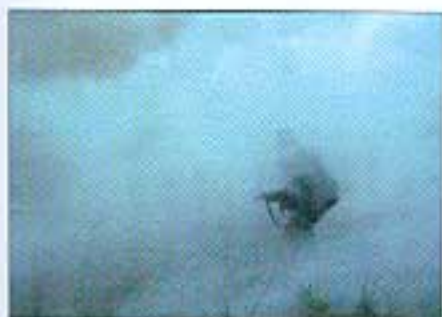
Comemorou-se, no passado dia 07/MAIO, o dia festivo da Companhia de Engenharia da BrigMec, no qual se evocou a passagem de 31 anos sobre a data da sua criação, o dia 15ABR77.

A cerimónia foi presidida pelo Ex.^{ma} Comandante da BrigMec, MGen António Noé Pereira Agostinho, tendo contado com a presença dos Comandantes/Directores/Chefes das Unidades/Estabelecimentos/Órgãos da Brigada Mecanizada e do Campo Militar de Santa Margarida, Chefes e Representantes das Secções de Estado-Maior da Brigada Mecanizada, antigos Adjuntos dos Comandantes da Unidade, antigos militares da Unidade, militares de Engenharia a prestar serviço na Brigada e diversos Amigos da Unidade.

Do programa festivo constou a Cerimónia Militar, em que foram proferidas alocuções pelo Comandante da CEng/BrigMec e pelo Ex.^{ma} Comandante da BrigMec, imposição de condecorações a militares da CEng/BrigMec e desfile das Forças em Parada, seguida de um lanche convivio.



A sua criação, a 15ABR77, foi materializada pela nomeação do seu primeiro Comandante, o então Capitão de Engenharia Alfredo Pires Guerreiro, e pelo levantamento do seu 1.^o Pelotão de Engenharia. À data ocupou as instalações do Quartel do Casal do Pole, em Tancos, junto da Escola Prática de Engenharia, Unidade de que dependia administrativamente. Em 11DEZ85, a CEng mudou-se e ocupou novas instalações, as actuais aqui em Santa Margarida, permanecendo, no entanto, o Pelotão de Pontes em Tancos devido à existência próxima de local apropriado para a instrução de transposição de cursos de água.



1.^o Classificado – "Cortina de fumos"



2.^o Classificado – "A procura"



3.^o Classificado – "Evacuação Aérea"

EXPOSIÇÃO DE MODELISMO MILITAR E 1.^o CONCURSO INTERNO DE FOTOGRAFIA DA BrigMec



Estas actividades decorreram no âmbito das comemorações do 30 anos da BrigMec.

O Concurso de Fotografia, versou o tema "A Actividade Operacional da BrigMec" decorrendo a entrega de trabalhos entre 22FEV e 29ABR08. Não se podendo dizer que tivesse uma elevada participação, pode-se no entanto dizer que contou com participação de qualidade. Culminou com a mostra de todas as fotografias participantes e entrega de prémios aos autores das fotografias melhor classificadas, no decorrer da Exposição de Modelismo Militar que decorreu no Ginásio da BrigMec.

As fotografias melhor classificadas, foram:

1.^o Classificado – "CORTINA DE FUMOS" do 1.^o Sargento Ferreira do 2.^o BIMec;

2.^o Classificado – "A PROCURA" do 1.^o Sargento Félix da BAAA;

3.^o Classificado – "EVACUAÇÃO AÉREA" do Capitão Ribeiro Faria do 2.^o BIMec.

A Exposição de Modelismo Militar decorreu, entre os dias 05 e 09MAIO8 e foi constituída pelos modelos, material de informação do 69 e pelas fotografias concorrentes ao Concurso Interno.

Esta foi, efectivamente, mais uma oportunidade que os militares e civis da BrigMec dispuseram para desfrutarem do excelente trabalho que algumas pessoas (na sua maioria civis) desenvolvem nos seus tempos livres, assim como o gosto que tem nesta actividade, uma vez que nos deparámos com trabalhos de elevadíssima qualidade, onde é dado relevo ao pormenor.



TOMADA DE POSSE DO COMANDANTE DO GCC

Em 12MAI08, pelas 11H15, realizou-se a cerimónia de tomada de posse do Tenente-Coronel de Cavalaria Jorge Manuel Guerreiro Gonçalves Pedro como Comandante do Grupo de Carros de Combate e por inerência de funções Comandante do Quartel da Cavalaria da Brigada Mecanizada, durante esta cerimónia foi lido o Despacho de 26MAR08, de S. Ex.ª TGen VCENE, que nomeia "Por Escolha" o TCor Jorge Pedro, foi ainda passada revista às forças em parada e feita uma alocução pelo novo Comandante.

Esta desenvolveu-se de acordo com o seguinte programa geral:

11H15 - Formatura geral pronta, na Parada CUAMAT0; Chegada do novo Comandante, acompanhado pelo Adj do Cmdt; Toque a sentido à Unidade; Apresentação da Formatura; Leitura do curriculum do TCor Cav Jorge Pedro; Leitura do despacho de nomeação; Entrega do Estandarte Heráldico do GCC ao novo Comandante; Revista às Forças em Parada; Alocução alusiva ao acto, proferida pelo novo Comandante; Desfile das Forças em Parada;

12H00 - Apresentação de cumprimentos ao novo Comandante (Oficiais, Sargentos e Praças).

No seu discurso, enalteceu a conduta da unidade e dos seus militares tendo elegido como linhas de acção para o seu comando: as actividades de recepção do Carro de Combate Leopard 2; participação na NRF-12 e Controlo das Cargas. O discurso terminou com o Comandante a apelar aos presentes relativamente ao espírito de missão e de dedicação, ao profissionalismo e ao patriotismo e acima de tudo à consciência



das exigências do futuro que avinham ao Grupo de Carros de Combate, expressando a sua confiança em todos aqueles que servem na Unidade.

DIA DO GAC



No dia 12MAI08, pelas 16H00, realizou-se a cerimónia militar comemorativa dos 31 anos de existência do Grupo de Artilharia de Campanha da Brigada Mecanizada, celebrando-se a efeméride relativamente ao dia em que foi constituída a sua primeira subunidade, a 1ª Bateria de Bocas de Fogo, em 09MAI77.

A cerimónia foi presidida pelo Ex.º MGen António Noé Pereira Agostinho, Comandante da BrigMec.

Após a continência das Forças em Parada, o Comandante do GAC, TCor Art, José António de Figueiredo Rocha, proferiu uma alocução alusiva ao evento.

De seguida foi lida a mensagem do Cmdt da BrigMec, procedendo-se depois à imposição de condecorações a militares da Unidade, a que se seguiu o desfile das Forças em Parada, comandadas pelo 2º Cmdt do GAC.

Finda a cerimónia militar, seguiu-se um lanche convívio.



XVI Convívio de Pesca dos Sargentos do QCav

Contando com a presença das respectivas famílias, realizou-se no passado dia 22MAI, o XVI Convívio de Pesca dos Sargentos do Quartel da Cavalaria - "Ex RCI".

Com origem no início dos anos noventa, o evento realiza-se normalmente na Barragem de Belver - Ortiga, tendo este ano, por razões de ordem logística sido realizado no Açude de Santa Margarida.

Pelo que podemos constatar, a alteração excepcional do local não retirou o extraordinário espírito de confraternização, amizade e animação com que o mesmo tem vindo a ser realizado.

Apesar da presença habitual, entre os participantes, de pescadores desportivos com provas dadas neste tipo de certames a nível nacional, o espírito competitivo assume aqui um cariz particularmente diferente, onde "profissionais" e "amadores" se confundem, unidos por um objectivo único: manter viva uma tradição que ao longo dos anos tem ajudado a cimentar e a garantir a continuidade ao longo das diversas gerações, de um salutar espírito de camaradagem, respeito mútuo e aproximação familiar, que todos gostaríamos de ver preservado dentro da família militar.

PROTOCOLO COM ESCOLA LUÍS DE CAMÕES DE CONSTÂNCIA



A Brigada Mecanizada celebrou um Protocolo com a Escola Básica de 2º e 3º Ciclos com Secundário Luís de Camões de Constância, com o intuito de viabilizar a realização do Estágio de quatro formandos desta escola do Curso de Educação Formação de Electricidade de Instalações, o qual teve o seu início em 19Mai08 e o seu final em 01JUL08, totalizando 210 horas de formação.

O curso aludido decorreu na Unidade de Apoio desta Brigada, a qual foi constituída EPR, sendo o Maj Inf Rodrigues o Orientador nomeado pela Brigada, tendo a responsabilidade de atribuir a nota final aos formandos, em coordenação directa com o Director de Curso, o Professor Carlos Bico.

Este Protocolo, após homologação de S.Ex.ª o Gen CEME de 08Mai08, foi celebrado em 16Mai08, na Biblioteca da Brigada, tendo sido assinado pelo Ex.º MGen Comandante na qualidade de primeiro outorgante, BrigMec e pela Dr.ª Anabela Grácio, Presidente do Conselho Executivo do Agrupamento de Escolas de Constância, em representação do segundo outorgante, Escola Luís de Camões.

TOMADA DE POSSE DO COMANDANTE DA UnAp



Em cerimónia protocolar realizada no passado dia 15Mai08, na Unidade de Apoio da Brigada Mecanizada (UnApoio/BrigMec), tomou posse do cargo de Comandante o TCor Inf João Manuel Mendonça Roque.

O novo Comandante desempenhava as funções de Chefe do G4 – Logística de Estado-Maior Coordenador do Comando da BrigMec, sucede ao TCor Art José Firmino Soares de Aquino.

Na presença dos Militares e Cíveis da Unidade o TCor Mendonça Roque proferiu uma alocução alusiva ao momento, indicando princípios e orientações que irão definir o seu Comando.

TOMADA DE POSSE DO COMANDANTE DO GAC E DO QArt



Em 19Mai08, tomou posse, como Comandante do Grupo de Artilharia de Campanha da Brigada Mecanizada e do Quartel da Artilharia, o Tenente-Coronel de Artilharia Joaquim Manuel de Almeida Moura.

A cerimónia teve início às 14H30, com a chegada do TCor Art Almeida Moura à porta de armas do GAC/BrigMec, sendo aguardado pelo 2º Comandante do GAC, Major de Art Mota Pereira e pelo Adjunto do Comandante do GAC/BrigMec, Sargento Chefe Almeida.

Pelas 14H45, deu-se início à cerimónia. Após a leitura do Despacho de nomeação do Comandante do GAC, o TCor Art Almeida Moura recebeu o guião do GAC, passou revista às Forças em Parada e, de seguida proferiu uma alocução.

No final da cerimónia as Forças em Parada desfilaram prestando continência ao Comandante do GAC.

Pelas 15H30, deu-se início à cerimónia de tomada de posse como Cmdt do Quartel da Artilharia. As forças em parada sob o comando do 2º Comandante do QA, integraram a fanfara da UnApoio/BrigMec, o GAC a três Baterias e a BMA a três pelotões.

Após a leitura do Despacho do Comandante da Brigada Mecanizada, que determina que o Cmdt do GAC seja em acumulação o Comandante do Quartel da Artilharia, o TCor Art Almeida Moura passou revista às Forças em Parada e, de seguida proferiu uma alocução.

No final da cerimónia as Forças em Parada desfilaram prestando continência ao Comandante do QA.

CICLO DE CONFERÊNCIAS ALUSIVAS À “FORÇA MECANIZADA”



De 02 A 06JUN08, teve lugar na BrigMec em Santa Margarida, um Ciclo de Conferências alusivas à “FORÇA MECANIZADA”.

Estas conferências integraram o programa da Comemoração dos 30 anos da BrigMec e foram da responsabilidade de todas as Unidades integrantes desta grande unidade.

Seguiu o seguinte calendário:

Palestra	Unidade	Data/hora
AgriMec – NRE, Organização e Conceito de emprego para o Séc. XXI	1ª BIMEC	031000JUN08
Força Mecanizada – Organização e Conceito de emprego para o Séc. XXI	2ª BIMEC	061000JUN08
D. Nuno Soares Pereira, patrono da BrigMec	2ª BIMEC	021500JUN08
Organização e Emprego dos CC LEOPARDO2 no GCC e no ERec	QCav	041500JUN08
Evolução do Apoio de Fogos ao longo dos últimos 30 anos na BrigMec	GAC	031500JUN08
Evolução do Apoio de Serviços ao longo dos últimos 30 anos na BrigMec	BApSvc	041000JUN08
Apoio Territorial: que conceito a adoptar	UnAp	051000JUN08
Emprego de Unidades de Engenharia em missões de Apoio à Paz	CEng	051500JUN08

Os objectivos traçados para esta actividade foram amplamente atingidos, ficando as unidades da BrigMec na posse de valiosos documentos para os quais trabalharam de uma forma muito empenhada.

VISITA DE DELEGAÇÃO DA ARMA DE CAVALARIA DO EXÉRCITO DO BRASIL

No âmbito de uma visita programada pelo Gabinete do Ex.º General Chefe de Estado-Maior do Exército, o Quartel da Cavalaria (QCav) recebeu no dia 06JUN08 a visita da Comitiva da Cavalaria do Exército do Brasil, constituída por 45 elementos dos quais vinte e um eram femininos. Esta delegação era chefiada pelo Ex.º Gen Luiz Cesário da Silveira Filho e acompanhada pelo Ex.º MGen Luis Miguel de Negreiros Moraes de Medeiros, em representação da Arma de Cavalaria do Exército Português e pelo Comandante da Brigada Mecanizada Ex.º MGen António Noé Pereira Agostinho.

A visita teve como objectivo dar a conhecer aos nossos camaradas de armas do Exército Brasileiro o Quartel da Cavalaria, nomeadamente a suas origens, a história das unidades



nele aquarteladas, a sua organização e as suas principais tradições, permitindo aos visitantes um contacto próximo com os principais equipamentos que equipam as unidades actualmente aquarteladas, GCC e ERec.

A visita terminou com uma fotografia de grupo seguida da assinatura do livro de honra,

onde foi manifestado pelo chefe da delegação Ex.º Gen Luiz Cesário da Silveira Filho a dedicação, operacionalidade e o culto das tradições históricas que presenciou durante a visita, bem como a sua gratidão pela forma acolhedora e profissional como a delegação foi recebida no Quartel da Cavalaria.

PARTICIPAÇÃO DA BrigMec NAS COMEMORAÇÕES DO 10JUN

A BrigMec participou activamente nas comemorações do dia 10JUN que se realizaram na cidade de Viana do Castelo nos dias 7, 8, 9 e 10JUN08.

Esta participação da BrigMec envolveu fundamentalmente meios na cerimónia militar e na exposição estática.

Relativamente à cerimónia militar, a BrigMec participou com o 1ª BIMEC nas forças apeadas (162 militares), e com uma poule de viaturas no desfile montado (8 M113 do 2ª BIMEC, 2 Chaparral da BAAA, 1 M577 PC do 2ª BIMEC, 2 M901 do GCC, 2 SLM TOW do ERec, 2 M106 do GCC, 2 M125 do 2ª BIMEC e 1 M577 PS do 1ª BIMEC), estas forças mecanizadas foram comandadas, no desfile, pelo 2º Cmdt do 2ª BIMEC.

Na exposição estática, a BrigMec participou com 1 CC M60 e 1 Obús M109 A5 com respectivas guarnições.



REUNIÃO DE COMANDO DA BrigMec NO QCav

Em 12JUN08, realizou-se no QCav, a Reunião de Comando da BrigMec com a seguinte agenda: Abertura dos trabalhos (Cmndt QCav); Intervenção do Ex.^{ma} MGen Comandante da BrigMec; Intervenção do Chefe do Estado-Maior e dos Comandantes das UII da BrigMec; Encerramento dos trabalhos.

Após a reunião, teve lugar uma formatura geral da Unidade presidida pelo Ex.^{ma} MGen Cmndt da BrigMec, com a presença dos partici-



pantes na reunião, dos Adj dos Cmndt's. Desta formatura, salienta-se, para além da imposição de condecorações a militares do QCav, a entrega ao Cmndt da Brigada dos troféus obtidos na fase Exército dos Campeonatos de

tiro e orientação e corta-mato e também de uma prova de ciclismo exterior à Brigada. Esta cerimónia terminou com a alocução do MGen Cmndt da BrigMec seguida do desfile das forças em parada.

PARTICIPAÇÃO NAS FESTAS DO CONCELHO DE VILA NOVA DA BARQUINHA

A Brigada Mecanizada participou nas Festas do Concelho de Vila Nova da Barquinha, que decorreram entre os dias 12 e 15JUN08.

Esta participação, constituiu-se como mais uma actividade decorrente das Comemorações dos 30 anos da BrigMec e tal como em anteriores actividades do género, pretendeu-se apresentar as capacidades e meios da Brigada através de uma pequena exposição de expositores e filmes da BrigMec, no interior de um Stand, gentilmente cedido pela Câmara Municipal de Vila Nova da Barquinha. Neste implementou-se um sistema de turnos de forma a que, aí estivessem, permanentemente 2 militares, sendo 2 da UNAp, 2 do 2º BIMec e 2 da CTm.

Para além da BrigMec, estiveram representadas as unidades sedeadas neste concelho (Escola Prática de Engenharia e a Escola de Tropas Para-quedistas) e o Recrutamento do Exército, através de uma viatura do Centro de Recrutamento de Coimbra guarnecida por pessoal do Gabinete de Atendimento de Tomar. Esta situação foi despoletada pela BrigMec, através de contactos mantidos com o CR Coimbra.



PARTICIPAÇÃO NAS FESTAS DA CIDADE DO ENTRONCAMENTO

A Brigada Mecanizada participou nas Festas de S. João e da Cidade do Entroncamento, que decorreram entre os dias 19 e 24JUN08.

Sendo mais uma actividade decorrente das Comemorações dos 30 anos da BrigMec e tal como em situações anteriores, pretendeu-se apresentar as capacidades e meios da Brigada através de uma pequena exposição e filmes da BrigMec. De referir que, neste caso existiram algumas novidades relativamente às anteriores participações, o Stand foi por nós montado numa tenda insuflada de 3 arcos e para além disto esteve em exposição um Obús M109A5 do GAC/BrigMec.

Nesta actividade foram empenhados 11 militares, 3 do GAC que guarneceram durante os 6 dias o Obús M109A5 e para a exposição na tenda de 3 arcos implementou-se, mais vez, um sistema de turnos de forma a que, aí estivessem, permanentemente 2 militares, cabendo desta vez esta missão a 2 da CEng, 2 da BAAA, 2 do BApSv e 2 do ERec.

Dando continuidade à cooperação, iniciada nas Festas de Vila Nova da Barquinha, entre a BrigMec e o CR de Coimbra, contamos com a participação do Recrutamento do Exército, através de uma viatura do CR Coimbra guarnecida por pessoal do Gabinete de Atendimento de Tomar.



DIA COMEMORATIVO DA UnAp

Realizou-se em 25JUN08 a cerimónia comemorativa do 2º aniversário do dia da Unidade de Apoio da Brigada Mecanizada. A cerimónia foi presidida pelo Comandante da Brigada Mecanizada, MGen António Noé Pereira Agostinho.

Do programa da cerimónia destaca-se a Cerimónia Militar que teve lugar na parada Brigadeiro Almeida Ribeiro, com imposição de Condecorações a militares da Unidade recentemente galardoados.

O Comandante da Unidade de Apoio, TCor Mendonça Roque, no seu discurso, fez um ponto de situação relativo às arções levadas a cabo pela UnApoio/BrigMec, assegurando o Apoio Administrativo-Logístico em proveito das Unidades aquarteladas, nomeadamente a



manutenção e conservação das infra-estruturas.

O Cmt da BrigMec, MGen Agostinho, após terminar a cerimónia militar, inaugurou o Edifício do Comando e a requalificada Sala de Honra da Unidade, deixando uma mensagem no Livro de Honra, da qual se salienta o seguinte excerto: "... De facto, nunca



"tão poucos" foram tão importantes, para o cabal cumprimento da missão desta grande Unidade do Exército..."

De seguida a Fanfara da Unidade proporcionou uma actuação a todos os convidados, finda a qual o MGen Cmt da BrigMec e o Cmt da UnAp partiram o bolo, que foi acompanhado com um Porto de Honra e antecedido por um inédito grito da Unidade.

ACORDO DE COLABORAÇÃO ENTRE A BrigMec E OS CTT



Na sequência do encerramento do Balcão dos CTT – Correios de Portugal, S.A. que se encontrava instalado na Brigada Mecanizada e após diligências visando encontrar uma solução alternativa que satisfizesse as necessidades da Brigada Mecanizada e os interesses dos CTT, resultantes da Lei de Bases do Serviço Postal, foi celebrado, em 26JUN08, entre estas duas entidades um Acordo de Colaboração, em vigor desde 01JUL08.

O presente acordo tem por objectivo a implementação de novos procedimentos no funcionamento dos serviços de correios com a finalidade de facilitar o processo de oferta do serviço postal universal às Unidades da Brigada Mecanizada e à população existente no seu interior.

Neste acto, a Brigada Mecanizada foi representado pelo Ex.^{ma} Major-General António Noé Pereira Agostinho, na qualidade de Comandante da BrigMec e os CTT – Correios de Portugal, S.A. pelo Senhor Eng.^o Pedro Amadeu Albuquerque Santos Coelho, na qualidade de Vice-Presidente e Vogal do Conselho de Administração.

III CONCURSO NACIONAL COMBINADO DO QCav

Nos dias 27 e 28JUN08 decorreu o III Concurso Nacional Combinado (CNC) de Equitação do Quartel da Cavalaria (QCav), que foi disputado em dois níveis de dificuldade: Iniciação e Preliminar. Este concurso registou 37 inscrições e compreendeu a realização de três provas: uma prova de Ensino, uma prova de Fundo ou Cross e uma prova de Obstáculos.

A prova de Ensino realizou-se durante a manhã do dia 27 junto às Cavalarias do QCav, na qual os concorrentes foram avaliados descrevendo uma série de figuras inscritas nas reprises de ensino nº 2 e nº 4 do Regulamento de CCE da FEP, em vigor. O objectivo desta prova era avaliar o grau de ensino dos cavalos e o efeito das ajudas dos cavaleiros.

Durante a tarde decorreu a prova de obstáculos, no Campo de Obstáculos do QCav, disputado sobre um percurso com uma extensão de 375 m, com 10 obstáculos para a prova de Iniciação e 11 obstáculos incluindo um duplo para a prova preliminar.

No final da prova realizou-se um jantar na Tertúlia das Cavalarias do QCav, que contou com a presença de militares e civis convidados e do Ex.^{ma} MGen António Noé

Pereira Agostinho, Comandante da Brigada Mecanizada (BrigMec).

Na manhã do dia 28JUN decorreu a prova de Corta-Mato ou Cross, que foi disputada na região da Ervideira, em Santa Margarida, segundo um percurso de campo, composto por diversos obstáculos rústicos. O percurso tinha a extensão de 2000 m e 15 obstáculos para a prova de Iniciação e de 2850 m e 19 obstáculos para a prova Preliminar.

Pelas 13H00 decorreu o almoço convívio no jardim da Messe de Oficiais destinado a militares e civis convidados, concorrentes e seus acompanhantes, num total de cerca de 150 pessoas, este almoço foi presidido pelo Ex.^{ma} MGen Pereira Agostinho, Comandante da BrigMec.

No cômputo geral das 3 provas (Ensino, Obstáculos e Campo), a classi-



ficação final foi a seguinte:

Prova de Iniciação: 1º Class. Cap GNR Cristiano, montando Ubi; 2º Class. Ten GNR Tomé, montando Odisséia; 3º Class. SAl Cav Luís Sénica, montando Tico; 4º Class. Sold GNR Fortes, montando Spartacus; 5º Class. Ten GNR Mendes, montando Carpa.

Prova Preliminar: 1º Class. TCor GNR Mariz dos Santos, montando Ramure; 2º Class. Cap Cav Fernando Cunha, montando Opressor de Fôja; 3º Class. Cap Cav Carlos Marques, montando Opiniosa de Fôja; 4º Class. Cap GNR Cristiano, montando Talisca; 5º Class. SMor Cav Gregório Lopes, montando Ómega.

EXERCÍCIO ARMAGEDDON 08

Decorreu na BrigMec o exercício "ARMAGEDDON 08", o qual, tal como no 1º realizado em DEZ07 teve por objectivo, treinar e exercitar a Companhia Geral CIMIC em apoio a uma Unidade de Escalão Brigada, tendo por cenário a execução de uma Operação de Resposta a Crises em resposta a uma resolução das Nações Unidas.

Desenvolveu-se da seguinte forma:

- 15MAI08 – decisão para a realização do exercício
- 26 a 30MAI08 – reuniões de planeamento do Cross Planning Team (CPT1)
- 16 a 20JUN08 – reuniões de planeamento do Cross Planning Team (CPT2)
- 23 a 27JUN08 – instrução de nivelamento da Companhia
- 30JUN a 04JUL08 – desenvolvimento do Exercício.

Este exercício contou com a participação de militares dos 3 Ramos das Forças Armadas, distribuídos pelo Controlo da Arbitragem, Companhia Geral

CIMIC (CSU) e Equipa de Planeamento, tendo a BrigMec, nesta fase, participado com as forças de cenário a cargo do 2º BIMec e GEC e ainda, através do apoio em alimentação, alojamento, viaturas, apoio sanitário e material diverso.

No tempo em que durou, foi disponibilizado um website na página do Exército (intranet) onde os participantes puderam em permanência aceder a toda a documentação do exercício, tendo servido igualmente para facilitar a troca de informação.

A par dos incidentes colocados à CSU decorreu, diariamente, a apresentação de um briefing, no Posto de Comando da BrigMec, onde o Comandante da Brigada dava instruções sobre a condução e foco das operações.

O exercício contou com uma avaliação da responsabilidade da Inspeção-Geral do Exército e culminou com a realização de um DVD, no dia 04JUL.



1ª SESSÃO DE JÚRI PARA CERTIFICAÇÃO COM O SECUNDÁRIO NA BrigMec

Na sequência do Protocolo de itinerância estabelecido entre Brigada Mecanizada (BrigMec) e o Centro Novas Oportunidades (CNO) do ISLA – Santarém, relativo ao processamento em Reconhecimento Validação Certificação de Competências (RVCC) do pessoal militar e civil, tendo em vista a melhoria das suas qualificações e respectiva certificação e tendo como objectivo prioritário o reconhecimento de competências chave, equivalentes e formalmente reconhecidas pelo Ministério da Educação, decorreu a 1ª Sessão de Júri para Certificação com o Secundário.

Este processo para certificação com o nível Secundário, teve o seu início em NOV07, com uma sessão de informação à qual se seguiram as entrevistas, para a selecção dos primeiros 12 formandos, que tiveram a sua 1ª sessão numa sala de aulas do 2º BIMec, no dia 10DEZ07.

Sendo este nível mais exigente do que o básico, a resposta dada é mais lenta, logo só agora, passados 6 meses foi possível Certificar com o Secundário os primeiros 4 Militares,



os quais compareceram a Sessão de Júri no dia 02JUL08. Foram eles, o Cadj Paulo Jorge Pereira Lopes da UnAp, os Cadj Célia L. R. Figueiredo Mingacho e Soldado Pedro Eduardo V. Q. Vidigal da CEng e o 1º Cabo Ricardo António R. V. Quaresma do 2º BIMec.

CREVAL NA NRF12



O Agrupamento Mecanizado NRF 12 foi alvo de uma CREVAL por parte da Inspeção Geral do Exército, de 07 a 08 de JUL, com o objectivo de o certificar a nível nacional. A referida CREVAL vem na sequência de outra efectuada de 16 a 21 de Abril durante o Exercício da Brigada Mecanizada "ROSA BRAVA 08/EFICÁCIA 08". A inspecção consistiu na análise documental e num teste ao Plano de Carregamento do Agrupamento, já que a avaliação tática tinha já sido efectuada em Abril.

O Agrupamento Mecanizado NRF 12 obteve formalmente a certificação nacional para passar à fase de treino multinacional, onde o objectivo a alcançar é a validação da certificação nacional por parte do Comando da Componente Terrestre da NRF 12.

Cerimónia de Entrega de Diplomas RVCC



Decorreu no dia 29JUL08, no Centro de Informação e Orientação para a Formação e o Emprego da Direcção-Geral de Pessoal e Recrutamento Militar, a Cerimónia de Entrega de Diplomas a Pessoal Militar e Civil que concluíram com êxito o Processo de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências (RVCC), sendo certificados com o 9º ano do ensino básico e o 12º ano do ensino secundário, no âmbito das Novas Oportunidades.

Esta é mais uma mostra dos bons resultados que o protocolo entre a BrigMec e o Centro de Novas Oportunidades do ISLA - Santarém, Educação e Cultura tem permitido alcançar. Neste caso, foram 52 militares e civis da BrigMec que concluíram a sua certificação, dos quais, 48 com o Ensino Básico e 4 com o Ensino Secundário.

Esta Cerimónia de entrega de Diplomas, integrou a inauguração do Centro de Informação e Orientação para a Formação e o Emprego da Direcção-Geral de Pessoal e Recrutamento Militar e foi presidida por S.Ex.ª o Ministro da Defesa Nacional, Professor Doutor Nuno Severiano Teixeira, e contou também com a presença do Secretário de Estado da Defesa Nacional e dos Assuntos do Mar, do Secretário de Estado do Emprego e da Formação Profissional, do Secretário de Estado Adjunto da Educação, do Presidente da Comissão Parlamentar de Defesa, do Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas e do Chefe do Estado-Maior do Exército.



TOMADA DE POSSE DO CHEFE DO ESTADO-MAIOR DA BrigMec

Em 28JUL08, tomou posse, como Chefe do Estado-Maior (CEM) do Comando da BrigMec, o Tenente-Coronel de Infantaria Amador Lopes.

O TCor Lopes foi recebido pelo CEM em exercício de funções e G1/BrigMec, TCor Azevedo, após o que fez a sua apresentação aos Ex.ªs Cmdt e 2º Cmdt da BrigMec.

Durante o período da manhã, acompanhado pelo TCor Azevedo, visitou todas as dependências deste Comando, travando conhecimento com todos os que com ele vão trabalhar nos próximos tempos.



Para completar este dia, após a 2ª refeição, visitou a CCS/BrigMec, onde foi recebido com uma formatura geral da Companhia, tendo-lhe sido proporcionada uma visita guiada à Unidade.

CIMIC VALUABLE COOPERATION SEMINAR

Nos dias 04 e 05SET08 decorreu no HQ NRDC SP, em Valência o CIMIC VALUABLE COOPERATION SEMINAR.

O Seminário, teve por objectivos principais educar e tentar aumentar a compreensão de todos os participantes acerca dos ambientes onde tem e continuam a operar Forças Militares, nomeadamente no que diz respeito à interacção com as populações locais e a cooperação com as Organizações Não-Governamentais que normalmente actuam nos diversos Teatros de Operações.

Esta actividade baseou-se essencialmente em palestras proferidas por entidades militares e civis, sendo o primeiro dia totalmente virado para a área militar e o segundo com a participação de duas ONG's. As palestras foram:

- 04SET08: CIMIC na NRF; CIMIC e Info Ops; Operações no Líbano – Lições Aprendidas;
- 05SET08: Batalhão CIMIC Espanhol; Cruz Vermelha Espanhola; CARITAS.



No Seminário, para além de diversos elementos do HQ NRDC, participaram Oficiais do Batalhão CIMIC Espanhol e diversos Oficiais de outros países OTAN, entre os quais o G9/BrigMec – TCor Art Paulo Sousa.

CONCERTO DA ORQUESTRA LIGEIRA DO EXÉRCITO NA VILA DE CONSTÂNCIA

Integrada nas Comemorações do 30º Aniversário da BrigMec, decorreu na Vila de Constância uma actuação da Orquestra Ligeira do Exército.

Esta actuação, foi mais uma das actividades dinamizadas pela BrigMec, com o intuito de incrementar a projecção da Brigada a nível regional e aconteceu no dia 13SET, pelas 21h30m, no Auditório dos Rios.

Sendo esta uma Orquestra, com elevada qualidade e já sobejamente conhecida, de militares e civis, chamou a este auditório uma vasta audiência, a qual deu como muito bem empregue o tempo dispendido para assistir a esta Brilhante actuação.



PARTICIPAÇÃO NA FEIRA DE S. MATEUS – VISEU

Tal como nos anos anteriores, a Brigada Mecanizada participou na Feira de S. Mateus em Viseu, entre 05 e 11SET08.

Esta participação, consistiu numa apresentação de capacidades e meios da Brigada através de uma pequena exposição de material, expositores e filmes da BrigMec, no interior do Stand do Centro de Recrutamento de Viseu.

Participaram nesta exposição, 1 Sargento e 1 Praça do GAC e 1 Sargento e 1 Praça do 2º BIMec.



CURSO DE OPERADORES DE ETAR

Decorreu na Unidade de Apoio da BrigMec de 15 a 26SET08 o 2º Curso de Operadores de ETAR, ministrado por graduados da UnAp com formação e experiência nesta área e certificado pelo Centro de Novas Oportunidades do ISLA de Santarém. Contou com a frequência de 21 Militares das Unidades da BrigMec, e 2 civis da Câmara Municipal do Entrancamento.

O curso foi dividido em duas componentes, uma Teórica constituído por 4 módulos (Águas residuais e processamento de tratamento, Ope-



ração e manutenção de ETAR, Controlo ambiental e Arranque da ETAR] e outra Prática onde os formandos tiveram oportunidade de executar as acções e procedimentos abordados nas aulas teóricas, tendo como objectivo final que cada



formando fique apto a operar uma ETAR.

A cerimónia de encerramento presidida pelo Coronel Adj do MGen Cmdt da BrigMec decorreu na UnAp em 26SET08, onde foram entregues os Certificados de Formação.

CURSO DE ARTILHARIA AUTOPROPULSADA 2008

Decorreram no Grupo de Artilharia de Campanha da Brigada Mecanizada (GAC/BrigMec), o Curso de Artilharia Autopropulsada 2008

(CAAP 2008), no período de 01 a 12SET08, para Sargentos de Artilharia e no período de 10 a 26SET08 o destinado a Oficiais de Artilharia.

O primeiro foi frequentado por 12 Sargentos Alunos do 35º Curso de Formação de Sargentos de Artilharia, teve a duração de 80 horas de formação e visou a transmissão, aos futuros Sargentos da Arma de Artilharia, a formação tática e técnica específica dos materiais que equipam o GAC/BrigMec, favorecendo assim uma melhor preparação para o exercício das funções que exijam esses conhecimentos e contribuindo para a formação militar dos Sargentos dos Quadros Permanentes.

Por sua vez, o segundo foi frequentado por 08 Oficiais Tirocinantes de Artilharia, sendo formado pelos seguintes blocos de matéria: Tática, Condução de Viaturas de Lagartas, Instrução Técnica de Artilharia, Material de Artilharia de Campanha, Manutenção de Material, Topografia e Avaliação de Desempenho, compreendeu 88 horas diurnas e 14 horas nocturnas, perfazendo um total de 102 horas de formação. Caracterizaram-se pela sua enorme componente prática junto do M109 A5 155 mm e terminaram com um Exercício de campo onde puderam colocar em prática tudo aquilo que aprenderam durante o curso.





VISITA DE S. Ex.^a O GEN CEME DO CHILE

No dia 23SET08, visitou a BrigMec, o Gen CEME do Chile, General de Exército Óscar Izurieta Ferrer.

A visita iniciou-se com a prestação das honras regulamentares pela Guarda de Honra, seguindo-se a apresentação de cumprimentos na Sala de Honra do Comando da BrigMec.

Após os cumprimentos, assistiu a um Brie-

fling sobre a BrigMec no auditório do Comando, seguido de uma visita ao QGav.

De seguida a comitiva seguiu para o Clube de Tiro onde foi servido o almoço, após o que a comitiva seguiu para o Comando da Brigada, onde na Sala de Honra, S. Ex.^a o General Izurieta Ferrer assinou o Livro de Honra da BrigMec.



OUTROS EVENTOS

06MAI08

Colheita de Sangue (105 dadores)



15MAI08 – Jantar de despedida de Comandantes e Chefes



01JUL08

Rastreio Auditivo na BrigMec



08JUL08 – Jantar de despedida de Comandantes e Chefes



10JUL08

Jantar informal com Militares da Academia



22JUL08

Colheita de Sangue (110 dadores)



07AGO08

Colheita de Sangue (134 dadores)



16SET08

Colheita de Sangue (90 dadores)



VISITAS

12MAR08 – Escola da Alpendurada



17, 18 e 19MAR08

Agrupamento de Escolas de Constância

19MAR08 – Alunos de Cantina e Prolongamento Escolar da Associação de Pais da Escola N.º 2



06MAI08

National Defense College da Nigéria



07MAI08

S. Ex.º o CEME, General Pinto Ramalho ao Centro de Saúde Tancos/Santa Margarida



08MAI08

Curso de Defesa Nacional para jovens



14MAI08 – Liga de Combatentes de Elvas



10JUN08

2.ª CART BART 6223 Moçambique de 1973

17JUN08

Curso de Promoção a Sargento-Chefe FA



02JUL08 – Curso de Formação de Sargentos



21JUL08 – Centro Comunitário de Torres Novas (Projecto Rosto)

22JUL08

Actividades de Verão para jovens de Constância



31JUL08

Crianças da Praia do Ribatejo



11SET08 – 2.º Curso de

Formadores de Protecção Ambiental



12SET08 – Ex-Militares do 1.º BImec, incorporados no 3.º T 88

PRINCIPAIS APOIOS

26ABR08 – Fatias de Cá (250 Cobertores para a peça a Tempestade)

08MAI08 – Cruz Vermelha / Abrantes (1 Tenda de 4 Arcos)

10MAI08 – Associação Cultural, Desportiva e Recreativa de Bicas (Louças e 2 Tendas de 4 Arcos)

11MAI08 – Almoço convívio do Sardoal 2008 (1 Equipa e uma Cozinha rodada)

09 e 10JUN – Prova de Orientação Nocturna organizada pela CM Constância

14 a 22JUN – Exercício Apolo da BrigRR

20JUN08 – Montagem de palco na Escola do 1.º Ciclo n.º 2 de Abrantes

21JUN08 – Almoço do Idoso do Concelho de Constância

27 a 29JUN08 – Montagem de 2 toldos 16P nos Festejos Anuais de Vale de Mestre

05JUL08 – 23.º Festival Nacional de Folclore "Tejo e Zêzere" 2008 (Utilização de instalações da UnAp)

02 a 11JUL08 – Exercício Leão da Academia Militar

19JUL08 – Palco amovível para o Festival de Folclore do Grupo Folclórico Etnográfico "Os Camponeses" de Vale das Mós

16 a 28JUL08 – Tendas para o Acampamento Regional do Corpo Nacional de Escutas – Região de Santarém

DESEMPENHO DE FUNÇÕES



Cmdt GCC/BrigMec
TCor Cav Jorge Pedro
12MAI08



Chefe G4/BrigMec
Maj Inf Abrantes Cardoso
15MAI08



Cmdt UnAp/BrigMec
TCor Inf João Roque
15MAI08



Cmdt GAC/BrigMec
TCor Art Joaquim Moura
19MAI08



Cmdt UnEng 5/UNIFIL
TCor Eng António Pereira
02JUN08



Cmdt ERec/BrigMec
Cap Cav Paulo Serrano
11JUN08



Chefe G3/BrigMec
TCor Cav Miguel Freire
16JUL08



CEM BrigMec
TCor Amaral Lopes
28JUL08



Chefe G6/BrigMec
Maj Tm Quaresma Rosa
19AGO08



Cmdt CCS/BrigMec
Cap Art Luís Roberto
15SET08



Chefe G2/BrigMec
Maj Inf Gonçalves Martins
23SET08



Cmdt BAPSvc/BrigMec
TCor Inf Gonçalo Azevedo
29SET08



Chefe G1/BrigMec
Maj Art Mota Pereira
13OUT08



Maqueta do Campo Militar
à escala de 1:5000 na
Sala de Operações do 2º Bn Mec

A Simulação Aplicada ao Treino

Introdução

É do conhecimento prático de qualquer militar que uma mensagem é mais facilmente apreendida e também retida durante por mais tempo quando acompanhada de uma imagem ou esquema. Por isso, transparentes de operações, caixas de areia, "plastrons", croquis, etc., são alguns dos métodos utilizados para apoiar uma ordem ou um plano. Deve ser igualmente do interesse de qualquer comandante assegurar-se de que os seus subordinados entendem correctamente a manobra e que a têm visualizada, de preferência, que a vejam da mesma forma. Os comandantes estão interessados em saber reagir aos imprevistos com a melhor solução possível, e em ler a certeza de que os seus subordinados estão preparados para o fazer de igual forma. Para conseguir estes propósitos de treino, o ideal é conseguir

recriar, com o máximo de fidelidade possível, situações reais, por forma a que o graduado que se encontra perante um incidente tenha a percepção, o mais clara possível, do que se está a passar, possa esclarecer mais rapidamente a situação e, consequentemente, reagir em tempo e da melhor forma.

O propósito deste artigo é sensibilizar os baixos escalões para alguns meios de simulação que têm ao seu alcance, sem recurso a equipamentos complexos, e que podem introduzir realismo, contribuir de forma bastante eficaz para a preparação de quadros das unidades de manobra. Nas linhas seguintes procurámos fazer um resumo de algumas soluções que podem ser facilmente aplicadas dependendo dos resultados que se pretenda obter.

Um pouco de história

A simulação militar não é uma actividade nova. Jogos como o *wei-hai*¹ chinês reportam ao terceiro milénio antes de Cristo. Já na antiguidade os generais e comandantes de forças se serviam de métodos mais ou menos arcaicos para representar as suas forças no terreno. Há indícios de que as legiões romanas fabricavam e utilizavam caixas de areia, tal como as entendemos hoje. A mais antiga simulação de combate que se conhece, e que persistiu, é o xadrez. No entanto, apesar de possuir indiscutível valor lúdico e de estimulação intelectual, este jogo não significa muito em termos de simulação militar propriamente dita. Foi no Séc. XVII, com Frederico da Prússia, que surgiram os jogos de guerra, próximos dos que conhecemos hoje. Entre outros factores é de destacar o facto de, por esta altura, a cartografia ter evoluído a ponto de poderem ser reproduzidos os terrenos com bastante exactidão. Em 1797, por exemplo, foi construído um modelo do terreno da fronteira franco-belga². Em meados do Séc. XIX, o *Kriegspiel* fazia parte do treino regular dos oficiais prussianos. Em 1824 foi publicada uma versão das regras assinada pelo primeiro-tenente Barão Von Reisswitz. Este jogo de guerra era desenvolvido sobre mapas com diversos tipos de tropa representados por blocos metálicos de dimensões diferentes. O escritor H.G. Wells, autor de, entre outras obras, a *Guerra dos Mundos*, foi um dos precursores dos jogos de guerra modernos ao criar e publicar, em 1913, *Little Wars*. Neste livro, Wells explica as regras básicas para, usando

figuras de 54 mm, reproduzir combates.

O Séc. XX trouxe às simulações a aplicação científica de métodos matemáticos, alguns tão sofisticados que só se tornam exequíveis com auxílio de um computador. Paralelamente à utilização no treino militar, subsistiu sempre o lado lúdico dos "jogos de guerra". Hoje em dia, uma simulação é criada e adaptada consoante os fins a que se destina. Pode tratar-se de um complexo e completo sistema de simulação de postos de comando, como o VIGRESTE, do exército português ou de um jogo temático para PC, vulgo "estratégia", sobre, por exemplo, o desembarque na Normandia.

O que interessa simular

Aos baixos escalões, entende-se batalhão, companhia, pelotão e secção assume carácter importante a manobra em si mesma e não a resposta a incidentes para as secções de estado-maior¹. É importante que os comandantes de pelotão se apercebam das formações de combate mais adequadas consoante o tipo de terreno, ao mesmo tempo que se apercebem da manobra dos pelotões adjacentes para melhor se "encaixarem" na manobra global. Esta necessidade adquire ainda mais força se pensarmos que grande parte dos subalternos pertence aos quadros de complemento (voluntários e contratados) e, normalmente, não tem os mesmos conhecimentos táticos que os subalternos do quadro permanente. É igualmente importante que os comandantes de companhia se apercebam das posições relativas do apoio de fogos e de serviços, bem como das possibilidades de manobra no terreno da sua subunidade. Nos tempos que correm é ideal que tudo isto se faça com o mínimo de gastos possível (em combustíveis, sobressalentes, etc.). Com base no pressuposto apresentado, entendemos o comandante de companhia como o principal responsável pela simulação do seu escalão e subordinados. As necessidades de treino dos quadros podem ser assim organizadas:

QUADROS A TREINAR	ASPECTO A TREINAR	SISTEMAS DE SIMULAÇÃO
Comandantes de pelotão e secção	NEP, capacidade de decisão, iniciativa	Roleplay ²
	Reacções imediatas a incidentes comuns	Cartões de incidentes
Comandantes de pelotão	Ações táticas de pelotão integrado na manobra da companhia	Simulação em mesa (caixa de areia, croquis ou carta)

Vamos agora então explorar os sistemas de simulação escolhidos e a forma de os implementar.

Roleplay

Método ideal para praticar em sala, embora possa ser utilizado no terreno, através da encenação de situações quando num exercício são nomeados militares para simular determinada situação, interpondo directamente

os alvos do treino, estamos igualmente numa situação de *roleplay*. Se necessário pode-se recorrer a fotografias, croquis, cartas ou até caixas de areia. O *roleplay* deve ser dirigido/conduzido por um narrador, papel que deve caber, normalmente, ao comandante de companhia, no caso dos subalternos e ao comandante de pelotão quando a audiência são os comandantes de secção. Em certos casos pode ser igualmente proveitoso conduzir um *roleplay* em sala com todos os graduados, especialmente se os aspectos a treinar forem procedimentos que são comuns a todos, tais como as Normas de Execução Permanente (NEP) ou acções que se pretende que sejam desempenhadas da mesma maneira por todos³.

O orientador do *roleplay* deve colocar as situações de uma forma clara e o mais completa possível, de modo a que todos visualizem o cenário. Depois pode optar por ir questionando individualmente a audiência para que todos se apercebam de como os outros resolveriam o problema e provocar que pensem na forma como eles mesmos o resolveriam. Em muitos casos, da diversidade de ideias pode surgir a solução mais próxima do ideal. No entanto, pode não ser conveniente proceder desta forma, se isto perigar de algum modo a acção de comando. Neste caso aconselha-se que o

orientador (seja o comandante de companhia ou de pelotão) inicie o *roleplay* depois de estudar muito bem a matéria e de estar na posse da solução óptima para qualquer situação apresentada.

Outro modo de conduzir o *roleplay* é de uma forma sequenciada e realista. Imagine-mos um comandante de companhia sentado numa mesa, com o seu adjunto e comandantes de pelotão, com uma carta ao centro e um



FERIDO GRAVE

ORIGEM:	Estilhaços provenientes de rebentamento próximo.
LESAO:	Perna e braço direitos cravados de estilhaços profundos. Sangra abundantemente.
EXECUTAR:	Deitar-se sobre o lado esquerdo e gritar descontroladamente. Não manusear nada com o braço direito nem usar a perna direita.
EVOLUÇÃO:	Ao fim de 2 minutos, silenciar, mas manter-se consciente. Depois de 5 minutos, passar a inconsciente. Se não for controlado em 15 minutos, morre.

Exemplo de cartão de incidente

bloco de notas. O comandante de companhia começa por expor a situação e identificar a posição de cada um dos pelotões na carta. Atribui depois, por exemplo, a missão de assaltar uma posição ao 1º pelotão e de apoiar pelo fogo ao 2º pelotão. Mantém o 3º pelotão em reserva. A partir do momento em que inicia a operação vai perguntando a cada subalterno o que é que ele está a fazer no momento e vai anotando a passagem do tempo. Se o comandante do 1º pelotão disser que está a montar base de assalto numa posição a 2 km de distância da inicial, o orientador deve corrigi-lo dizendo: "não! Se é essa a tua intenção, neste momento estás somente a iniciar o deslocamento e chegarás lá dentro de 20 minutos." De seguida deve perguntar aos comandantes do 2º pelotão e 3º pelotão o que estão a fazer. Depois "faz passar o tempo", no seu bloco de notas, até que ocorra a acção significativa seguinte (por exemplo, a chegada à base de fogos do 2º pelotão). Nessa altura deve circular de novo por todos para perguntar o que estão a fazer e assim por diante. A esta sequência juntam-se os incidentes criados pelo próprio orientador: "a 500 metros da posição que pensas ocupar, após esta linha de água, a tua primeira secção está a ser batida por fogos directos - como reages?".

O *roleplay* pode ser também interligado com o método seguinte - os cartões de incidentes - materializando no terreno os aspectos que foram simulados em sala.

Cartões de Incidentes

Este método destina-se a ser aplicado no treino no campo e baseia-se na entrega directa, em qualquer momento, de cartões a subordinados do escalão a treinar: uma explicação prévia: a praça que recebe o cartão deve executar a instrução nele contida o mais realisticamente possível, por forma a permitir um treino ajustado ao seu comandante (de secção ou, eventualmente, de pelotão), neste caso, a "training audience" é o comandante da praça que recebe o cartão. Este deve ser simples, explícito e estar numa linguagem clara. Este tipo de treino é cada vez mais possível

uma vez que, com o fim do Serviço Efectivo Normal (SEN) e o aumento das exigências nos critérios de selecção, as nossas praças têm, progressivamente, um nível cultural superior. Os cartões devem ser criados de forma a contemplar as situações reais decorrentes do combate – incómodas, mas que é necessário treinar, porque são realidade. Assim, é pertinente que, por exemplo, ao desembarcar da viatura para assaltar, debaixo de fogo, alguns dos elementos da secção se constituam em perda e que o comandante de secção reaja de modo a conseguir continuar a operar a secção desfalcada ao mesmo tempo que tem de se preocupar com os procedimentos quanto aos feridos e mortos. O cartão deve conter, no mínimo, os seguintes dados:

– Acção a executar por parte do interveniente: é o essencial, pois é da observação dos indícios exteriores que o comandante tem de inferir qual a acção adequada a tomar;

– Origem do incidente: tem o propósito de ajudar ambos, o interveniente a simular com mais realismo, uma vez que compreende a origem; o comandante a reagir de forma mais adequada, pela mesma razão.

De preferência, o cartão não deve ser mostrado ao comandante/graduado que tem de reagir, mas, caso o interveniente “esteja consciente”, deve, na medida do possível, esclarecer o seu comandante sobre a origem do incidente e sobre os seus sintomas.

Simulação em mesa

Trata-se da designação genérica que abrange as simulações sobre cartas topográficas, caixas de areia, maquetas, etc. Pode estar associado ao *roleplay* (conduzir um *roleplay* movendo as peças numa caixa de areia) ou constituir uma simulação em si mesma, com base num conjunto de regras que coordenem os movimentos e os fogos. Nos dias de hoje existem variadíssimos sistemas de regras, possíveis de aplicar de acordo com o que se pretende simular. É ainda possível criar o nosso próprio sistema, adaptado às necessidades.

A simulação em mesa permite que cada interveniente mova as suas unidades de manobra – peças – e as opere como na realidade faria, verificando de imediato os efeitos que isso provoca. Se um comandante de pelotão mecanizado optar por efectuar uma aproximação montada pelo meio de uma arca arborizada, vai verificar que progredirá muito

lentamente, não terá campos de tiro e ainda se arriscará a sofrer mais avarias, porque o sistema de regras lhe limita a velocidade e o tiro e o sujeita a problemas mecânicos (por exemplo, quando em terreno restritivo, ao jogar um dado de 6¹ faces por cada viatura, o resultado “1” representa uma lagarta partida).

Pode ser efectuada sobre uma carta em que se colocam fichas¹ que representam as unidades, como sobre uma maqueta ou cenário a três dimensões, com figuras ou pequenos modelos.

Aplicação prática

No decorrer dos ciclos semestrais de treino operacional da BrigMec, há oportunidade para os baixos escalões recorrerem às “ferramentas apresentadas”. Assim, o *roleplay* é adequado para o início das fases de treino operacional de escalão secção e pelotão, quando se pretende que os comandantes respectivos dominem o assunto e fiquem alertados para a forma de resolução de incidentes (no final todos conhecem a “solução esperada”). Ao mesmo tempo, o *roleplay* assim conduzido dentro de uma EPQ, permite que os subordinados conheçam a perspectiva do comandante de companhia sobre o grau de iniciativa que admite, o modo como este pensa o emprego da força, etc., com vantagens em situações operacionais em que estes percam contacto com o escalão superior, mas conheçam o modo de pensar do seu comandante e continuem a cumprir a sua intenção. Nas semanas seguintes a um *roleplay* conduzido com os graduados devem ser introduzidos os cartões de incidentes, por forma a materializar a parte possível do que foi trabalhado em sala. Finalmente, e isto é somente aplicável ao escalão pelotão e companhia, pode ser utilizada a simulação em mesa para, por exemplo, reproduzir o tema táctico de um exercício permitindo ao comandante de pelotão e companhia ter uma percepção das ocorrências de combate reais (mais do que a ida para o terreno, a simulação na mesa, com um sistema de regras, permite visualizar aspectos que de outro modo são normalmente esquecidos ou ultrapassados. É que, quando se efectua um FTX, o inimigo é sempre derrotado, na maior parte dos casos independentemente dos erros que sejam cometidos...).

Para o efeito, o 2º BImec possui uma maqueta do Campo Militar de Santa Margarida, à escala de 1:5000 em planimetria e altimetria que, com figuras de 1:300 e um sistema de regras adequado (o utilizado é o *Modern Spearhead* de Alex Macris e John Maher), em que cada base com uma viatura ou conjunto de figuras pode representar uma secção ou um pelotão e na mesa serem simuladas acções até brigada. Jogar a brigada é exequível – com cerca de 100 bases é reproduzida a BrigMec completa. Esta sala de operações destina-se precisamente a apoiar os planeamentos, quer com recurso à

maqueta e figuras como “caixa de areia”, quer como plataforma para “mini CPX”, com um sistema de regras simples, fácil de aprender e que não requer apoio informático.

Nos dias de hoje, a simulação militar em Portugal encontra-se pouco ou nada desenvolvida. Um dos factores que nos parece determinante para a desvalorização destas técnicas é a ideia preconcebida de que são necessários sistemas complexos e dispendiosos, com apoio informático em larga escala. Perdemos constantemente oportunidade de melhorar os nossos quadros pelo simples facto de os desviarmos das prioridades operacionais com o pretexto da falta de meios financeiros. Um comandante de pelotão pode não poder sair com as suas viaturas para o campo, mas isso não impede que o obriguemos a aguilizar a sua mente colocando-lhe desafios decalcados da realidade por intermédio de uma das simulações acima expostas. Qualquer dos sistemas explanados é económico e produz resultados.

Temos os meios, conhecemos as técnicas, podemos e devemos fazer mais uso da simulação.

Cap Inf Afonso
Of Inf / 2º BImec

1 Não confundir com o documento conhecido sobre o terreno até aos dias de hoje, mas antes que seja um jogo armador de modernização, que se produzia sobre uma grelha utilizando pedras, movendo o jogo objectivo do jogador em qualquer o máximo de movimentos possíveis (MTH, Roger D., *Essential techniques for military modelling & simulation*).

2 Op Cit.

3 Trata-se aqui o termo “estratégia” desprovido de qualquer significado técnico militar.

4 Por exemplo, o *Modern Battle* (simulação FTX) do escalão batallão de campo, concebido inicialmente em unidades representadas por octógonos de duas faces com “1” sobre uma carta topográfica. Esta simulação permite cobrir todos os aspectos inerentes ao combate por linha e que, quando do cenário de desenvolvimento a uma unidade resultava que uma lagarta de uma viatura tinha ficado destruída, o pessoal de estado maior ligado à logística e a manutenção estava a ser solicitado na sua linha de frente para apoiar os procedimentos inerentes à situação.

5 *Roleplay* pode traduzir-se por “jogo de personagens”. Consiste numa encenação, na realização dos actos verbais, em que o cenário é uma situação ou situação e o acto é impulsionado quer seguindo como reagente ao ambiente ou na situação descrita.

6 Evidentemente que o comandante de companhia se atinge que as suas decisões resolvem problemas comuns de mesmo modo, no que respecta à resolução de situações como ataques aéreos ou fogos indirectos, não há muitas dúvidas, porque faz parte dos manuais, referências a situações que possam constituir NTP específicas das subdivisões, como os procedimentos em caso de captura de PK (procedimentos, onde é a quem entregar), procedimentos em pontos de ligação, etc.

7 Dado de seis faces – 100% na “linguagem técnica” dos jogos de simulação, que utilizam normalmente dados de diversas faces para calcular os efeitos das acções, através da comparação do resultado obtido com o valor de uma tabela (sit. deslocamentos, etc.); os dados utilizados são designados por uma sequência “apoiada”, em que “x” é o número de dados a jogar e “y” o número de faces do dado. O mais comum é o conteúdo dado de 6 faces, mas há regras que requerem dados de 1, de 6, 10, 12 ou 20. A título de curiosidade, para os dois percentagens aleatórias, utiliza-se o 10100, que não é mais do que 2010 de dois diferentes em que um dos 100 representa sempre as dezenas e o outro as unidades. Neste caso, das zeros representam normalmente 100%.

8 Também designados de *eventos* na gíria dos jogos de simulação.

Bibliografia:

ASQUITH, Stuart, *A Guide to Wargaming*, Argo Books, Herts, 1987.
MACRIS, Alex e MAHER, John, *Modern Spearhead*, 2000 Wargames Inc.

Internet:

SMITH, Roger D., *Essential techniques for military modelling & simulation*, <http://www.modellingandsimulation.com/papers/vol40/>
GATFRED, Matthew, *Journal of military based wargaming for wargaming*, <http://www.strategypage.com/articles/target=44444442.htm#readme-long>



Fichas (counters) para simulações de escalão pelotão e superiores



Carros de Combate

LEOPARD 2 A6

Para quem julgava a Brigada Mecanizada, um dinossauro em vias de extinção por desnecessária e demasiado cara, aqui estão os primeiros oito Carros de Combate Leopard 2 A6 (e um de instrução), dos 37 que o Exército entendeu adquirir para materializar, nesta fase, o início da criação de uma capacidade blindada e mecanizada efectiva, de escalão Agrupamento.

Os recentes acontecimentos e conflitos têm confirmado a utilidade e importância de meios mecanizados e blindados, mesmo em operações de apoio à paz ou de reconstrução dos estados, como se tem podido confirmar pela notícias que nos chegam dos quatro cantos do mundo, dos mais diferentes teatros de operações, em cenários de actuação muito distintos.

Esta constatação traduziu-se na intenção de criar uma capacidade blindada e meca-

nizada robusta, de nível agrupamento com dupla valência (forte em carros ou em infantaria), que possa servir Portugal nas diferentes missões que nos forem cometidas pela poder político, em igualdade de circunstâncias com os nossos aliados e com o mesmo nível de execução e qualidade.

A escolha da BrigMec para hospedar o novo CC resulta das suas características únicas, que não conhecem paralelo em nenhuma outra estrutura do Exército e que a tornam especialmente vocacionada para lidar com o novo sistema de armas.

Ao longo da sua história, a BrigMec e o Campo Militar de Santa Margarida sempre foram, para o Exército, um centro de formação de quadros e tropas, de inestimável utilidade onde, gerações de distintos oficiais, foram temperadas pelo contacto com as tropas e pela prática constante da operação dos meios.

Por isso, o Exército sempre reconheceu à BrigMec um lugar único no conjunto das suas forças e o prestígio que, da sua elevada proficiência, resultava para as Forças Armadas e para o país. Em mais nenhuma outra estrutura do Exército era possível combinar com a mesma flexibilidade e economia quadros, tropas e meios num processo único de treino, altamente motivador para os quadros, que completavam a sua passagem pela Brigada mais seguros das suas capacidades, mais firmes na defesa das suas convicções, mais aptos ao emprego dos meios e mais conhecedores e sensíveis às necessidades das tropas.

O Leopard 2 A6 que agora dá entrada na BrigMec é o melhor Carro de Combate, actualmente ao serviço dos Exércitos Ocidentais. Este relancesamento dos meios é um factor de motivação adicional invertendo um ciclo de preocupações com o futuro da Brigada, face

ao desmembramento progressivo do conceito de Brigada Independente e das crescentes dificuldades de treino em ambiente de armas combinadas.

As alturas como esta, em que na prática é invertida uma lógica de progressiva redução da importância e do papel da Brigada mecanizada, traduzem-se em oportunidades singulares para o incremento e reforço do seu papel como escola de quadros e tropas que sempre foi. É nestas alturas que a motivação cresce, o empenhamento redobra e se reforça o espírito de melhor servir o Exército e Portugal.

Quem julga no entanto, que a entrada ao serviço dos novos Carros de Combate conseguirá por si só, aquilo que o esforço aturado dos seus homens não conseguir justificar doravante, não percebeu nada do que se passa à sua volta.

A oportunidade que assim fica criada, só fará sentido se os homens e as mulheres que prestam serviço em Santa Margarida souberem, com o seu esforço, dedicação e competência identificar os novos problemas que urge agora resolver e as implicações que do ponto de vista doutrinário, organizativo, de sustentação, de formação e de operação dos meios se impõe que sejam identificadas, analisadas e resolvidas.

Nada do que se passar em relação ao novo CC poderá ser alheio à BrigMec, nenhuma decisão sobre este novo sistema de armas, deixará de ter consequências sobre a BrigMec, nenhum factor que afecte a capacidade de operação destes CC deixará também de afectar a capacidade da BrigMec. A Brigada Mecanizada não tem alternativa ao envolvimento empenhado na garantia da eficiência da operacionalidade e da sustentabilidade dos meios.

As tarefas que o novo sistema de armas obriga a equacionar dão origem a um conjun-

to de desafios e iniciativas, que constitui um elevado factor de motivação e de dinamismo para a Cavalaria portuguesa, para a Brigada Mecanizada e para o Exército.

Sendo uma preocupação dos responsáveis a todos os níveis é também uma fantástica ferramenta à disposição da Arma de Cavalaria, do Quartel da Cavalaria e da BrigMec e uma oportunidade única para um debate intenso e profícuo que envolverá todos os problemas relacionados com este CC permitindo o incremento do património de conhecimentos e uma acrescida eficiência do Exército.

A sofisticação tecnológica e as novas capacidades e características dos meios deverão obrigá-los a reflectir, a todos os escalões e em todos os fóruns sobre os conceitos de emprego, sobre as novas potencialidades, definições e condicionantes que obrigatoriamente surgirão na área da formação e ensino, na área da manutenção e sustentação logística, na área das infra-estruturas e em todas as restantes relacionadas com a operação do novo sistema de armas.

Não é aceitável copiar modelos existentes a um problema novo sem medir conscientemente as consequências, sob o risco das soluções não baterem certo com os problemas e de não conseguirmos, de forma inteligente e inovadora retirar todo o partido do equipamento. Não podemos correr o risco de encontrar as soluções certas para os problemas errados.

É necessário identificar as limitações que o novo sistema impõe para a Brigada Mecanizada, nesta fase. Como é que serão resolvidos os problemas de interoperabilidade dos meios? Se a Viatura Blindada de recuperação M-88 não é adequada ao apoio deste meio, como resolver o problema? Se a Viatura blindada de lançamento de pontes não suporta a tonelagem do CC Leopard 2 A6, como resolver

o problema? Que características deverão ter as viaturas blindadas de Infantaria para poder acompanhar este carro de combate? O Exército não dispõe de plataformas para o transporte do novo CC. Será que pretende resolver o problema de forma autónoma? Com que capacidade?

Qual o papel e a necessidade de simuladores? Poderemos dispensá-los? Quais os custos e benefícios resultantes da sua utilização? Como poderemos preencher as necessidades neste domínio? Que sistemas, para que finalidades, para colocar onde? Em que número?

Quanto custa um CC? Quanto custa um curso de CC? Quais os perfis dos formandos? Quais os requisitos a que devem satisfazer? Terão que ser todos graduados? Qual a forma eficiente de conduzir a instrução e treino neste novo sistema? Que tipo de força deverá estar equipada com este CC? Para servir que finalidades? Que missões? Para que efeitos?

As perguntas neste momento são mais do que as respostas. O seu esclarecimento é imperativo e é isso que torna esta oportunidade estimulante e congregadora num esforço que resultará, estou certo, num aumento significativo da eficiência do Exército e da capacidade dos seus quadros de pensar para o futuro.

Este projecto é, sem dúvida, uma nova e excelente oportunidade para que a BrigMec renove o seu papel de escola de conhecimentos e de virtudes oferecendo ao Exército uma capacidade única e insubstituível.

A Brigada Mecanizada, face à concentração dos CCLepard 2 A6 em Santa Margarida tem um papel determinante nesta dinâmica de renovação.

Estarémos à altura do desafio?

*Cor Tir Alves Ferreira
2º Cmdt da BrigMec*



Educação Física e Desporto



G3/BrigMec

EDP 18ª MEIA MARATONA DE LISBOA

Em 16 de Março de 2008, pela primeira vez a BrigMec participou neste evento nacional com 27 atletas de várias unidades.

LVIII GRANDE PRÉMIO DA AVENIDA



Organizada pela CCS/BrigMec realizou-se em 19 de Março a LVIII edição do Grande Prémio da Avenida.

Prova tradicional na nossa Brigada que, para além dos objectivos de uma prova de atletismo, pretende contribuir para a sã camaradagem e espírito de corpo entre todos os militares e civis das diversas Unidades da BrigMec.

As classificações finais das Provas da Avenida ficaram estabelecidas da seguinte forma:

ESCALÃO A FEMININO

- 1ª Fur Alves – 1ª BIMec (9'22"41)
- 2ª Fur Fonseca – 1ª BIMec
- 3ª Sold Rodrigues – 2ª BIMec
- 4ª Sold Carvalho – 1ª BIMec
- 5ª ZCab Rodrigues – GCC

ESCALÃO A MASCULINO

- 1ª TCal Pardo – GCC (7'17"20)
- 2ª CAdj Nunes – 1ª BIMec
- 3ª CAdj Almeida – GCC
- 4ª Alf Viana – 1ª BIMec
- 5ª Fur Ribeiro – GCC

ESCALÃO B FEMININO

- 1ª TSar Pereira – GAC (10'39"07)
- 2ª TSar Barbosa – BApSvc
- 3ª Civil Almerinda – GCC
- 4ª Civil Silvério – GCC
- 5ª TSar Silva – ERec

ESCALÃO B MASCULINO

- 1ª TSar Pedro – 1ª BIMec (8'15"00)
- 2ª Alf Sousa – BApSvc
- 3ª Cap Jesus – 1ª BIMec
- 4ª TSar Santos – BApSvc
- 5ª TSar Gameiro – CEng

ESCALÃO C MASCULINO

- 1ª TCor Pedro – CCS (9'05"00)
- 2ª TCor Calmeiro – CCS
- 3ª Sá Sanches – 1ª BIMec
- 4ª Cap Garcia – BApSvc
- 5ª Ten Cordeiro – UnAp

ESCALÃO D MASCULINO

- 1ª Civil Picão – UnAp (10'04"00)
- 2ª Maj Domingues – UnAp

A Unidade vencedora da LVIII edição foi a 1ª BIMec.

CAMPEONATO DESPORTIVO MILITAR – ORIENTAÇÃO FASE II

O Grupo de Artilharia de Campanha com o apoio da Federação Portuguesa de Orientação organizou de 25 a 28 de Março de 2008 o campeonato desportivo de orientação.

As Unidades ficaram ordenadas da seguinte forma:

- | | |
|-----------|----------|
| 1ª Class | 1ª BIMec |
| 2ª Class | 2ª BIMec |
| 3ª Class | GCC |
| 4ª Class | GAC |
| 5ª Class | BApSvc |
| 6ª Class | CEng |
| 7ª Class | UnAp |
| 8ª Class | CCS |
| 9ª Class | IAAA |
| 10ª Class | ERec |
| 11ª Class | CTm |



ESTAFETA D. NUN'ÁLVARES PEREIRA



Decorreu em 02 de Abril de 2008 a Estafeta D. Nun'Álvares Pereira. Cerca de trezentos militares participaram nesta prova. Com elevado espírito competitivo e sã camaradagem, esta edição contou com a participação das Camaradas da BrigRR.

As Equipas ficaram ordenadas da seguinte forma:

ESCALÃO MASCULINO		ESCALÃO FEMININO	
1ª Class	GCC (1:54)	1ª Class	1ª BIMec (1:50)
2ª Class	1ª BIMec (1:56)	2ª Class	2ª BIMec (1:51)
3ª Class	2ª BIMec (6:03)	3ª Class	GCC (1:53)
4ª Class	CEng (6:17)	4ª Class	BrigRR (1:53:30)
5ª Class	BAPsv (6:19)	5ª Class	GAC (1:59)
6ª Class	GAC (6:28)	6ª Class	BAPsv (2:01)
7ª Class	ERec (6:35)	7ª Class	CEng (2:02)
8ª Class	BAAA (6:46)	8ª Class	BAAA (2:04)
9ª Class	UnAp (6:50)	9ª Class	ERec (2:11)
10ª Class	CTm (6:55)	10ª Class	UnAp (2:13)
11ª Class	CCS (7:06)	11ª Class	CCS (2:16)
12ª Class	BrigRR (7:23)	12ª Class	CTm (2:24)

CAMPEONATO DESPORTIVO MILITAR – ORIENTAÇÃO FASE III

A BrigMec participou no campeonato desportivo militar de orientação de 05 a 07 de Maio de 2008. Prova organizada pelo Regimento de Cavalaria Nº 3.

A Equipa Feminina da BrigMec obteve o 7º lugar.

CAMPEONATO DESPORTIVO MILITAR – PENTATLO MILITAR FASE II



A CTm, com o apoio do 1ª BIMec, organizou o campeonato desportivo militar de Pentatlo militar, que decorreu de 26 a 30 de Maio. As provas realizaram-se nas instalações desportivas da Brigada e na piscina da Escola de Tropas Para-quedistas.

As Equipas ficaram ordenadas da seguinte forma:

1ª Class	2ª BIMec	7ª Class	CEng
2ª Class	1ª BIMec	8ª Class	UnAp
3ª Class	BAAA	9ª Class	BAPsv
4ª Class	GCC	10ª Class	CTm
5ª Class	GAC	11ª Class	CCS
6ª Class	ERec		



I GRANDE PRÉMIO DE CICLISMO DA UALE

A BrigMec contou com a participação de 7 atletas no "I Grande Prémio de Ciclismo da UALE" no dia 28 de Maio de 2008 e demonstrou, mais uma vez, o espírito participativo e a abertura a outros eventos desportivos.

LIX GRANDE PRÊMIO DA AVENIDA



Realizou-se a 06 de Junho, a LIX edição do Grande Prêmio da Avenida. Prova tradicional na nossa Brigada que, para além dos objectivos de uma prova de atletismo, pretende contribuir para a sã camaradagem e espírito de corpo entre todos os militares e civis das diversas Unidades da BrigMec.

As classificações por escalões foram as seguintes:

ESCALÃO A FEMININO

- 1º Fur Fonseca – 1º BIMec (9'24"68)
- 2º Sold Santos – 1º BIMec
- 3º Sold Taveira – 1º BIMec
- 4º Fur Alves – 1º BIMec
- 5º 2Cab Ferreira – GCC

ESCALÃO A MASCULINO

- 1º 1Cab Paixão – GCC (6'57"46)
- 2º 1Cab Nogueira – GCC
- 3º 2Fur Nogueira – 2º BIMec
- 4º Cadj Nunes – 1º BIMec
- 5º 1Cab Nevoa – GCC

ESCALÃO B FEMININO

- 1º 1Sar Barbosa – BApSvc (10'30"22)
- 2º Cap Arsénio – BApSvc
- 3º Ten Branco – UnAp
- 4º 1Sar Cruz – 1º BIMec

ESCALÃO B MASCULINO

- 1º 1Sar Pedro – 1º BIMec (7'57"02)
- 2º Alf Sousa – BApSvc
- 3º 1Sar Santos – BApSvc
- 4º 1Sar Faria – BApSvc
- 5º 1Sar Silvestre – ERec

ESCALÃO C MASCULINO

- 1º TCor Pedro – CCS (8'18"19)
- 2º SAdj Rodrigues – UnAp
- 3º SAdj Sanches – 1º BIMec
- 4º Maj Leitão – 1º BIMec
- 5º TCor Calmoiro – CCS

ESCALÃO D MASCULINO

- 1º Civil Picão – UnAp (8'22"09)

A Unidade vencedora da LIX edição foi o 1º BIMec.

CAMPEONATO DESPORTIVO MILITAR – PENTATLO MILITAR FASE III



Os atletas da Brigadas participaram no campeonato desportivo militar de Pentatlo Militar de 23 a 27 de Junho de 2008 no Regimento de Infantaria Nº 3.

EQUIPAS MASCULINAS	1º Class	BrigRR
	2º Class	CID
	3º Class	BrigMec
	4º Class	BrigInt
	5º Class	ZMA
	6º Class	ZMM

EQUIPAS FEMININAS	1º Class	BrigMec
	2º Class	BrigInt
	3º Class	BrigRR
	4º Class	ZMM
	5º Class	CID
	6º Class	ZMA

TACA COMANDO DA INSTRUÇÃO E DOCTRINA (CID)	1º Class	BrigMec
	2º Class	BrigRR
	3º Class	BrigInt
	4º Class	CID
	5º Class	ZMM
	6º Class	ZMA

ATLETA EM EVIDÊNCIA NO 1º SEMESTRE DE 2008

Neste espaço pretende-se de uma forma singela mas honesta, homenagear este atleta que mais elevou o nome da BrigMec e tem por objectivos as seguintes:

1. Incentivar a prática desportiva;
2. Homenagear todos os atletas, vencedores e não vencedores, participantes em actividades desportivas da BrigMec;
3. Homenagear o atleta que mais se evidenciou no 1º Semestre a que se refere a revista.

Nunca poderemos esquecer, contudo, todos aqueles que, prova após prova, com esmero, muito querer e dedicação também dignificam as equipas representativas da BrigMec.



Nome: **Bruna Diana Braga da Silva Taveira**

Posto: **Sold RC**

Data de Nascimento: **27 de Janeiro de 1986**

Naturalidade: **Porto**

Na BrigMec desde: **29 de Outubro de 2005**

Unidade: **1º BIMec**

Tiro Desportivo – Fase III
5º Class Equipa e 10º Class Individual

LIX Grande Prémio da Avenida
3º Class

Estafeta D. Nun' Álvares Pereira
1º Class Equipa

Pentatlo – Fase II
1º Class Equipa e 1ª Class Individual

Pentatlo – Fase III
1º Class Equipa e 2ª Class Individual





Atoleiros

Revista Militar da Escola Politécnica